

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

RENATA MARIA DE OLIVEIRA NEIVA

**Uma feira para Amélia: a educação da mulher brasileira
pela coluna *Correio Feminino* do jornal *Correio da Manhã* (1959-1961)**

Uberlândia

2014

RENATA MARIA DE OLIVEIRA NEIVA

**Uma feira para Amélia: a educação da mulher brasileira
pela coluna *Correio Feminino* do jornal *Correio da Manhã* (1959-1961)**

Relatório final de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Tecnologias, Comunicação e Educação.

Linha de Pesquisa: Tecnologias e Interfaces da Comunicação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Raquel Discini de Campos.

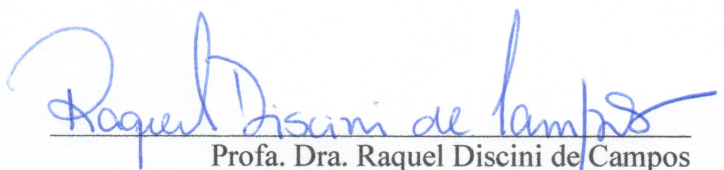
Uberlândia

2014

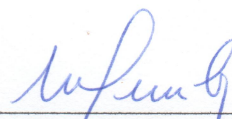
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

- N417f
2014
- Neiva, Renata Maria de Oliveira, 1966-
Uma feira para Amélia : a educação da mulher brasileira pela coluna
Correio Feminino do jornal Correio da Manhã (1959-1961) / Renata
Maria de Oliveira Neiva. - 2014.
143 f. : il.
- Orientador: Raquel Discini de Campos.
Relatório (mestrado profissional) - Universidade Federal de
Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação
e Educação.
Inclui bibliografia.
1. Educação - Teses. 2. Correio da Manhã (Jornal) – Mulheres -
Teses. 3. Lispector, Clarice, 1925-1977 - Teses. 4. Imprensa - Educação
- Teses. I. Campos, Raquel Discini de. II. Universidade Federal de
Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

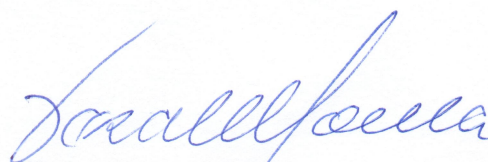
BANCA EXAMINADORA

A handwritten signature in blue ink, reading "Raquel Discini de Campos", written over a horizontal line.

Profa. Dra. Raquel Discini de Campos
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

A handwritten signature in blue ink, reading "Maria Teresa Santos Cunha", written over a horizontal line.

Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha
Universidade Estadual de Santa Catarina – UDESC

A handwritten signature in blue ink, reading "Vera Lúcia Puga", written over a horizontal line.

Profa. Dra. Vera Lúcia Puga
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

AGRADECIMENTOS

Ao companheiro Leonardo Baldez, por “dar a tudo, tranquilamente, sua corrente de vida”.

Leo, “sei que não começamos pelo começo. Já era amor antes de ser”.

Aos filhos Pedro e Ana Luísa, pelos “instantes cada vez mais completos”.

À orientadora Raquel Discini de Campos, bela em cada gesto, sempre disposta a transitar fronteiras, a compartilhar saberes e a “usufruir da largueza do mundo inteiro”.

Aos jornalistas Ruy Castro, Fuad Atala e Germana de Lamare, que construíram parte da história do *Correio da Manhã*: uma delícia saborear suas palavras, suas lembranças, suas emoções e seus silêncios.

Às historiadoras Carla Bassanezi Pinsky, Luzia Margareth Rago, Tania Regina de Luca e Vera Lúcia Puga que, com generosidade, me ajudaram a interpretar ecos do passado.

À colega jornalista, professora Ana Cristina Menegotto Spannenberg, que, com delicadeza e sensibilidade, me apontou novos caminhos.

À amiga Elisa Chueiri: “além de ser altamente gostável, você tem a coisa mais preciosa que existe: candura”.

“Há mil clarices em mim”

(Clarice Lispector)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: 1ª edição do <i>Correio da Manhã</i> (15 de junho de 1901).....	17
Figura 2: Primeiros anúncios do <i>Correio da Manhã</i> dirigidos às mulheres.....	32
Figura 3: Anúncio de <i>Lugolina</i> (22 de março de 1903)	33
Figura 4: Edição de 7 de maio de 1911	35
Figura 5: <i>Coisas Femininas</i> (13 de setembro de 1925)	37
Figura 6: <i>Assumptos Femininos</i> (6 de dezembro de 1925).....	39
Figura 7: <i>Correio Feminino</i> (28 de setembro de 1930).....	42
Figura 8: <i>Correio da Manhã Feminino</i> (9 de maio de 1937)	44
Figura 9: <i>Correio da Manhã Suplemento Feminino</i> (18 de fevereiro de 1940).....	46
Figura 10: <i>Vamos falar de mulheres?</i> (26 de agosto de 1956).....	48
Figura 11: <i>Correio da Manhã Caderno Feminino</i> (6 de maio de 1962)	50
Figura 12: Caderno <i>Bela</i> (10 de janeiro de 1970)	52
Figura 13: 2º Caderno do <i>Correio da Manhã</i> (23 de setembro de 1959).....	56
Figura 14: Croqui (23 de setembro de 1959).....	58
Figura 15: Fotografia de moda (3 de fevereiro de 1960).....	59
Figura 16: Tabela de Medidas Ideais (13 de novembro de 1959)	62
Figura 17: <i>Amélia</i> , personagem da <i>Feira de Utilidades</i>	63

SUMÁRIO

1 PROJETO.....	8
2 APRESENTAÇÕES ORAIS DA PESQUISA.....	13
3 <i>CORREIO DA MANHÃ</i>	16
4 O PRODUTO: VIDEODOCUMENTÁRIO.....	86
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	128
REFERÊNCIAS.....	132

1 PROJETO

Título

Uma feira para Amélia: a educação da mulher brasileira pela coluna *Correio Feminino* do jornal *Correio da Manhã* (1959-1961). Relatório técnico-científico para produção do videodocumentário O espelho de Amélia: a feira de Helen Palmer no *Correio da Manhã*.

Local de realização

Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Período de vigência

25/03/2013 a fevereiro de 2015

Orientanda

Renata Maria de Oliveira Neiva

Orientadora

Prof.^a Dr.^a Raquel Discini de Campos

Resumo do projeto

O presente relatório técnico-científico demonstra os resultados obtidos com a pesquisa Uma feira para Amélia: a educação da mulher brasileira pela coluna *Correio Feminino* do jornal *Correio da Manhã* (1959-1961) desenvolvida durante o Mestrado Interdisciplinar em Tecnologias, Comunicação e Educação do Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Além de apresentar um relato da investigação, o relatório traz dados sobre o produto desenvolvido durante o curso, o videodocumentário O espelho de Amélia: a feira de Helen Palmer no *Correio da Manhã*.

A pesquisa analisou os ensinamentos dados às leitoras do *Correio da Manhã* (RJ) bem como as representações sobre elas que circulavam na coluna *Correio Feminino: Feira de Utilidades*, publicada no *Segundo Caderno*, entre 1959 e 1961. Redigida pela escritora Clarice Lispector, que adotava o pseudônimo Helen Palmer, a coluna trazia textos voltados à leitura da mulher jovem e casada (ou à procura de marido), e abordava temas relacionados ao universo feminino dos grupos das camadas médias urbanas. Observou como o jornal educava

essa mulher que surgia no fim dos anos de 1950 - uma mulher que tentava equilibrar-se entre o tripé mãe/dona de casa/esposa e o perfil da nova trabalhadora cidadina que, lentamente, começava a conquistar o mercado.

O estudo investigou, portanto, não apenas como as mulheres eram imaginadas e representadas no impresso, mas também como foram educadas por um jornal de grande influência em todo o País para assumir determinados papéis sociais voltados, sobretudo, para a satisfação do olhar do *outro*, mas não só. Sob inspiração das pesquisas referentes à História Social da Imprensa, a Gênero e à História da Educação das Mulheres, o presente trabalho examinou as colunas de Helen Palmer, relacionando texto e contexto de uma seção escrita por e para a mulher.

Objetivos delimitados

Gerais

- a) Produzir o videodocumentário *O espelho de Amélia: a feira de Helen Palmer no Correio da Manhã*, sobre a coluna *Correio Feminino: Feira de Utilidades*, entrevistando jornalistas que trabalharam no *Correio da Manhã* e/ou conviveram com Clarice Lispector e pesquisadores das áreas de História do Brasil, História das Mulheres e História da Imprensa, buscando problematizar as fontes analisadas.
- b) Mapear e analisar a produção de Helen Palmer (Clarice Lispector), tendo como objeto específico a leitura da coluna *Correio Feminino: Feira de Utilidades* do jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, no período compreendido entre 1959 e 1961. A partir da investigação da História Social da Imprensa e da História da Educação das Mulheres, buscar compreender de que forma o jornal contribuiu para um tipo de educação feminina e para a construção de um determinado papel social da mulher.

Específicos

- a) Interrogar o passado, tomando como referências questões que fazem parte do cotidiano das mulheres brasileiras nos dias atuais.
- b) Apreender questões sobre relações de gênero, imprensa e educação a partir de um olhar crítico sobre uma coluna redigida por uma mulher e dirigida às mulheres em um período de intensas transformações sociais e culturais no País.

Desenvolvimento da pesquisa

Cronograma executado

a) Março de 2013 a Julho de 2013

Conclusão das disciplinas do Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Faculdade de Educação. Foram obtidos os créditos referentes às disciplinas *Procedimentos Metodológicos de Pesquisa e Desenvolvimento*, *Atividades Programadas 1*, *Orientação 1* e *Educomunicação*, num total de 195 horas-aula. Participação, como ouvinte, da disciplina *Imprensa, gênero e educação*, oferecida pelo Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia. A disciplina procurou historicizar a emergência e a consolidação da temática feminina nos mais variados âmbitos, particularmente na imprensa ocidental, e buscou refletir sobre o papel social da mídia no que diz respeito à educação não formal das mulheres.

Organização e execução da pesquisa bibliográfica e documental. Nesse momento, foi realizado o levantamento geral das fontes relacionadas à vida da escritora/jornalista Clarice Lispector e, especificamente, do período correspondente a sua atuação como colunista do *Jornal Correio da Manhã*, no Rio de Janeiro. Tal levantamento foi feito por meio da pesquisa bibliográfica e junto à Fundação Biblioteca Nacional que, por meio do portal de periódicos Hemeroteca Digital Brasileira, disponibiliza parte do acervo do *Jornal Correio da Manhã* para consultas por meio da internet.

Nesse período, foram feitos, portanto, o levantamento de conteúdos e a revisão bibliográfica sobre a História da Educação das Mulheres e início da leitura das 111 colunas *Correio Feminino: Feira de Utilidades* encontradas na Hemeroteca Digital Brasileira, assinadas por Helen Palmer e publicadas entre fevereiro de 1959 e maio de 1961. Também foi feita a investigação, década por década, acerca das páginas femininas do *Correio da Manhã*. Os primeiros resultados da pesquisa foram divulgados em congressos regionais, nacionais e internacionais da área de História da Educação, a saber: I Seminário de História e Cultura: Historiografia e Teoria da História (Universidade Federal de Uberlândia), XXVII Simpósio Nacional de História (ANPUH/Universidade Federal do Rio Grande do Norte) e Fazendo Gênero 10: desafios atuais dos feminismos (Universidade Federal de Santa Catarina).

b) Agosto de 2013 a Dezembro de 2013

Conclusão das disciplinas *Fundamentos Epistemológicos Interdisciplinares: Informação e Sociedade*, *Atividades Programadas 2* e *Orientação 2* do Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Faculdade de Educação, num total de 165 horas-aula; leitura de 111 colunas, análise do material, participação na *I Oficina Imprensa e Gênero* do I Ciclo de Oficinas de História (Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia); participação no *III Colóquio Nacional Michel Foucault: Política, Pensamento e Ação* (Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia); produção do pré-roteiro do videodocumentário e levantamento de material, como vídeos, fotografias e textos, disponível em acervos digitais de Centros de Documentação e Pesquisa, a saber: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Instituto Moreira Salles, Memória Globo (Organizações Globo), Hemeroteca Digital Brasileira e Centro de Cultura e Memória do Jornalismo (Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Rio de Janeiro).

Ida ao Rio de Janeiro para realização de entrevistas com os jornalistas Fuad Atala e Germana de Lamare, que trabalharam no *Correio da Manhã*. Fuad Atala foi revisor, repórter, chefe de reportagem, secretário de redação e editor do jornal. Ele trabalhou no periódico no mesmo período em que Clarice Lispector redigia a coluna *Correio Feminino: Feira de Utilidades*. Germana de Lamare exerceu suas atividades como repórter e editora do jornal entre 1961 e 1974. Embora tenha sido contratada após a saída de Clarice do *Correio da Manhã*, Germana também redigiu páginas femininas no mesmo jornal. Em 1972, teve contato com a escritora quando foi produzida e veiculada uma entrevista de página inteira com Clarice Lispector.

c) Janeiro de 2014 a Fevereiro de 2014

Produção e execução de entrevista, no Rio de Janeiro, com o jornalista e escritor Ruy Castro, que trabalhou no jornal *Correio da Manhã* em 1967. Ao longo de sua trajetória como jornalista, Castro tem produzido textos sobre a importância do *Correio da Manhã* como um dos jornais mais influentes do Brasil durante o século XX.

d) Fevereiro de 2014 a Maio de 2014

Exame de Qualificação. Produção e execução de entrevistas com as pesquisadoras Tania Regina de Luca (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, em São Paulo), Carla Bassanezi Pinsky (Editora Contexto, São Paulo) e Luzia Margareth Rago (Universidade Estadual de Campinas). Edição do texto e de imagens do videodocumentário. Elaboração do relatório técnico-científico final.

2 APRESENTAÇÕES ORAIS DA PESQUISA

- Seminário de História e Cultura: Historiografia e Teoria da História. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2013.
- XXVII Simpósio Nacional de História. ANPUH/Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN. Natal, 2013.
- Fazendo Gênero 10: desafios atuais dos feminismos. Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC. Florianópolis, 2013.
- XI Congreso Iberoamericano de Historia de la Educación Latinoamericana: Sujetos, poder y disputas por la educación. México: Toluca, maio de 2014.
- II Seminário de História e Cultura: imagens na escrita da História: Universidade Federal de Uberlândia: maio de 2014.

Resumos e textos completos publicados em anais dos seguintes eventos:

- I Seminário de História e Cultura: Historiografia e Teoria da História. Uberlândia: 2013.
- XXVII Simpósio Nacional de História. Natal: 2013.
http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371312285_ARQUIVO_textoanpuhVALE.pdf.
- Fazendo Gênero 10: desafios atuais dos feminismos. Florianópolis: 2013.
http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386626097_ARQUIVO_RenataMariadeOliveiraNeiva.pdf.
- XI Congreso Iberoamericano de Historia de la Educación Latinoamericana: Toluca, México: 2014. <http://www2.cmq.edu.mx/gescon/index.php/cihela/cihela2014>.

Apresentação dos principais resultados obtidos

O estudo exigiu seguir o comportamento dos historiadores e os vestígios deixados por um periódico que teve grande influência no Brasil no século XX. Conforme observou Ginzburg (1989, p. 151), o trabalho do historiador é comparado ao de um detetive, que tenta desvendar um crime, ou ao de um caçador, que segue pegadas na lama, fareja, registra, interpreta e classifica para decifrar pistas - “ler nas pistas mudas”.

Há que se pensar que existe um *como fazer*, ou seja, uma metodologia, no fazer historiográfico. À luz dos ensinamentos dos historiadores ligados ao que se convencionou chamar contemporaneamente de História Social e História Cultural, procurou-se transformar velhos papéis digitalizados na Biblioteca Nacional em fontes para a construção de uma narrativa (CAMPOS, 2009, 2012). Operamos um recorte na série de jornais do *Correio da Manhã*, construindo um sentido novo para ensinamentos de Helen Palmer, numa *operação historiográfica* característica do ofício do historiador (CERTEAU, 1988).

Demos novos sentidos aos vestígios do passado, procurando problematizá-los em seu contexto, conforme bem ensinou Ginzburg (1989). Recorremos, também, à análise da materialidade do impresso, pois assim como demonstraram Chartier (1990, 1996) e Darnton (2010) essa observação é de fundamental importância para a ressignificação dada no presente às funções exercidas pelo impresso no passado.

No que diz respeito à análise das representações do universo feminino, bem como no que concerne à pesquisa dos temas mais recorrentes ligados ao assunto, procuramos nos amparar tanto na historiografia internacional (CHARTIER, 1990, 1996; DARNTON, 2010; PERROT, 2008; PROST, 1992 e outros) quanto em pesquisas nacionais (CAMPOS, 2009; LUCA, 2012; RAGO, 1985; SANT’ANNA, 2012 e outros).

Desse modo, ao trabalhar um material para transformá-lo em história, foram analisados os impressos – os exemplares do *Correio da Manhã* estão disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional. Após esse trabalho, fez-se necessário responder a algumas questões sobre o periódico: que grupo o produzia? A quem era destinado? Como era a rede de sociabilidade dos jornalistas? Como surgiu a coluna *Correio Feminino: Feira de Utilidades*? Quais os principais conteúdos divulgados na seção? Como era feita a diagramação da página? Como eram distribuídas as fotos? Como eram essas fotos? O que merecia destaque? O que merecia ganhar o título principal da coluna? Que tipos de anúncios publicitários circulavam nessas páginas? Qual a relação desses anúncios com as

“matérias jornalísticas”? Qual o ideal de beleza feminina dessa época? Que tipo de comportamento se esperava da mulher?

Em entrevista para este trabalho, Luca afirma que, ao pesquisar periódicos, o que nós temos do passado são sempre representações, construções. Para a historiadora, “alguém fala, alguém escreve, alguém fotografa [...] sempre a partir de um ponto de vista; nós não podemos reconstruir o passado tal como ele foi. Mas nós podemos ter representações desse passado” (LUCA, 2014). Ela alerta para a importância das análises detalhadas: “O índice de um periódico, as manchetes de um jornal [...] me permitem ver qual é a concepção, a leitura de passado, a leitura de presente, os desejos para o futuro que essa publicação tem” (LUCA, 2014). Para a pesquisadora, o jornal nunca é neutro. “Ela (*a publicação*) tem sempre que ser colocada dentro do contexto em que foi produzida e por quem ela foi produzida”, aponta.

Outro passo importante foi produzir para o videodocumentário entrevistas com jornalistas que atuaram no *Correio da Manhã*, seja durante o mesmo período em que Clarice Lispector escrevia a coluna *Correio Feminino: Feira de Utilidades* ou em anos posteriores, mas que por meio da memória puderam reelaborar a realidade vivida naqueles tempos (THOMPSON, 1992). Conforme demonstra Thompson, a avaliação dessas experiências pode dar sentido ao presente. O contato direto com as fontes – profissionais que dividiram o mesmo espaço na redação e/ou as mesmas páginas de um jornal – demonstrou ser ferramenta importante no trabalho de elaboração da pesquisa.

A proposta foi utilizar o método da entrevista jornalística como recurso para buscar a compreensão da história. A fonte oral pôde ser utilizada como importante instrumento para complementar a fonte escrita. Segundo Nora:

A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam: ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discursos críticos. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta e a torna sempre prosaica [...] (NORA, 1993, p. 9).

3 CORREIO DA MANHÃ

Fundado por Edmundo Bittencourt, um jovem advogado, o *Correio da Manhã* foi um dos mais importantes jornais diários brasileiros do século XX. O periódico nasceu durante o governo do presidente Campos Sales que, segundo Nelson Werneck Sodré (1966, p. 316), tinha como prática a compra da opinião da imprensa com o objetivo de estruturar politicamente as forças hegemônicas de então. Desde a primeira edição, em 15 de junho de 1901, caracterizou-se, nas palavras de Sodré (1966, p. 318), por um “ferrenho oposicionismo, de extrema virulência”, em contraste, segundo o historiador, com o “extremo servilismo” de jornais concorrentes. “O *Correio da Manhã* surgiu para combater as oligarquias que dominavam o país desde a proclamação da República”, escreveu Andrade (1991, p. 76). Segundo o jornalista: “A linha editorial, historicamente, sempre foi de defesa da liberdade, da democracia e das grandes idéias. O jornal privilegiava a divulgação de idéias novas. [...] O *Correio da Manhã* foi o jornal que fez oposição a todos os governos, e apoiou a todos, constitucionalmente”. (ANDRADE, 1991, p. 63).

Considerado uma empresa jornalística capitalista, ao contrário dos pequenos jornais e folhas, empreendimentos individuais e efêmeros comuns no fim do século XIX, o *Correio da Manhã* publicou o primeiro número com um total de seis páginas, sendo que três eram compostas por anúncios. Na primeira página, Edmundo Bittencourt assinou um editorial que ocupou duas das oito colunas:

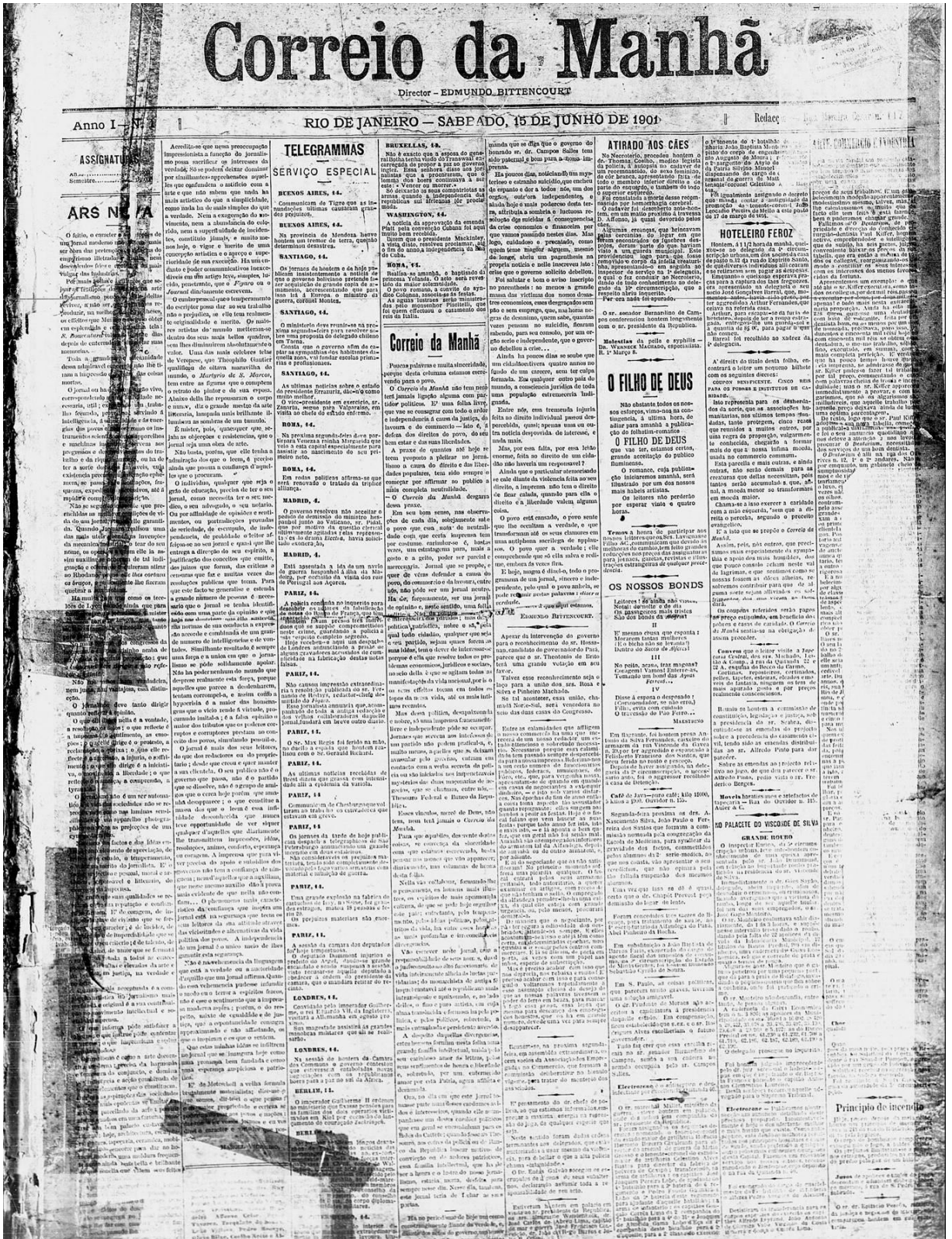
[...] o *Correio da Manhã* não tem nem terá jamais ligação alguma com partidos políticos. É uma folha livre, que vae se consagrar com todo o ardor e independência à causa da justiça, da lavoura e do commercio – isto é, à defeza dos direitos do povo, do seu bem estar e de suas liberdades. [...] não pode ser um jornal neutro. Há de, forçosamente, ser um jornal de opinião e, neste sentido, uma folha política. (BITTENCOURT, 1901, p. 1).

Nessa primeira carta dirigida aos leitores, portanto, Edmundo Bittencourt referiu-se ao *Correio da Manhã* como um periódico autônomo, “uma imprensa livre e independente”. Por causa da linha editorial escolhida, o jornal foi muito visado pelo poder. Para Atala (2002), “um dos fascínios do *Correio da Manhã* era sua inquebrantável rebeldia, sua insubmissão a qualquer forma de mandonismo”.

O jornal nasceu num período de intensas transformações políticas, econômicas e sociais no Brasil – a Primeira República. Para Fausto (2012, p. 236-259), a imigração em massa e os processos de urbanização e de industrialização, que possibilitaram o crescimento

das cidades e a diversificação de suas atividades, foram as principais mudanças socioeconômicas ocorridas a partir das últimas décadas do século XIX até os anos 1930.

Figura 1: 1ª edição do *Correio da Manhã* (15 de junho de 1901)



O novo século trazia ao País ideais de progresso e impulsionava o sonho de ser moderno e civilizado. As novas tecnologias, como daguerreótipos e linotipo, começaram a ser implantadas nos mais importantes periódicos do Rio de Janeiro. Segundo Barbosa (2007, p. 21-22), as empresas jornalísticas, gradativamente, mudam seus modos de produção e o discurso com que se autorreferenciam. São os símbolos de um novo tempo que contribuem para as transformações do cenário urbano.

Em busca de um novo rumo para a nação, o governo republicano sinalizou com avanços nas comunicações e no letramento da população. O modo de vida urbano exigia velocidade e eficiência. Para Luca (2008, p.137-138), a imprensa tomou parte ativa nesse processo de aceleração. Com a nova tecnologia, os jornais diários obtiveram melhor qualidade de impressão. Houve aumento das tiragens e os exemplares ficaram mais baratos. Com o processo de distribuição mais ágil, os periódicos começaram a chegar a regiões mais distantes da capital.

E, com um forte caráter opinativo, o *Correio da Manhã* foi conquistando, dia após dia, o posto de jornal independente. Em entrevista gravada para esta pesquisa, o jornalista Ruy Castro definiu o jornal da seguinte maneira:

Simplesmente dividiu a imprensa, antes e depois do *Correio da Manhã*. Desde o começo, foi o jornal mais combativo, mais corajoso, mais independente, e mais ilustre, de certa maneira, do país. Você vai encontrar o *Correio da Manhã* desempenhando um papel importante em todas as atividades políticas e crises políticas do Brasil dos anos 20. Para você ter uma ideia, o Artur Bernardes, que foi o presidente do Brasil, entre 1922 e 1926, teve que fechar o *Correio da Manhã* para poder governar. Então, ele impôs uma ditadura de três ou quatro anos, fechou o Congresso, fechou tudo e teve que fechar o *Correio da Manhã* também. O resto da imprensa ele segurava. Mas o *Correio da Manhã* ele fechou na base das armas. [...] O *Correio da Manhã* foi fundamental na redemocratização do Brasil em 45 porque ainda com o Getúlio presidente publicou a entrevista famosa do Carlos Lacerda com José Américo de Almeida, que foi a entrevista que detonou a censura no Estado Novo e abriu o caminho para a queda do Getúlio. E aí depois, sabe, mil crises, o *Correio da Manhã* sempre numa atitude de coerência [...] até mudar de posição e continuar coerente ao mesmo tempo porque ele cobrava posição da democracia, do liberalismo, da verdade, da retidão, da honestidade etc. (CASTRO, 2014).

A postura de independência prevaleceu nos anos seguintes. Nos anos 1950, quando houve uma intensa modernização da imprensa brasileira, o *Correio da Manhã* era um dos 18 jornais diários produzidos no Rio de Janeiro. Segundo Barbosa (2007, p. 154),

entre os que possuem maior poder de difusão, não apenas em função das tiragens, mas pela influência política que detêm, estão os matutinos *Correio da Manhã*, *O Jornal*, *Diário de Notícias*, *O Dia* e a *Luta Democrática* e os vespertinos *O Globo*, *Última Hora*, *Tribuna da Imprensa* e *Diário Carioca*.

Embora tivesse maior poder político, o *Correio da Manhã* não tinha a maior tiragem entre os periódicos cariocas. Em seus melhores momentos, chegou a circular diariamente com mais de 200 mil exemplares. Mas, nos anos 1960, os jornais populares tinham números mais significativos: *O Dia*, com 230 mil exemplares, e *Luta Democrática*, com 130 mil. O *Correio da Manhã* saía diariamente com 53 mil exemplares e o *Jornal do Brasil*, com 59 mil (BARBOSA, 2007, p. 155).

Mas, a influência política que exercia em nível nacional era a principal força do jornal. Ao ser questionado sobre qual periódico tinha o maior prestígio no Rio de Janeiro nos anos 1950, o jornalista Villas-Boas Correia respondeu:

Certamente, disparado, o *Correio da Manhã* era o mais importante, com mais peso político; o *Diário de Notícias* era o segundo, pela respeitabilidade. Era um jornal mais duro, menos malicioso. [...]. Em seguida vinha *O Jornal*, dos Diários Associados, que tinha o seu peso; o *Diário Carioca*, um jornal muito vivo, muito inteligente, mas de tiragem relativamente pequena. Depois os jornais mais populares: *Gazeta de Notícias*, *O Dia*, de grande tiragem mas sem peso político. Os vespertinos eram *O Globo*, no princípio, *A Noite*, o *Diário da Noite*, um jornal mais escandaloso, dos Associados, *A Notícia*, na área popular, *Correio da Noite*, jornal dos padres, *Vanguarda*, jornal integralista. (CORREIA, 1998).

Para Beltrão, o prestígio do jornal atravessava fronteiras. “É um dos mais conceituados diários do País e dos únicos cuja opinião alcança repercussão no exterior, graças, sobretudo, ao seu corpo de jornalistas e colaboradores de primeira água”, define (BELTRÃO, 1969, p. 290). A influência era tamanha que o jornalista Fuad Atala, que foi revisor, repórter, chefe de reportagem, chefe de redação e editor do jornal, atividades exercidas entre 1953 e 1971, afirma que a missão do periódico era quebrar o monopólio da imprensa governista. Um veículo tão influente que, com reportagens e editoriais, era capaz de mudar a estrutura do governo federal, conforme relato de Atala:

Eu me lembro de um episódio mais recente, já na época do JK, pra você ver a força do jornal, teve um problema com importação de whisky que o *Correio da Manhã* denunciou. Era um whisky importado a um 1 dólar. Uma mutreta que havia. Não sei quem do governo que se beneficiava. O *Correio da Manhã* denunciou isso. [...] E o ministro da Fazenda era o José Maria Alkmin. E o *Correio da Manhã* começou a bater em cima do Alkmin, criticá-lo, uma opinião forte em cima do Alkmin, contra o governo, até

contra o Juscelino. E tinha um repórter que todo dia ia fazer a cobertura do Ministério da Fazenda. Todo dia ele vinha de lá com uma novidade e o *Correio da Manhã* tascava lá a reportagem e metia opinião em cima. E chegou um belo dia em que o Alkmin caiu. Eu me lembro como se fosse hoje. Eu estava lá no fundo da redação, o repórter abriu a porta da redação esbaforido e gritou bem alto: “Bahia, derrubamos o Alkmin”. Bahia era o redator-chefe, Luiz Alberto Bahia. [...] E era verdade mesmo. O *Correio da Manhã* derrubou o Alkmin. (ATALA, 2013).

Derrubava ministros e influenciava mudanças de rumos nacionais. Foi assim em 1964. De acordo com Castro (2014), com os editoriais *Basta!*¹ e *Fora!*², o *Correio da Manhã* contribuiu para a queda do presidente João Goulart. O jornal defendia sua renúncia dentro dos quadros institucionais. A posição editorial, no entanto, mudaria pouco tempo depois ao perceber “que os militares vinham pra ficar” (CASTRO, 2009, p. 160).

E por que um jornal feito no Rio de Janeiro tinha peso político em todo o País? Para Castro, os periódicos cariocas “não eram regionais, não tinham aquele ranço provinciano que tinham os jornais de São Paulo”.

[...] os jornais de São Paulo chamam *Folha de São Paulo*, *O Estado de S. Paulo*. Os jornais do Rio: o *Correio da Manhã*, o *Diário de Notícias*, *O Globo*. Ou seja, o *Jornal do Brasil*. Você tinha que ler os jornais do Rio. O *Correio da Manhã* era o mais importante porque já vinha com uma bagagem, com uma história desde o começo praticamente da República. (CASTRO, 2014).

Além de Ruy Castro, ao longo do século XX, o periódico contou com contribuições de personalidades brasileiras do campo político e cultural. Cumpria, assim, a promessa de seu fundador, Edmundo Bittencourt, para quem os colaboradores do jornal seriam “os homens mais illustres, os espíritos da mais aprimorada cultura, de que se pode hoje orgulhar este paiz” (BITTENCOURT, 1901, p. 1).

Pelas páginas do jornal passaram intelectuais como Rui Barbosa, José Veríssimo, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, Carlos Lacerda, Aurélio Buarque de Holanda, Franklin de Oliveira, Antônio Callado, Rubem Braga, Antonio Moniz Vianna, Clarice Lispector, Carlos Heitor Cony, Otto Maria Carpeaux, Luis Alberto Bahia, Nelson Rodrigues, Márcio Moreira Alves, Paulo Francis, Decio Pignatari, Ferreira Gullar, Germana de Lamare, Fuad Atala, entre outros.

¹ Cf. BASTA! *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 1, 31 mar. 1964.

² Cf. FORA! *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 1, 1 abr. 1964.

Para reforçar a importância desse periódico na vida cultural brasileira no século XX, Campos (2013) lembra que foi no *Correio* que Oswald de Andrade publicou o *Manifesto da poesia pau-brasil*, em 1924. Para Campos, a escolha se justifica pelo objetivo do modernista de ser lido pelos grupos urbanos que então se consolidavam no País.

A linha editorial combativa não foi, no entanto, o único destaque do *Correio da Manhã*. O jornal é reconhecido por executar inovações editoriais, como a criação de seções femininas, infantis, de rádio e de agricultura a partir dos anos de 1930. Em 1959, passou a ter um segundo caderno em definitivo. Três anos mais tarde, as edições foram impressas em cores. No recorte cronológico adotado na presente pesquisa, agosto de 1959 a maio de 1961, o exemplar do *Correio da Manhã* era vendido pelo mesmo preço dos grandes jornais de circulação nacional, como o *Jornal do Brasil*. Em 7 de agosto de 1959, por exemplo, o exemplar passou a ser vendido por Cr\$5 (cinco cruzeiros) durante a semana (peso médio de 200 gramas) e por Cr\$10 (dez cruzeiros) aos domingos (peso médio de 650 gramas). Com o dólar oficial cotado na época a Cr\$ 177,13 (cento e setenta e sete cruzeiros e treze centavos)³, atualmente, esses valores seriam de R\$ 0,06 (seis centavos) durante a semana e R\$ 0,13 (treze centavos) aos domingos⁴.

Segundo Andrade (1991), a primeira redação do jornal funcionou na rua Moreira César, 117, atual Rua do Ouvidor, no Centro do Rio. Depois, mudou-se para o Largo da Carioca, 13, até firmar-se na Rua Gomes Freire, 471. Campos (2013) identifica quatro importantes fases do *Correio da Manhã*, desde sua fundação até o fechamento. A primeira, entre 1901 e 1929, durante a República Velha, foi marcada pela direção de Edmundo Bittencourt. O periódico, apresentado como um “jornal de opinião”, assumiu uma posição contrária à República oligárquica. A segunda fase, de 1929 a 1963, é apontada pela historiadora como o “período áureo” do *Correio*. O jornal estava sob o comando de Paulo Bittencourt, filho de Edmundo. Entre 1963 e 1968, na terceira fase, com a morte de Paulo, a direção do *Correio* foi assumida por Niomar Moniz Sodré, sua esposa e filha do senador Moniz Sodré. A quarta fase compreende o período de 1968 a 1974. Nele, o jornal passou a ser perseguido pela Ditadura Militar e enfrentou uma grave crise financeira. Finalmente, a gestão foi repassada a um grupo empresarial até que ocorreu seu fechamento definitivo.

O silenciamento do *Correio da Manhã* começou, portanto, no fim da década de 1960, quando o periódico foi atingido diretamente pelas restrições às liberdades impostas pelo Ato

³ Cf. Banco Central do Brasil/ Mercado Oficial. Ano: 1959

⁴ Cf. Banco Central do Brasil/ Mercado Oficial. Cotação-base de 6 jun. 2014: R\$ 2,25 (dois reais e vinte e cinco centavos) o dólar comercial.

Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968. Era constante a presença de censores na redação. Durante o período da ditadura militar, jornais e jornalistas foram perseguidos.

O *Correio da Manhã* e o *Jornal do Brasil*, entre os grandes da imprensa carioca, deixaram de circular, tiveram diretores presos, foram ocupados por forças policiais e militares. Dentre todos – jornais, revistas e emissoras de rádio mais atingidos pela violência instituída –, foi o *Correio* que pagou o mais alto preço por resistir à ditadura, desaparecendo de circulação. (AGONIA..., 2002, p. 35).

O resultado do cerco ao jornal foi a decadência financeira, ocasionada pela fuga de anunciantes. Uma bomba foi lançada na agência da Avenida Rio Branco, em 7 de dezembro de 1968. Niomar Moniz Sodré teve seus direitos políticos cassados. Em 11 de março de 1969, o jornal entrou com pedido de concordata preventiva e, finalmente, foi arrendado ao grupo empresarial que tinha na Cia Metropolitana de Construções, do setor de construções de estradas de rodagem, a sua principal organização. À frente do grupo estavam os empresários Maurício Nunes de Alencar e Frederico A. Gomes da Silva.

O contrato entra em vigor no dia 13 de setembro daquele ano, pelo prazo de quatro anos e cinco meses, devendo expirar-se no dia 12 de fevereiro de 1974. Por este contrato, a Cia Metropolitana de Construções adquire o direito de utilizar o parque gráfico, as instalações administrativas, a redação na sede e nas sucursais e o título *Correio da Manhã* para publicar o jornal. [...] O interesse de um grupo empresarial do ramo de construção de estradas de rodagem é explicado em função das ligações existentes entre esses empresários e o futuro ministro dos Transportes, Mário Andreazza, que possui aspirações políticas maiores. (BARBOSA, 2007, p. 200).

Para Atala (2013), em entrevista gravada para esta pesquisa, três fatores podem ter sido decisivos para o fechamento do jornal depois de 73 anos de existência.

O principal, evidentemente, foi o econômico, porque a ditadura, diante da resistência do *Correio da Manhã*, o *Correio da Manhã* não se dobrava, apesar de Niomar ir presa, ir presa toda hora, redatores irem presos, jornal ser suspenso, interditado, censurado, aquela coisa toda, o jornal nunca abaixou a cabeça. [...] Mas eu considero que outros também contribuíram bastante. Primeiro, o passionalismo da Dona Niomar. Ela ficou muito restrita à filosofia do *Correio da Manhã* que era um jornal libertário. [...] Ela levou isso ao pé da letra. Ela não cedeu em momento nenhum. Ela não abaixou a guarda, queriam que ela se submetesse a eles. Ela não se submeteu. [...] O terceiro fator foi, evidentemente, a inexperiência dos que o arrendaram em 1969. Era um pessoal da área de construção civil, tinha aquela construtora, a Metropolitana, que entrou no arrendamento do *Correio da Manhã* com fins políticos. [...] Eles vieram com essa intenção de preparar o terreno pra apoiar a candidatura do Andreazza para o governo, já visando evidentemente lucros

porque estavam construindo a ponte Rio-Niterói, abrindo estradas, a Rio-Brasília, aquela coisa toda... Então, havia perspectivas comerciais muito importantes para eles. Mas eles não tinham experiência de jornal. Eles trocaram os pés pelas mãos, fizeram reformas malucas. Para você ter uma ideia de como o jornal não tinha como sobreviver, no dia em que eles assumiram o jornal apareceram com editorial totalmente oposto à linha que o *Correio da Manhã* sempre manteve desde a origem, que era de oposição, um jornal de opinião. Então, isso eles quebraram. Demonstrou ser um jornal governista, puxa-saco mesmo, chapa branquíssima que começou [...] reconhecendo o grande trabalho que a revolução tinha feito para o progresso do Brasil, para o desenvolvimento. Então, o leitor do *Correio da Manhã*, que estava acostumado a ver aquela opinião combativa, aquela coisa forte, foi perdendo tudo... (ATALA, 2013).

O *Correio da Manhã* circulou pela última vez em 8 de junho de 1974, com apenas oito páginas e três mil exemplares. Nas palavras de Fuad (ATALA, 2013), o jornal morreu “quase como uma coisa de gente na beira da estrada”. Para o jornalista Bertholdo de Castro, que também trabalhou no periódico,

[...] por defender sua opinião e considerar a liberdade de informar um bem inegociável, o *Correio da Manhã* morreu sem perder a dignidade que o caracterizou ao escrever a História do Brasil. Mas ainda vive na memória daqueles que trabalharam em suas páginas e foram felizes (CASTRO, 2002, p. 47).

Uma história que marcou a trajetória de jornalistas e escritores.

O *Correio da Manhã* protagonizou na imprensa brasileira uma história gloriosa, [...] que iria alterar várias vezes a vida política do país, inspirar a vocação de milhares de jornalistas e dar aulas diárias de como fazer jornal. Era um jornal do Rio, que o país inteiro lia [...]. Tornei-me jornalista por causa do *Correio da Manhã*. Era o jornal em que, desde as calças curtas, eu sonhava em trabalhar [...]. (CASTRO, 2009, p. 156).

São relatos de orgulho:

Deixou saudade. Marcou minha vida. Tudo o que aprendi de jornalismo – eu comecei lá – foi lá com ele que eu aprendi não só do ponto de vista profissional quanto do ponto de vista humano, do ponto de vista do trabalho das equipes que passavam por ali. A gente sempre manteve uma integridade de camaradagem, de amizade, enfim, de ser voltado para o jornal. Você tinha orgulho de trabalhar no *Correio da Manhã*, de se apresentar como repórter do *Correio da Manhã* ou redator do *Correio da Manhã*. (ATALA, 2013).

E depoimentos carregados de afeto:

Eu considero Fuad (*Fuad Atala*), Ruy (*Ruy Castro*), José Lino Grünewald, que já morreu, Fernando César Ferreira, que já morreu também [...] Carlos Heitor Cony que eu tenho por ele um carinho enorme, Carpeaux (*Otto Maria Carpeaux*) que já morreu, mas eu considero como se fossem meus parentes. Perdi um tio no Carpeaux. Acho que perdi um irmão mais velho no José Lino Grünewald. Eu acho que o Ruy Castro, o Sérgio Augusto, pra mim, são irmãos, são meus irmãos. Tem alguma coisa de uma irmandade profissional. E isso é ligado por essa paixão que é única e indescritível porque eu já cheguei à conclusão que paixão é inexplicável. Mas o jornal era muito simpático. (LAMARE, 2013).

Clarice Lispector

Autora consagrada de livros como *Perto do coração selvagem*, *A cidade sitiada* e *A paixão segundo G.H.*, dentre outros, Clarice Lispector nasceu no dia 10 de dezembro de 1920, numa aldeia chamada Tchechélnik, na Ucrânia. A família – o pai, a mãe e três filhas - chegou ao Brasil em 1922, instalando-se em Maceió, onde enfrentou dificuldades financeiras. O pai trabalhou como mascate e, mais tarde, como operário de uma pequena fábrica de sabão (GOTLIB, 2011). Em 1925, em busca de melhores oportunidades, mudaram-se para Recife, onde Clarice passou a infância e a pré-adolescência. Em 1935, ocorreu a mudança para o Rio de Janeiro, então capital federal. Em 1939, ela ingressou na Faculdade de Direito da Universidade do Brasil.

Ao mesmo tempo em que estudava, Clarice publicava contos na imprensa. Na década de 1940, começaram a aparecer os primeiros sinais da depressão que a acompanharia por toda a vida. “Pela primeira vez ela foi hospitalizada devido à depressão, com a prescrição de ‘sonoterapia’, mediante a qual drogas a induziram a dormir por mais de uma semana” (MOSER, 2009, p. 175). Em 1943, a escritora naturalizou-se brasileira e casou-se com o diplomata Maury Gurgel Valente, seu colega de turma da Faculdade de Direito. O casal teve dois filhos, Pedro e Paulo. Para Moser (2009, grifo do autor), ela era considerada *uma mulher convencional, esposa e mãe*. “[...] Era zelosa de sua aparência, achava que suas contribuições como mãe sobrepujavam seu valor como artista, e publicou, ao lado de seus instigantes romances místicos, dicas sobre o preparo de maionese e a aplicação de maquiagem para os olhos”. (MOSER, 2009, p. 253).

Clarice insistia com frequência que a maternidade era mais importante para ela do que a literatura.

Nem tem dúvida que como mãe sou mais importante do que como escritora”. A maternidade também lhe propiciava a possibilidade de juntar os cacos de uma existência despedaçada quando ela perdeu sua própria mãe: “Se eu não fosse mãe, seria sozinha no mundo. (MOSER, 2009, p. 269).

Como esposa de diplomata, Clarice Lispector viveu quase dezesseis anos no exterior, com algumas passagens pelo Brasil. A escritora deixava claro que não suportava a vida diplomática.

“Não estava muito à vontade nesse meio”, disse a mulher que uma vez se vangloriou de ter saído “direto do jardim zoológico”. “Todo esse formalismo... Mas eu preenchia meu papel... Era mais conciliadora do que hoje. O que julgava ser de meu dever, eu fazia”. Durante anos a noção de dever a sustentara: “Eu detestava, mas eu cumpria com minhas obrigações [...] Eu dava jantares, fazia todas as coisas que se deve fazer, mas com um enjoo.... (MOSER, 2009, p. 310-311).

Em 1959, com o fim do casamento, ela retornou definitivamente ao Brasil e retomou o trabalho na imprensa. Em 1966, ficou gravemente ferida em um incêndio em seu apartamento, no Rio de Janeiro. Clarice Lispector chegou a ficar em estado de coma durante quatro dias e permaneceu internada durante dois meses. A escritora morreu de câncer, em 9 de dezembro de 1977, às vésperas de completar 57 anos, sendo sepultada no Cemitério Comunal Israelita do Caju, no Rio de Janeiro.

Próxima. Distante. Vaidosa. Terna. Sofrida. Lisérgica. Vidente. Visionária. Intuitiva. Adivinha. Estrangeira. Enigmática. Simples. Angustiada. Dramática. Judia. Insolúvel. Esses são alguns dos traços que compõem os diferentes perfis de Clarice, diferentemente vistos pela empregada, pela vizinha, pelos parentes, amigos, jornalistas, críticos, escritores. Mas, ao passar por eles, é preciso considerá-los apenas como vestígios de uma identidade, traços de uma “quase” Clarice [...]. (GOTLIB, 2011, p. 24).

Clarice Lispector, jornalista

Clarice Lispector desenvolveu várias atividades em jornais e revistas, como contista, cronista, tradutora, repórter, entrevistadora e colunista de página feminina. Apesar da intensa trajetória, Nunes revela, no entanto, que a escritora não se considerava jornalista nem gostava de atuar na imprensa.

Seu grande desejo sempre foi o de se dedicar integralmente à literatura. O trabalho em jornalismo servia basicamente para a subsistência da ficcionista. Contudo, ela estava sempre presente nas páginas dos periódicos. E com produção de interesse, por vezes criativa e instigante. Mostrava-se ali,

portanto, uma outra Clarice que merecia nossa atenção. (NUNES, 2006, p. 23-24).

A carreira jornalística foi desenvolvida paralelamente à carreira literária, embora com algumas interrupções. Clarice começou a trabalhar como jornalista na década de 1940, quando ingressou no Departamento de Imprensa e Propaganda, como tradutora e redatora da Agência Nacional. Nessa época, ainda cursava a Faculdade de Direito. Primeiro, ela trabalhou como tradutora e, mais tarde, como repórter. Em entrevista ao suplemento do jornal *Diário Carioca*⁵, de 25 de junho de 1950, contou que o trabalho na reportagem ocorreu “por acaso”, porque o quadro de tradutores da agência já estava completo. Segundo Gotlib (2009, p. 169), da Agência Nacional ela foi transferida para o jornal *A Noite*, onde também foi contratada como repórter.

Em maio de 1940, publicou pela primeira vez um conto na imprensa. *Triunfo* foi divulgado no semanário *Pan* (Rio de Janeiro). A partir daí, além de contos, escreveu crônicas e artigos para outros jornais e revistas, como a *Vamos Lêr!* e *A Época*. O primeiro registro profissional como jornalista data de 2 de março de 1942, quando tinha 21 anos.

Durante os anos de 1950 e 1960, Clarice escreveu colunas femininas para os jornais *Comício*, *Correio da Manhã* e *Diário da Noite* e trabalhou na revista *Senhor*⁶, considerada uma das mais importantes publicações do fim dos anos 1950 no Brasil (GOTLIB, 2009, p. 381). Nesse primeiro momento, em 1959, ela escreveu contos e crônicas. Em 1962, na mesma revista, passou a assinar a coluna *Children's Corner*, da seção *Sr. & Cia*. O espaço reunia, além de contos, fragmentos variados (GOTLIB, 2009, p. 390). Entre agosto de 1967 e dezembro de 1973, a escritora foi contratada pelo *Jornal do Brasil*, assinando uma crônica semanal aos sábados. Publicou entrevistas na revista *Manchete*, entre maio de 1968 e outubro de 1969, na seção *Diálogos Possíveis com Clarice Lispector* (LISPECTOR, 2007). Também atuou nas revistas *Jóia*, *Fatos & Fotos/Gente* e colaborou com o jornal *Última Hora*.

O trabalho como colunista de página feminina começou em 1952, a convite do escritor Rubem Braga. Com o pseudônimo Tereza Quadros, assinava a coluna *Entre Mulheres*, no semanário *Comício* (Rio de Janeiro), ao mesmo tempo em que trabalhava no romance *A veia no pulso*, que viria a ser *A maçã no escuro*. Nessa ocasião, ela passou um pequeno período no Brasil, entre a mudança da Inglaterra para os Estados Unidos. Tereza Quadros tratava de

⁵ Cf. ITINERÁRIO de romancista: conversa com Clarice Lispector: direito penal e vida. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, 25 jun. 1950. Suplemento Artes, p. 5.

⁶ Em 1959, a revista *Senhor* tinha como diretores os jornalistas Paulo Francis, Nahum Sirotsky, Carlos Scliar e Luiz Lobo. Cf. Gotlib (2009, p. 383).

moda, beleza, dieta, postura do corpo, economia doméstica. Para Clarice, Tereza Quadros “é disposta, feminina, ativa [...]” (MOSER, 2009, p. 305).

De volta ao Brasil, decidida a aumentar sua renda, em agosto de 1959, iniciou uma coluna no jornal *Correio da Manhã* (Rio de Janeiro) intitulada *Correio Feminino – Feira de Utilidades*, mais tarde apenas *Feira de Utilidades*, adotando outro pseudônimo: Helen Palmer. Nas palavras de Moser (2009, p. 353), diferentemente de Tereza Quadros, a colunista Helen Palmer “tinha uma missão secreta: era uma agente paga pela Pond’s, fabricante de cremes faciais”. No ano seguinte, a convite do jornalista Alberto Dines, Clarice Lispector começou a escrever, no *Diário da Noite* (Rio de Janeiro), a coluna *Só para mulheres* como *ghost-writer* da atriz Ilka Soares, que atuava no cinema desde o fim dos anos 1940⁷. Segundo Moser (2009, p. 367), a coluna foi um sucesso. Os assuntos também são considerados tipicamente femininos, com destaque para moda e beleza. Em 1961, Clarice deixou de escrever colunas femininas.

Clarice escreveu cerca de 450 colunas na imprensa feminina, o que equivale a aproximadamente 5 mil textos, distribuídos em fragmentos de ficção, crônicas, noticiário de moda, conselhos de beleza, receitas de feminilidade, educação de filhos e comportamento. Como entrevistadora, foram cerca de 100 textos. E, somente para o *Jornal do Brasil*, publicou mais de 300 crônicas. (NUNES, 2012, p. 18).

Coluna feminina, a “amiga”

A imprensa feminina chegou ao Brasil no século XIX (BUITONI, 2009, p. 30), com publicações como *O Espelho Diamantino* (1827), *O Espelho das Brasileiras* (1831), o *Relator de Novelas* (1838) e o *Correio das Modas, Jornal Critico e Litterario* (1839). Na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, podem ser encontrados vários jornais desse período dirigidos às mulheres, como *A mãe de família: jornal scientifico, litterario e ilustrado* (1879), *Bello Sexo: periódico religioso, de instrução e recreio, noticioso e critico moderado* (1862) e *Echo das damas* (1879).

O editorial da primeira edição de *O Espelho Diamantino*⁸, por exemplo, ocupou as quatro páginas do periódico. O texto informava às *senhoras brasileiras* que as esposas, além de serem responsáveis pelo “peso do governo interior da família”, exercem “influência sobre as vontades, as acções e a felicidade dos homens”. A mulher é definida como “anjo tutelar, sempre pronta a intervir, sempre pronta a moderar o fogo da vingança com o bálsamo da

⁷ Ilka Soares fez sua estreia no cinema aos 17 anos, ao lado de Mário Brasini, no filme *Iracema* (1949), dirigido por Vittorio Cardineli. Cf. Memória Globo (2001).

⁸ Cf. O ESPELHO DIAMANTINO. Rio de Janeiro: [s.n.], 20 set. 1827.

generosidade”. O título do jornal, explica o editorial, refere-se ao confidente mais estimado das senhoras, o espelho. Observa-se, portanto, que os periódicos voltados para a leitura das mulheres nasceram como porta-vozes de valores tidos como essencialmente femininos: generosidade, vaidade, pureza etc.

Em 1839, também no Rio de Janeiro, foi publicado o primeiro número do *Correio das Modas, Jornal Critico e Litterario*⁹, assinado por Eduardo e Henrique Laemmert. Das 11 páginas, duas traziam gravuras de moda. O texto descrevia o “elegante e singelo penteado” e os “vestidos em *mousselina* com bastante roda”. Quem seguisse essas dicas conseguiria “cativar todos os corações”, garantia o jornal. O editorial, no entanto, ao mesmo tempo em que comemorava a criação de um periódico para o *bello sexo*, afirmava que falar para as mulheres não era tarefa fácil, porque “senhoras têm gostos variadíssimos”. As outras páginas eram preenchidas com contos e poemas. Os exemplares digitalizados do *Correio das Modas, Jornal Critico e Litterario* também estão disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

As publicações femininas nasceram num momento de profundas mudanças em nossa sociedade, geradas pela chegada da família real ao Brasil. Buitoni (2009) destaca que fatores como a passagem da sede do governo de Salvador para o Rio de Janeiro, a abertura de ferrovias e o incremento da navegação a vapor aceleraram os processos de transformações da vida na Corte. Para Fausto (2012, p. 109), o deslocamento do eixo administrativo e a abertura de portos mudaram o cenário urbano e fizeram aparecer uma vida cultural, com a construção de teatros, bibliotecas, academias literárias e científicas e o lançamento do primeiro jornal editado na Colônia. O número de habitantes da capital dobrou. Muitos eram imigrantes que formaram uma categoria de profissionais e artesãos qualificados.

Ao perder o caráter provinciano, a Corte, informa Buitoni, passou a fazer contato com o mundo. Com isso, a moda começou a atrair a atenção da mulher urbana.

As tendências europeias eram copiadas e aí entra o fator imprensa, primeiro com a importação de figurinos vindos de fora e depois com a publicação, aqui, de jornais e revistas que reproduziam gravuras de moda. A necessidade estava criada; havia, portanto, um mercado. Foi por isso que as primeiras publicações dirigidas à mulher, no Brasil, traziam moda. Jornalismo feminino, nessa época, significava basicamente moda e literatura. (BUITONI, 2009, p. 31-32).

⁹ Cf. CORREIO DAS MODAS, JORNAL CRITICO E LITTERARIO. Rio de Janeiro: [s.n.], 1839.

A autora aponta que a imprensa feminina surgiu revestida de um caráter secundário e complementar. Eram páginas destinadas a entreter mulheres urbanas que não possuíam vida ativa fora do lar. Os jornais e revistas tinham, portanto, “um utilitarismo prático ou didático” (BUITONI, 2009, p. 29). A maioria desses periódicos criados no século XIX, no entanto, teve vida efêmera, não completando um ano de existência. Segundo Abreu:

Tinham um público reduzido, porque eram poucas as mulheres alfabetizadas. Elas, nessas revistas, defendiam o acesso à escola com vistas ao aperfeiçoamento do papel feminino de mãe e esposa. Era comum as redatoras dos jornais femininos assinarem suas matérias com um pseudônimo masculino. (ABREU, 2008, p. 148-149).

No início do século XX, apesar de também serem criadas diversas folhas operárias e revistinhas humorísticas, só se consolidaram os periódicos que se transformaram em empresas industriais e comerciais. Para se manter no mercado, era preciso ingressar na era capitalista. Segundo Buitoni (2009, p. 2), no Rio de Janeiro, já existiam jornais vespertinos, como *A Notícia*, *A Cidade do Rio* e o *Jornal do Brasil*, fundado em 1891, que apresentava o melhor equipamento gráfico da época. Em 1901, chegava às ruas o *Correio da Manhã*, de Edmundo Bittencourt.

Os periódicos procuram, assim, na esteira de um novo tempo, no qual a marca mais incisiva é a sua relação com as novas tecnologias que informam sobre a inclusão do país num lugar cuja valoração é positiva, tornar pública e visível a existência em seu cotidiano dos artefatos do progresso. Um tempo que aponta sempre para um futuro. [...] No futuro, a redenção. No passado, o esquecimento. (BARBOSA, 2007, p. 25).

Desde a primeira metade do século XX, os jornais de maior circulação, como o *Correio da Manhã* e *O Estado de S. Paulo*, publicavam páginas ou seções femininas. Mas esses espaços eram considerados pobres em relação às revistas femininas, que apresentavam diagramação e ilustração mais trabalhadas. Na década de 1950, apareceram mudanças, pois “transformar a seção feminina em suplemento foi uma necessidade criada pela urbanização crescente e também pela concorrência” (BUITONI, 2009, p. 97).

Em meados do século XX, com a euforia provocada pelo que se convencionou chamar de nacional-desenvolvimentismo, ganha destaque nas páginas dos jornais o colunismo social – gênero jornalístico que compreende textos opinativos e assinados sobre a vida social e cultural de alguns grupos sociais. A partir dos anos 1950, o colunismo vive um tempo de dinamismo. Para Melo (1985, p. 49), a coluna incorpora ou faz a mediação com a ótica da comunidade ou dos grupos a que a instituição jornalística se dirige. Trata-se, segundo ele, de

um mosaico, estruturado por unidades curtíssimas de informação e de opinião. Uma colcha de retalhos – com pílulas, *flashes*, dicas. O colunista pinça opiniões, oferece modelos de comportamento e exerce um trabalho sutil de orientação (MELO, 1985, p. 105).

A partir desse período, portanto, as seções ficaram mais “personalizadas”, e o jornalista ganhou ainda mais visibilidade. O colunista tornou-se cada vez mais íntimo do leitor, adotando um tom coloquial, que incluía conselhos para questões do cotidiano. Num espaço pessoal vinculado ao posicionamento do jornalista, o leitor passou a encontrar textos geralmente acompanhados de juízo de valor – nem sempre divulgados de forma sutil. Por isso, trata-se de um gênero com uma característica persuasiva, formadora de opinião. Segundo Melo (1985), os leitores se “alimentam” da realidade dos que têm mais poder. Dessa forma, enunciam e legitimam o seu mundo (CAMPOS, 2009).

Desde o século XIX, as colunas femininas dirigem-se às mulheres num tom de proximidade, como em um encontro entre amigas. O que antes era sussurrado entre quatro paredes – aqueles segredinhos que passavam de mães para filhas – passa a fazer parte das páginas dos jornais e das revistas.

Tal proximidade, que carrega as marcas da emoção e da afetividade, pode atuar como importante elo no processo de transmissão da informação, mas também de convencimento e mesmo imposição, apoiados em enunciados prescritivos e normativos, que ordenam o que fazer e como fazer. Não por acaso, o tempo verbal mais frequente é o imperativo, configurando um discurso bastante próximo do publicitário. (LUCA, 2012, p. 448).

As colunistas, por vezes escondidas sob pseudônimos, como era o caso de Clarice Lispector, abordavam temas considerados naturalmente constitutivos do universo feminino. Do mundo da moda às receitas culinárias – as mulheres eram aconselhadas sobre o papel social de donas de casa, esposas e mães exemplares. Eram textos que difundiam um ideal de beleza e de comportamento – moedas de troca na conquista matrimonial.

Nesse sentido, a colunista orientava rumos e ditava tendências. Para Perrot (2008), “a boa dona de casa é objeto de conselhos, de tratados de economia doméstica ou de educação”. Segundo a historiadora:

O trabalho doméstico é fundamental na vida das sociedades, ao proporcionar seu funcionamento e reprodução, na vida das mulheres. É um peso nos seus ombros, pois é responsabilidade delas. É um peso também na sua identidade: a dona de casa perfeita é o modelo sonhado da boa educação, e torna-se objeto de desejo para os homens e uma obsessão para as mulheres. O caráter

doméstico marca todo o trabalho feminino: a mulher é sempre uma dona de casa. (PERROT, 2008, p. 114).

Em tempos de otimismo pós-guerra e da ascensão da classe média, “o modelo de família propalado desde o início do século ganhara bastante espaço em corações e mentes”, assegura Pinsky (2012a, p. 480). Para a historiadora,

[...] agora a grande referência: nuclear, com uma nítida divisão de papéis femininos e masculinos (aos homens, a responsabilidade de prover o lar; às mulheres, as funções exclusivas de esposa, mãe e dona de casa) e baseada na dupla moral, que permite aos homens se esbaldar em aventuras sexuais ao mesmo tempo em que cobra a monogamia das esposas e “pureza sexual” das solteiras. (PINSKY, 2012a, p. 480, grifos da autora).

Para Rago (1985, grifo da autora), o processo de “colonização da mulher” foi resultado de um projeto de sociabilidade burguesa, que apostava na normalização do Outro a partir da formação dessa família nuclear e reservada, voltada para si.

Frágil e soberana, abnegada e vigilante, um novo modelo normativo de mulher, desde meados do século XIX, prega novas formas de comportamento e de etiqueta, inicialmente às moças das famílias mais abastadas e, paulatinamente, às das classes trabalhadoras, exaltando as virtudes burguesas da laboriosidade, de castidade e de esforço individual. (RAGO, 1985, p. 62).

Foi no século XIX o nascimento da chamada ideologia da domesticidade, fenômeno que se amplificou na primeira metade do século XX. O espaço privado era considerado o lugar natural da esposa-mãe-dona de casa. A maternidade passa a ser apontada como a principal missão de uma mulher. “Mulher que é mulher é mãe”, disse Rago (2014, grifo da autora) em entrevista à nossa pesquisa. Ela lembra que a figura da Mulher, modelo universal construído pelos discursos científicos e religiosos, ganhou força no início do século com a promoção da figura da “mãe cívica”, que contribuiria para o engrandecimento da nação. Esse modelo que procurava estabelecer rígidas fronteiras entre a esfera pública e a privada vigorou até a década de 1950.

As páginas femininas do *Correio da Manhã*

A primeira edição do *Correio da Manhã*, de 15 de junho de 1901, circulou com um total de seis páginas, sendo a metade composta por anúncios. Além do editorial assinado pelo

proprietário do jornal, Edmundo Bittencourt, foram publicadas notas referentes às editorias de polícia, economia, política, sociais (aniversários e casamentos), cultura, esporte, a coluna *Telegrammas* (pequenas notas internacionais) e uma chamada para a publicação do folhetim-romance *O filho de Deus*. Não há coluna ou seção específica para o tradicional universo feminino. Às “senhoras” são destinados dois anúncios na página 4: *A L'Opera Modes de Paris* (chapeos para senhoras, meninas e crianças) (1901) e *Fabrica de Luvas de Pellica* (especialidade em leques e perfumarias finas) (1901).

Figura 2: Primeiros anúncios do *Correio da Manhã* dirigidos às mulheres (15 de junho de 1901)

FABRICA DE LUVAS DE PELICA
(a mais acreditada no Brasil)
R. FORMOSINHO & C.
62, RUA DE GONÇALVES DIAS, 62
Especialidade em leques e perfumarias finas

A L'OPÉRA
MODES DE PARIS
DOUVIZY, FERNANDES & CIE
Imense sortiment de CHAPEAUX pour DAMES, FILLETTES et ENFANTS, les plus nouveaux et les meilleurs marchés de la Ville

Grandissimo assortimento di CAPELLI da signora, giovanette e ragazzi, della più bon mercato che avunque	Imenso sortimento de CHAPEOS para senhoras, meninas e crianças, os mais modernos e os mais baratos do mundo	Imenso sortido de SOMBREROS para señoras, muchachas y niñas. Los más nuevos y baratos en esta capital
--	--	--

Grosses assortiment von **HÜTEN** für damen, mädchen und kinder.
Das neueste und billigste in der stadt

The only establishment in the town where is found the best & the **CHEAPEST** assortment of hats and bonnets for ladies & children

112 - RUA DO OUVIDOR - 112
RIO DE JANEIRO

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (2012).

A publicação de anúncios direcionados ao público feminino aumenta a cada edição. Observa-se, no entanto, que a maioria relaciona-se a medicamentos, como a prescrição de *Lugolina* para evitar “moléstia uterina”. O texto adverte: “As senhoras muitas vezes deixam de tractar porque o seu pudor impede de se sujeitarem a exame médico”. Aliás, a *Lugolina* do Dr. Eduardo França sugere curar tudo, de *feridas, ulceras, frieiras, brotoejas, comichões e suor fetidos dos pés a manchas de pelle, espinhas, sarnas, queda de cabellos, queimaduras e assaduras das coxas*.

Aos poucos, os anúncios de remédios invadem as páginas do *Correio da Manhã*. Aos leitores, são oferecidos medicamentos para tratar *tosses, frieiras, gonorrhéas, reumatismo, dysenterias*, além de um certo *Peitoral Macarino* (*medicamento poderoso para todas as enfermidades dos bronchios e pulmões*). Mas, às mulheres, especificamente, são destinados “os reguladores”, os chamados “preparados”, como o *Elixir das Damas* (*tonico útero-ovariano, fórmula do dr. Rodrigues dos Santos*) e a *Emulsão Abreu Sobrinho*, destinada às *senhoras pallidas*.

Figura 3: Anúncio de Lugolina (22 de março de 1903)



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (2012)

Na edição de 22 de março de 1903, um domingo, encontramos uma referência à educação das mulheres. Trata-se de uma nota sobre o lançamento do livro *Lar Domestico: conselhos para a boa direção de uma casa*¹⁰. O texto informa que a autora, Vera A. Cleser, é ex-diretora de um importante estabelecimento de ensino. Segundo a nota, “com estylo ameno e claro, ensina às jovens donas de casa todos os segredos de bem governá-la com decência e economia”. O livro traz, por exemplo, dicas sobre *Ordem do Movimento Diário, Asseio, Economia, Vestuário, Cuidados pessoaes, Banquetes e jantares íntimos, A arte de comprar, Como se põe e tira uma mesa; Como se lava louça e crystaes*, demonstrando o público ao qual se dirigia: leitoras pertencentes às camadas mais abastadas.

Em 7 de maio de 1911, Manoel de Sousa Pinto, que enviava de Lisboa a coluna *A hora do Correio*¹¹, lamentava “a morte da saia”, um acontecimento, segundo ele, considerado trágico para a sociedade. Segundo o colunista, “a saia em perigo é um eterno feminino ameaçado; é a mulher em cheque; o amor em riscos de castatrophes”. Para Sousa Pinto, o fato de as mulheres passarem a usar calças deixaria tristes “os amantes, as taboas dos assoalhos, as pedras das ruas, as creanças e o vento”. Um texto, enfim, que destaca os atrativos das mulheres como elementos os quais haviam sido destinadas a ter.

¹⁰ Cf. O LAR domestico. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 7, 22 mar. 1903.

¹¹ Cf. PINTO, Manoel de Sousa. A moda nova. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 7 maio 1911. A hora do Correio, p. 1.

Até os anos de 1920, portanto, além de anúncios referentes à moda e à saúde, vamos encontrar no *Correio da Manhã* poucos artigos direcionados diretamente às mulheres. A edição de 13 de setembro de 1925, no entanto, traz a seção *Coisas Femininas*, na página 4 do *Suplemento* de domingo, dedicado ainda a notícias variadas sobre cinema e teatro. Percebe-se, portanto, que do total de 28 páginas, o jornal dedicou apenas uma à chamada imprensa feminina. Abaixo do título, a seção anunciava *Informações úteis e notas interessantes sobre moda e A eterna rivalidade entre os dois sexos: a casa e a cozinha*. Os anúncios de lojas de tecidos e de chapéus ganharam destaque no centro da página. Além de croquis (desenhos de moda), foram publicados poemas (sobre roupas para usar na comunhão), dicas de beleza (como evitar manchas e rugas) e receitas (bolo de banana).

Percebe-se, no entanto, que o título da seção, *Coisas Femininas*, não foi mantido. No domingo seguinte, no dia 20 de setembro de 1925, a página 5 do *Suplemento*, que foi direcionada às mulheres, traz como título *Moda e suas últimas novidades – a elegância parisiense e a originalidade americana*. Os temas são os mesmos do domingo anterior: moda e embelezamento, com dicas sobre “ginástica feminina”. Na edição de 27 de setembro do mesmo ano, a página 4 do *Suplemento* de domingo tem como título *Modas, Modelos e curiosidades femininas*. Já a edição de 1º de novembro traz o título *Curiosidades Femininas*, no mesmo suplemento dominical, o que reforça a constatação de que, nessa época, não havia uma seção fixa para discorrer sobre os “assuntos de mulheres”.

E é justamente esse o título da seção que surge em 6 de dezembro de 1925. A *Assumptos Femininos* é publicada na página 5 do *Suplemento*, com diversos croquis sobre “os últimos modelos de Paris” e a coluna *Palestra Feminina*, assinada por Sylvia Patrícia, que escreve dicas sobre a moda verão, informando que a estação sugere roupas com tons em “azul e rosa-hortências”. Todos os anúncios são relacionados à moda, como os das lojas *Ao Bicho da Seda*, *Casa Isidoro* e *Real Moda*, revelando uma das mais antigas e longevas associações, desde aqueles tempos e além: a moda e o universo feminino (LIPOVETSKY, 2009; PERROT, 2008; VIGARELLO, 2006).

Em 11 de julho de 1926, a seção *Assumptos Femininos* tem textos sobre *A moda de Paris (novos figurinos de Lanvin)*¹²; a coluna *Palestra Feminina* com o subtítulo *Os brincos*; alguns poemas e dicas de culinária, como o uso do vinagre. A seção é publicada com o mesmo título até a década de 1930, quando passa a divulgar temas variados, como a reportagem sobre o casamento de reis e notas sobre um novo hábito (o bronzamento) e desenhos de modas. A conselheira sentimental Vera Cruz assina a coluna *A Colméia*, com respostas às cartas das leitoras. Uma delas é aconselhada a obedecer ao marido e desistir de trabalhar fora de casa. São publicadas apenas as respostas, nunca os textos das leitoras.

A seção *Assumptos Femininos* é encontrada no *Correio da Manhã* até a edição de 25 de abril de 1937. Publicada sempre aos domingos, a seção ora traz o *Consultorio de Belleza*, com conselhos práticos para as leitoras, ora publica a coluna *A Colméia*, ou ainda divulga pequenas notas sobre culinária e decoração. Algumas edições têm a coluna *Palestra Feminina*, também com respostas às cartas das leitoras.

Numa das edições de *Assumptos Femininos*, Renato Kehl aborda a importância dos exercícios físicos para as mulheres e explica que seus artigos são direcionados a temas médicos, higiênicos e eugênicos. Ele chega a pedir desculpas por tocar num assunto delicado, as “doenças da vergonha”, que são definidas como “males da esfera genital feminina”.

Em 1932, ganha destaque a seção o *Consultorio da Creança*, do Dr. Alvaro Caldeira, que tira as dúvidas enviadas pelas mães. Percebe-se, no entanto, que ao longo de 1932 diminui o espaço destinado à *Assumptos Femininos*. Em contrapartida, há um aumento significativo de anúncios na mesma página, como os de casas que vendem enxoval, cintas modeladoras, tecidos, bolsas, meias e colares. Na última edição, *Assumptos Femininos* traz notas sobre decoração, o *Consultorio da Creança* e *Palestra Feminina*, com um texto sobre a solidão. A partir daí, os chamados assuntos femininos passam a ser encontrados exclusivamente no *Correio Feminino*.

Curioso observar que, embora *Assumptos Femininos* tenha sido publicada até 1937, a página *Correio Feminino* do *Correio da Manhã* surgiu nos anos 1930. A seção com o título *Correio Feminino* foi publicada pela primeira vez no caderno *Suplemento* do *Correio da Manhã* no dia 28 de setembro de 1930, um domingo. O jornal circulou com um total de 32 páginas. A seção ocupou a página 4 do *Suplemento*. A edição trazia uma reportagem sobre

¹² A casa de alta costura Lanvin foi instalada em Paris, em 1889. LANVIN (França). **125 Lanvin 1889 Paris 2014**: L'Histoire Lanvin, 125 ans de création. 2014. Disponível em: <<http://125ans.lanvin.com/#biographieJL>>. Acesso em: 20 fev. 2014.

atrizes, poemas e reflexões sobre o amor e um artigo assinado por Ribas Montenegro, dirigido aos leitores. O autor fazia um alerta aos homens sobre os perigos da emancipação feminina.

O futuro que nos aguarda, amigos leitores, não é animador. Os homens se vão convertendo em escravos da mulher. Breve estaremos confinados ao estreito círculo da officina enquanto a mulher irá alargando seu campo de ação. [...] Uma vez conquistando ellas plenamente sua liberdade emocional e moral, não é possível prever a que altura chegarão, tornando-se em breve o sexo forte.¹³ (MONTENEGRO, 1930).

A primeira publicação do *Correio Feminino* trazia vários anúncios, como *Camelia Toalha Hygienica Reformante*, *Desinfectante Lysoform*, *Curso de Pinturas e Artes Aplicadas*, *Casa Joanna D'Arc (adquire-se formosura)*, *Curso Feminino de Artes Decorativas* e *Casa Princezinha (novidades em collares)*, confirmando aquilo que Lipovetsky (2000) e Vigarello (2006) demonstraram em relação à imprensa europeia; Campos (2009), Luca (2012) e Sant'Anna (2012) e outros demonstraram em relação à imprensa brasileira: a eterna associação entre imprensa feminina, beleza e consumo.

¹³ Cf. O HOMEM e os caprichos feministas. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 28 set. 1930. Suplemento Correio Feminino, p. 4.

Em maio de 1937, o jornal passa por uma reforma gráfica e lança quatro suplementos especiais aos domingos: *Correio da Manhã Rio de Janeiro*, *Correio da Manhã Agrícola*, *Correio da Manhã Infantil* e *Correio da Manhã Feminino*. O suplemento feminino é publicado com um total de sete páginas, a maioria dedicada aos temas moda e beleza. Na edição de 9 de maio, as mulheres são informadas de que é tempo de *tailleurs*, saias com nervuras e *echarpes*. Há lições sobre sobrancelhas delineadas para acentuar a personalidade, “maquillage” com dose de artificialismo e jamais em excesso, normas sobre o “sorriso feminino” e perda de peso. As páginas têm pequenos anúncios, como *Óleo de Violeta* (limpa, amacia e renova a pelle), *Fixalena Soberana* (o melhor fixador para o cabelo) e *Pasta Russa* (para firmeza dos seios).

Figura 8: Correio da Manhã Feminino (9 de maio de 1937)

Não pôde ser vendido separadamente

Correio da Manhã FEMININO

Suplemento de Domingo

Rio de Janeiro, 9 de Maio de 1937

A moda de hoje e de amanhã

(O TRAJE PREFERIDO)

OS costureiros lançam a moda, a mulher adota-a.

Às vezes, o gosto accentuado, o acolhimento sympathico com que ellas distinguem este ou aquelle traje, collocam em sérias difficuldades os artistas da costura que ficam impossibilitados de renovar radicalmente os modelos, modificando-os ou reformando-os sempre na ansia de mudar.

Nunca se viu como agora, uma preferencia tão grande pelos pequenos e gentis "tailleurs".

Que fazem então os costureiros? Cada vestido é animado por um detalhe improvisado.

Uma acompanhada de casaco longo, outros de jaqueta curta, e anhos, fazem parte de um conjunto sempre interessante.

Os tecidos lisos entram em combinação com as fazendas estampadas. Os tecidos crespos e os fios casam-se agradavelmente em qualquer modelo.

As saias dos costumes apresentam-se em forma. Algumas trabalhadas com nervuras a dos lados uma sequencia de pregas. As blusas são sempre em fazendas diferentes do vestido. Os enfeites de botões entram com guarnição importante, n uma variedade grande, quer em madeira, como, couro, madreperola, malva e uma infinidade de fantasias incriveis. Os grandes casacos em linha direita, são sublinhadas pelas costuras em relevo e os grandes botões que animam e definem o feto.

Alguns desses casacos de inverno marcam também a sua originalidade pelos revers dos punhos e das golas sempre em contraste harmonico com o resto da fazenda.

As fazendas usadas para os casacos de inverno são variadas, mas a que vive mais na moda é a chamada "Griselidia", magnifica e lida e que na escolha do seu colorido conta apenas com 159

"nuances" que permitem tudo e que se possa imaginar em harmonias e contrastes.

As echarpes entram sempre, e cada vez mais, no conjunto das toilette, assim como os pequenos coletes de lã, de camurça e de veludo que seccu surge uma nova heira com um harmonioso accordo. Tudo quanto estava morto revive: coisas velhas rejuvenescem. Por acaso, vemos os milagres e continuamos a caminhar. No entanto, com a alma de joelhos, devíamos dar graças até pelo milagre mais pequeno...

Quem sabe? Talvez um milagre não seja nada mais do que a completa confiança no poder do espirito ou um intenso amor por alguém ou por alguma idea, impellido-nos acima do nivel da razão até á gloriosa fé. Foi o grande apego a uma idea que fez surgir na vida do homem o motor, o seropiano, o cinema e o radio.

"Se ha inverno, a primavera não deve estar longe." Não será a primavera a soberba indiferença por todas as manifestações da morte, a gloriosa confiança na resurgence?

MARY LOU

MILAGRE DE MAIO

(Cecilia Caroline Cole)

TENHO visto darem-se milagres, ora rapidos como o Divino Mestre os fazia, ora tão lentos que a gente quasi desesperava antes que se realizassem... E preciso muita coragem para operar um milagre, pois ninguém se convence de que possa obtê-lo... E no entanto... Um sonho persistente, um desejo inconquistavel, são as palhinhas que surgem á tona do esparto para mostrar o carinho que o Destino vai tomando. E preciso muita fé; apenas a fé está no coração e não no pensamento. Aprende-se a ouvir a voz do coração... E o seu coração, conserve-o cuidadosamente, pois é dele que sae a vida. Olhe bem o sonho; é uma semente facil de plantar e cuidar; plante-a fortemente no coração e na mente e vá depois agindo no mundo, se bem que o que irá succeder. Espere a floração e esta virá se estiver sob a protecção da Bondade e da Luz que trabalham pelo bem. E preciso muito, muito amor para realizar milagres. Elles não nascem dos corações impiedosos, nem das almas sombrias e cheias de duvidas; necessitam ser tratadas com muito carinho.

E é o amor que illumina os corações e a memoria e que nos mostra leis que desconhecemos ou que tinhamos esquecido. Fazenda de uso dessas leis, temos o milagre. Quando o amor toca um coração a creatura replandece... A vida ressurge; a primavera chega. Vivemos num astro, entre milagres. Não ha morte, ha somente mutação. Não ha maldade, ha apenas ignorancia que destrói. Afinal o que é um milagre? É a vida, a mutação e é você mesma com o grande poder de confiar, de amar e de crer.

A Belleza e a Arte

As sobrancelhas devem accentuar a personalidade, sendo mal feitas estragam a belleza.



Sobrancelhas "impessoaes"

Vejam o effeito destes traços por demais finos e arqueados que empresta á physionomia um ar espantado e dá aqui á Miss Keeler uma expressão banal, inteiramente estranha ao seu typo, á sua personalidade.



O que vai bem

E' deste modo que Ruby deve arranjar as suas sobrancelhas fóra da tela; nem muito espessas nem tambem finas e altas demais para conservar a sua personalidade.

EM DEFESA DO "MAQUILLAGE"

A palavra "maquillage" tem adquirido uma significação quasi pejorativa, no entanto, ella significa uma grande dose de artificialismo, de belleza, conseguida quasi exclusivamente pelos recursos da industria e da arte.

Com effeito, um "maquillage" excessivo ou mal feito, produz desagradavel impressão. Entretanto, não se pôde ser bonita sem lançar mão, ainda que em pequena escala, de certos pequenos elementos complementares das qualidades naturaes.

Nem todas as mulheres têm a felicidade de nascerem perfeitas, ha sorte que o "maquillage" é para a belleza o que o medicamento é para o que não gozamos saúde: um meio de corrigir, tanto quanto possível, as falhas do normal.

Desde os tempos mais remotos que as mulheres lançam mão desses recursos que tanto podem ser uma pincelada de tinta, como um alongar de sobrancelhas, um escurar de oheiras...

Na sua interessante obra "A toilette de uma dama romana ao

tempo de Augustus", o escriptor James Constantín, mostra-nos como se era complicada, naquella época, a arte de ser bonita. Até mesmo os livros sagrados referem o gosto das mulheres pelos olores aromaticos, substancias leitosas destinadas a amaciar e embelezar a pelle... Não houve lei nem "edit" que conseguisse cortar pela raiz essas preoccupações femininas.

Quando a mulher é joven e formosa a necessidade do "maquillage" é minima. Tudo fica bem, e até certos pequenos característicos servem para tornar mais gra-

ciosa a physionomia. Vem a época, porém, em que a saúde começa a resentir-se e a belleza a fannar-se... Sobrevém o terrivel "naufragio da forma", de que nos fala Paulo Mantegazza, e é toda uma serie de males que contribuem para roubar a frescura, a graça, o prestigio da belleza feminina.

É nessa época que devemos corrigir os males do tempo ou da doença. O "maquillage" é então indispensavel.

Muitas pessoas dizem que o "pouso", os cremes, as pastas, os liquidos todo isso, apparellamen-

to de embelezamento, só servem para envelhecer ainda mais a mulher. É um erro, uma calunnia! São bem conhecidos varios casos de actrizes que desde a mocidade abusaram desses recursos sem perder nada da sua belleza e do seu prestigio pessoal e, muitas damas da provincia, que sempre tiveram horror do "maquillage", parecem velhas, pergninhentas parecendo ter o dobro da idade das outras.

A questão alimentar é muito importante em relação a belleza e frescura da pelle, mas, nesse ponto só a experiencia da propria pessoa poderá escolher o que melhor convem a sua saúde.

De tudo isso se conclue, que o "maquillage", sem ser um artificial e apenas um poderoso auxilio da belleza, sobretudo em certas crises da idade em que ella se torna precaria e vascillante. O que não se pôde negar é que sem esses cuidados, a formosura se torna muito mais passageira e fructil do que a sua natureza implicita...



A leitura do caracter pela planta dos pés

A palavra "pedomania" é barbara, neologismo, novo ramo das sciencias occultas?

No entanto, ás plantas dos pés assim como as palmas das mãos, revelam um conjunto de linhas e de signos variadissimos que correspondem com o feto interior do individuo.

Quantas damas elegantissimas não têm tido um pequeno fremito nervoso estendendo, num gesto de duvida e crença, numa audacia para, doalmente medrosa, as suas brancas e delicadas mãos a uma cartomante, para, naquella ancruel que nos dá o mysterio penetrarem no desconhecido e saber a "sua sorte"?

A linha da vida, do amor, da saúde, da "chance", monte de Venus, de Saturno, de Jupiter, de Mercúrio, do planeta Marte, sem esquecer a cintura de Venus, linha que segue o grosso artelho á base do quarto dedo, todas estas linhas estão marcadas com nítidos e justos os pontos dos nossos pés.

Muito em breve os "pedicuros" estarão lendo com successo, a sorte dos freguezes pelas plantas dos pés.

Os homens (como é natural) estão sempre de peor partido pois usando o calçado largo o pé se desenvolve á vontade, conservando as linhas livres, os caracteres bem marcados da physionomia moral.

Já com as damas não se dá a mesma coisa: o uso dos sapatos estreitos, os saltos altos podem modificar propositalmente, pelas linhas dos pés, todo um caracter...

Com a continuação do uso desta, ou d'aquella, fôrma o terço pouco a pouco essa escripta na qual os divinhos molinos se guiam de ler o destino e revelar os traços característicos dos caracteres...

A mulher com a sua eterna astucia poderá a seu bel-prazer, dar até ás linhas do destino que até aqui só a Deus pertenciam... Mas como tudo o que a mulher quer, Deus quer...

É interessante observar que apenas no domingo seguinte, 16 de maio, é que o jornal traz na primeira página a informação de que os suplementos dominicais têm um novo formato, com a separação das quatro seções. O anúncio destaca que, no total, são 36 páginas, sendo 8 delas dedicadas ao *Correio da Manhã Feminino*. O texto avisa:

Cada seção do suplemento pode ser facilmente destacada, formando cada uma um pequeno jornal. Assim, o chefe de família não terá dificuldade em distribuir, em casa, o exemplar do CORREIO DA MANHÃ, entregando desde logo à esposa e às filhas o Suplemento Feminino e aos filhos o Suplemento Infantil. (SUPLEMENTO..., 1937, p. 1).

Na década seguinte, encontramos mais uma mudança no título. Em 18 de fevereiro de 1940, surge, em oito páginas, o *Correio da Manhã Suplemento Feminino*. Os temas são os mesmos dos cadernos femininos anteriores, principalmente moda e beleza. Destacam-se os conselhos sobre a importância de exercícios físicos, com reportagem sobre a prática da caminhada.

As transformações no formato gráfico do jornal são tantas que, em 6 de outubro do mesmo ano, os temas tradicionalmente femininos ainda aparecem no suplemento de domingo, mas junto a outras reportagens diversas, como a que tratava do samba feito nas favelas. A página feminina, portanto, não aparece separada e com título específico.

Nos anos 1950, com a modernização da imprensa, resultado do intenso período de industrialização pelo qual atravessa o País, os jornais de grande circulação fizeram transformações significativas, incrementando suplementos femininos ou segundos cadernos (ABREU, 2008, p. 151). Foi o que ocorreu com o *Correio da Manhã*, que implementou novas reformas e passou a ter cadernos diferenciados. A seção feminina ganhou novos nomes que variaram ao longo da década. Em 26 de agosto de 1956, por exemplo, um domingo, o *Correio da Manhã* circulou com 110 páginas e cinco cadernos especiais. Ocupando o 5º Caderno, as páginas femininas foram divididas em *Correio Feminino* e *Vamos falar de mulheres?* Com três páginas, o *Correio Feminino* manteve os temas recorrentes, como decoração, educação dos filhos, moda (*saias amplas de fio reto*) e beleza (*a importância dos penteados*). Os anúncios refletiam o espírito da época, como a máquina de costura *Leonam*, apresentada como o “orgulho da indústria nacional”. Já a página *Vamos falar de mulheres?* era dedicada às notícias sobre as estrelas de cinema e misses. A seção traz uma entrevista com a Miss Distrito Federal Universitária que revela ser favorável ao divórcio, mas sonha em se casar e ter três filhos.

Figura 10: *Vamos falar de mulheres?* (26 de agosto de 1956)

[illegible]

As alterações de títulos das páginas femininas prosseguem nos anos seguintes, e as seções chegam a ser publicadas também durante a semana, no 2º *Caderno*, como ocorre com o *Correio Feminino: Feira de Utilidades*, de Helen Palmer, entre 1959 e 1961. O *Correio Feminino*, portanto, ora era publicado pelo 2º *Caderno* ora pelo 5º *Caderno*, com divulgação de notas sociais, culturais e dicas de moda¹⁴. Os títulos também variavam na década de 1960, como *Correio da Manhã Caderno Feminino* (1962), publicado no 5º *Caderno* com destaque para *boutiques, noticiário, modas, culinária e beleza*, e *Correio Feminino* (1963). Nota-se que, em 1963, o *Correio Feminino* é publicado também durante a semana com dicas de moda e a seção *Teen-Age*, dedicada aos adolescentes. Em 16 de abril, por exemplo, a colunista Maria Cláudia informa que fez uma exceção ao abordar a moda masculina, com conselhos sobre cores de camisas e sapatos, inspirada nas coleções lançadas em Londres e em Paris.

¹⁴ Cf. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 23 fev. 1969. 2º *Caderno*, p. 2.

Figura 11: *Correio da Manhã* Caderno Feminino (6 de maio de 1962)

Caderno
5^o
Feminino

Correio da Manhã

RIO DE JANEIRO, DOMINGO, 6 DE MAIO DE 1963

Boutiques
Noticiário
Modas
Culinária
Beleza

Um “ar-62” para o seu ^{duas}peças

LEBRANDO O "DIA DAS MÃES"

'ESTHER DE VIVEIROS

K. M. S. F.

**Mãe dos filhos
que a vida
não lhe deu"**

Iris Carvalho de Mendonça

[illegible][illegible]

E AGORA DOUTOR

A importância da higiene pré-natal

Compreendendo uma série de medidas que objetivam preparar físico e muito especialmente psicológico, o high-risk neonatal constitui setor de importância na clínica obstétrica. E portanto para nós de maio, o mês das novas, convidamos o eminente prof. Arnaldo de Oliveira Sacramento, docente da Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, para nos esclarecer sobre vários pontos de interesse para as futuras mães.

lees que possam parecer al-
surdos a gastan e.

• Cada verdade exige re-
novados cuidados, e mesmo
quando não existem apar-
tamente fatos de maior im-
portância a reafirmar em rela-
ção a outras gestações passadas.
A gravidez das mulheres in-
dependentes das condições
observadas nas anterio-
res. Já na primeira consul-
ta médica é permitido, de-
pois de um interrogatório esclare-
cedor, uma avaliação geral e
cada caso. De elementos e

Assim como também o nascimento de fetos grandes e/ou olhos do país, pode perfeitamente ser um sinal de alteração, conhecida da circunstância de serem eles comuns entre as grávidas diabéticas, bem como clinicamente considerados pré-diabéticos. Os antecessores de geralidade não devem ser esquecidos.

É dispensável dizer a importância que tem os antecedentes clínicos pessoais da gestante, como suas condições, o nascimento, o desenvolvimento, a infância, as pubes-

♦ A tendência atual da medicina é valorizar a importância dos processos psíquicos na etiologia das doenças. Os aspectos psico-somáticos da patologia e do parto envolvem problemas que precisam ser de conhecimento geral para melhor compreensão. A suposta influência das emoções na gravidez e no parto é tão questionada quanto admitida dúvidas, tantos exemplos que documentam a importância dos fatores de ordem emocional.

◆ Embora sabendo-se que a gravidez é uma função fisiológica, nem por isso devemos negligenciar na interpretação de fenômenos habituais considerados defeituosos de importância. Reconhecemos que a Obstetrícia é uma especialidade médica altamente pre-ocupada pela tradição luso-brasileira que a envolve, facilitando e permitindo a aceitação entre leigos, de conceitos errôneos e de falsas interpretações. E por isso mesmo, acreditando que em muitos casos, não é possível a obtenção de um diagnóstico exato, e consequentemente dando orientação clínica adequada.



◆ Caso não seja a primeira gravidez, nunca se deve omitir casos de abortamentos, e de parto demorados e cesáreis, isso facilitará uma conclusão para que o feto não se repita.

◆ Na parte de laboratório, outro fato não deve ser esquecido — é que quem tem

...a simples existência
♦ A vida já representa um
antecipamento de reflexos u-
retos sobre as condições f-
ísicas, químicas, climáticas,
biológicas. As manifestações
e, conseqüentemente, a geologia
variam da exuberante alea-
ria mais profunda inquietude
remonstrando que o tal
emocional age desde logo

é fundamental que as decisões sobre a ideia de que não existe durante a gravidez que não seja bastante importante. A judiciosa conduta pré-natal exige que os mínimos informações sejam analisados. Nenhum sintoma é indispensável um completo encaminhamento a grávida e o médico. Tudo deve ser perguntado, e quando as respostas forem as respostas mais fáceis terá o médico de um raciocínio clínico. Nenhum dado é desatendido de valor, mesmo que

lor decisivo, de uma vez que a gestação é responsável por alterações hematológicas de maior e menor importância. É necessário exames como os elementos das séries brancas vermelha, o conhecimento do fator Rh, do tipo sanguíneo e das reações sorológicas. A sífilis, bem como a abruçag, afeto dirá respeito a consequências anêmias, infecções, incompatibilidades sanguíneas materno-fetais, e no caso da sífilis a precaução para que não atinja a criança.

◆ Cabe à higiene pré-natal desenvolver, afastar os contornos das causas dos desequilíbrios orgânicos, e restabelecer ou criar o equilíbrio psicológico. Assim, que sirvam como conselhos às noivas de hoje, que se tornaria má, e aquelas que já o são, em vistas a novas e futuras gravidezes, as normas de higiene preventiva aqui expostas.

Nos anos 1970, as páginas femininas ficam concentradas no caderno *BELA*. Embora a seção dê destaque para assuntos como moda, beleza e culinária, surgem novos temas, reflexos das mudanças que agitaram os anos anteriores e continuaram a mudar hábitos e comportamentos. Há, por exemplo, reportagem para a “mulher em férias” e uma personagem, *Belinha* (1970, p. 2), apresentada como “môça pra frente, mas que sabe o que faz”. *Belinha* é solteira, trabalha fora, viaja com amigos, faz regime e ginástica regularmente. A personagem pode ser encontrada até meados de 1973.

O *Correio Feminino: Feira de Utilidades* de Helen Palmer

Entre agosto de 1959 e maio de 1961, sempre às quartas e sextas-feiras, com o pseudônimo Helen Palmer, Clarice Lispector publicava textos e notas sobre casamento, tarefas domésticas, maternidade, beleza e moda na coluna *Correio Feminino: Feira de Utilidades*, e mais tarde *Feira de Utilidades*, do jornal *Correio da Manhã*. A colunista adotou o caráter de conselheira e, em tom didático, pontuava questões como delicadeza, diplomacia e sedução. Nunes (2006) aponta que a coletânea de textos de *Correio Feminino* oferece ao leitor uma *outra* Clarice, menos introspectiva e mais trivial. Com o tripé beleza-elegância-inteligência, era reforçada, dia após dia, em cada edição do suplemento, a imagem do modelo de mulher. Os anos 1950, para Lipovetsky (2000, p. 209), serão o último momento para o triunfo do ideal da esposa-mãe. A década fecha o ciclo do que o pensador classifica como esposa-sacerdotisa, aquela que deve se consagrar de corpo e alma à família. Era uma questão de “natureza feminina”, afirma Pinsky.

Ser mãe, esposa e dona de casa era considerado o destino natural das mulheres. Na ideologia dos Anos Dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina; sem história, sem possibilidades de contestação. [...] A mulher que não seguisse *seus* caminhos estaria indo contra a natureza, não poderia ser realmente feliz ou fazer com que outras pessoas fossem felizes. (PINSKY, 2012c, p. 609, grifo da autora).

Segundo Nunes, a coluna *Correio Feminino: Feira de Utilidades* foi criada por indicação da Pond's, indústria de cosméticos norte-americana. A pesquisadora afirma que se encontra nos arquivos da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, o documento *Sugestões de Relações Públicas para a Pond's – Indicações para o contacto* (NUNES, 2006, p. 208). O texto, sem data, assinado por Lourdes Gonçalves, traz a estratégia publicitária que deveria ser seguida na produção da coluna *Feira de Utilidades*, como a criação da personagem Helen Palmer, a exigência de uma linguagem coloquial e simples, a ausência de anúncios publicitários e a proibição de divulgação da marca dos produtos. O Departamento de Relações Públicas da Pond's ficaria encarregado, ainda, de preparar *press-releases mensais educacionais* sobre a importância do uso diário dos cremes C, V, S e Angel Face – produtos que, segundo o contrato, garantiriam a *juventude, a boa aparência e a beleza da mulher elegante*. Para Nunes (2006, p. 206), “a persuasão e a conquista da consumidora deveriam ser realizadas de maneira subliminar, criando necessidades de consumo na mulher através da conversa da coluna feminina”.

Dessa forma, percebe-se que o contrato foi seguido à risca pela colunista que, em grande parte das edições de *Feira de Utilidades*, redigiu pequenas notas sobre a importância do uso de cremes *especiais*. Para Helen Palmer, não só o rosto deve ser embelezado. Pescoço e mãos também merecem cuidados diários. Mas o que torna esses cremes especiais? “Eles têm lanolina”, responde a colunista. E é justamente essa a fórmula básica dos produtos Pond’s, informa Nunes (2006).

Mas Helen Palmer não deveria se limitar às técnicas disfarçadas de venda. Aliás, as notas sobre o uso de cremes apareceriam de forma sutil entre crônicas, dicas e conselhos que compunham o amplo leque de “assuntos femininos”. Raramente, estas notas ocupavam o lugar de destaque na seção, como era comum às crônicas. A sugestão do plano de divulgação da Pond’s era que, além de embelezamento, Helen abordasse também questões como “elegância, educação dos filhos, culinárias, todos os assuntos, enfim, que interessam à mulher e ao lar”. Para estes temas diversos, no entanto, não há especificação de *press-releases* preparados pelo Departamento de Relações Públicas da empresa. Eles ficariam a cargo da jornalista.

Para Góis (2007), Helen Palmer situava-se entre a mulher dos anos de 1950 (mãe/dona de casa/esposa) e aquela que começava a conquistar novos postos no mercado de trabalho, num tempo de profundas transformações na construção dos modelos femininos. Para esta pesquisa, além da investigação acerca das diferentes páginas femininas que circularam no *Correio da Manhã*, desde sua fundação até seu fechamento, foram analisadas 111 colunas assinadas por Helen Palmer, encontradas na Hemeroteca Digital Brasileira, portal de periódicos nacionais da Biblioteca Nacional.

A primeira edição de *Correio Feminino: Feira de Utilidades* circulou no dia 21 de agosto de 1959, com direito a chamada de primeira página. O jornal anunciava as novas seções que comporiam o 2º *Caderno*, como *Música*, *Teatro* e *Rádio & TV*. Constatou-se que a coluna manteve esse título até 10 de junho de 1960. A partir dessa data, houve uma mudança de projeto gráfico, e Helen Palmer passou a assinar a coluna *Feira de Utilidades*. O restante da página – geralmente a de número 5 do *Segundo Caderno* – recebeu o título de *Correio Feminino*, que incluía reportagens e notas também destinadas ao chamado universo feminino.

Com formato standard¹⁵, o *Correio da Manhã* apresentava páginas com oito colunas. O *Correio Feminino: Feira de Utilidades* e, mais tarde, a *Feira de Utilidades* ocupavam duas ou três colunas, sempre em box – texto que aparece numa página entre fios. As localizações das colunas variavam, conforme as edições. Nos primeiros meses de publicação, o *Correio Feminino: Feira de Utilidades* ocupava a parte superior da página, geralmente nas sexta, sétima e oitava colunas.

¹⁵ O formato *standard* tem aproximadamente 48 cm de largura por 76 cm de altura, podendo variar de um diário para outro. Cf. Gadini (2006).

Em 1959, o espaço de Helen Palmer tinha como destaque um croqui (desenho de moda) assinado pela Agência Periodista Latino-Americana (APLA). Segundo Godinho Júnior (1974, p. 15), a APLA era responsável pela distribuição de desenhos das principais agências de quadrinhos norte-americanas. Os moldes, geralmente, eram apresentados em francês, como *chemisier* (camisa). A adoção de termos em francês explica-se pela importância de Paris no cenário da moda mundial. Segundo Lipovetsky (2009, p. 48), desde a metade do século XVII, a moda francesa “conseguiu impor-se duradouramente e aparecer cada vez mais como farol da elegância” em todo o mundo ocidental.

Apesar de o jornal ter como sede o Rio de Janeiro, uma cidade que apresenta altas temperaturas em todas as estações climáticas, os desenhos de moda traziam modelos de cortes europeus, como casacos, abrigos, jaquetas e *roupa esporte de inverno* (PALMER, 1959)¹⁶. Segundo Freyre (1997, grifo do autor), desde a *belle époque*, essa imposição da moda importada era uma tortura, um martírio para a mulher brasileira.

Não só extravagantes, para o Brasil, como terrivelmente anti-higiênicas, antiecológicas, antitropicais. Abusos, em pleno Rio de Janeiro, de modas, para mulheres, de capas de peles para invernos franceses, de luvas, de outras defesas contra excessos europeus de frio, de neve, de gelo. [...] O que não fosse francês, nesses setores, aplicado à mulher, deixava de ser reconhecido como elegante. (FREYRE, 1997, p. 105).

¹⁶ Cf. ROUPA esporte de inverno, clássica, sempre em moda. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 26 ago. 1959. 2º Caderno, p. 5. Croqui APLA.

Figura 14: Croqui (23 de setembro de 1959)



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (2012)

Os croquis foram destaque na coluna *Correio Feminino: Feira de Utilidades* até a edição de 27 de novembro de 1959. A partir do dia 2 de dezembro de 1959, o box assinado por Helen Palmer começou a alternar a publicação de croquis com fotografias de moda, até que as últimas passaram a ser exclusivamente utilizadas pela colunista. As modelos, geralmente, vestiam peças assinadas por costureiros europeus, como Ives Saint Laurent, então da Casa Dior¹⁷, ou Pierre Balmain¹⁸, representantes da *Haute Couture* europeia.

¹⁷ Cf. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 20 jan. 1960. 2º Caderno, p. 5. Fotografia: *Ives Saint Laurent ajusta na modelo Alla este suntuoso colar que acompanhará uma de suas criações na Casa Dior* – (Foto F.P.).

[...] mais do que um direito, a moda tornou-se um imperativo social categórico. Pelo feérico da Alta Costura, das revistas, das estrelas, as massas foram preparadas para o código da moda, para as variações rápidas das coleções sazonais, paralelamente, aliás, à sacralização do código da originalidade e da personalidade. (LIPOVETSKY, 2009, p. 90).

Figura 15: Fotografia de moda (3 de fevereiro de 1960)



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (2012)

¹⁸ Cf. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 3 fev. 1960. 2º Caderno, p.5. Fotografia: *Para as tardes de verão, êsse bonito chapéu de "violette" preto, criação de Pierre Balmain. (Foto F.P.).*

Desde o século XIX, explica Lipovetsky (2009, p. 81), a “moda moderna é de essência feminina”. Segundo o sociólogo, a moda aumentou a diferença entre a divisão do parecer masculino e feminino. E intensificou a sua relação com o poder da sedução:

[...] a monopolização feminina dos artifícios é ininteligivelmente separada da representação coletiva do “belo sexo”, da feminilidade destinada a agradar, a seduzir por seus atributos físicos e pelo jogo do factício. A disjunção nova da moda e a preeminência do feminino que institui prolongam a definição social do “segundo sexo”, seus gostos imemoriais pelos artifícios tendo em vista seduzir e parecer bela. (LIPOVETSKY, 2009, p. 106, grifos do autor).

Além dos croquis ou das fotografias, a coluna *Correio Feminino: Feira de Utilidades* era composta de pequenas notas sobre culinária (*souflé de cenoura, waffles, coquetel, salada prática, combinação de pratos com vinhos, omelete, bôlo prende marido, tijolinhos de gelatina, bife de forno*); decoração e cuidados com a casa (*limpeza de espelhos, como tirar manchas de ferrugem e de óleo, colar vidros e porcelanas, limpar capas de borracha, cuidar e plantar, espantar formigas, fazer a prata brilhar*), educação dos filhos (*iniciativa, choro, primeiros passos, hemorragia nasal, riscos no inverno, como evitar as guloseimas, o quarto ideal*) e orçamento doméstico (*cuidado com o desejo de gastar e como ter controle*). Também eram comuns as notas sobre comportamento e regras de etiqueta (*como receber em festas infantis, como segurar uma xícara, como servir vinho branco e vinho tinto, como sorrir*) e outros saberes femininos, como *dicas para clarear as mãos, o que fazer com sapatos incômodos, exercícios para afinar a silhueta, truques de costura e como manter o enxoval*.

Outra preocupação de Helen Palmer era alertar as amigas leitoras para os “cuidados com os nervos”, tema frequente em suas colunas. Em novembro de 1959, ela mostrava a diferença entre a necessidade de ingerir calmantes ou apenas chás caseiros (PALMER, 1959k, p. 5, grifo nosso). Em janeiro de 1960, a colunista apontava para os riscos da associação entre nervos e obesidade (PALMER, 1960m, p. 5). Poucos meses mais tarde, Helen Palmer publicava outra nota com dicas para controlar “os nervos”, como, por exemplo, “saber passar uma hora conversando sem se queixar” (PALMER, 1960n, p. 5, grifo nosso).

Segundo Perrot (2003, grifo nosso), relacionar as mulheres às “doenças dos nervos” é uma questão histórica:

Quanto às doenças "do espírito", durante muito tempo se considerou que eram a divisão normal das mulheres: nervosas, histéricas, loucas, atacadas de “lipemania”, nome que se dava no século XIX a uma afecção caracterizada pelo mutismo, a total impossibilidade de se comunicar que encerra no

silêncio muitas e muitas mulheres internadas em clínicas psiquiátricas. (PERROT, 2003, p. 19, grifos da autora).

A coluna sempre trazia uma crônica em destaque, com abordagem de temas que reforçavam o papel da dona de casa, mãe e esposa zelosa. Para Helen Palmer, o mais importante na vida de uma mulher era saber cuidar dos filhos: “Minha amiga, a primeira qualidade de uma mulher para ser Mulher é ser Mãe. Não se descuide dêsse dever. Não seja o monstro responsável pelas futuras falhas de seu filho, deixando-o crescer levianamente longe de seus olhos e de seus carinhos”. (PALMER, 1959m, p. 5).

Mesmo falando sobre maternidade e cuidados com a casa, a crônica principal tinha a beleza como tema recorrente. Em torno desse cânone, orbitavam palavras como sedução, elegância, juventude e emagrecimento. Para Lipovetsky (2000, p. 134), o antipeso e o antienvelhecimento passaram a ser as duas normas que dominam a galáxia feminina a partir da segunda metade do século XX. A conselheira Helen Palmer alertava as amigas para a importância da aparência:

Com todos os recursos que temos nos dias de hoje, a mulher não pode ser feia, e só será se o quiser, deliberadamente. Mesmo para a feiúra irremediável – como se dizia antigamente – há recurso. A cirurgia plástica consegue corrigir a maior parte dos defeitos e os cosméticos apropriados são capazes de esconder cicatrizes no rosto e outras deformações. [...] Pelo fato de estar mais bonita, a mulher se sentirá mais feliz e terá mais possibilidades de viver uma vida mais produtiva, cercada de amigos e de pessoas a quem desejará ajudar. Sim, porque a beleza da mulher pode e deve ser cultivada, não somente para a vaidade e satisfação própria, mas para seu respeito e para satisfação de sua família e seus amigos. (PALMER, 1959e, p. 5).

À leitora de *Correio Feminino: Feira de Utilidades*, ou melhor, à amiga de Helen Palmer era constantemente reforçada a importância dos cuidados diários com a beleza, num ritual que chamava de “dever da faceirice” (PALMER, 1959f, p. 5, grifo da autora). A colunista utilizava o termo *perseverança* para deixar claro que qualquer descuido poderia ser arriscado. Assim, as mulheres jovens aprendiam a utilizar seus encantos como arma de sedução:

A sedução da mulher começa com a sua aparência física. Uma pele bem cuidada, olhos bonitos, brilhantes, cabelos sedosos, corpo elegante, atraem os olhares e a admiração masculina. Para que esses olhares e essa admiração, não se desviem decepcionados, é preciso que outros fatores, muito importantes, influenciem favoravelmente, formando o que poderíamos chamar a *personalidade cativante* da mulher. [...] Muitas mulheres modernas adoram atitudes masculinizadas, palavreado grosseiro, liberdade exagerada de linguagem ou de maneiras, e julgam que isso é bonito, que vão encantar os homens. Engano. Até hoje não conheci um só homem que não

confessasse preferir a feminilidade a todas as outras virtudes da mulher. (PALMER, 1959l, p. 5, grifo da autora).

E as mais *velhas* recebiam lições sobre *Elegância e beleza... depois dos quarenta*:

Se você já passou dos 40, então, muito cuidado! Já não é uma mocinha, e precisa manter viva a sua atração feminina. Sem ridículo, é claro! Uma das proibições, por exemplo: cor vermelho vivo. O vermelho é uma cor gritante, que chama a atenção, e sua beleza, depois dessa idade, deve ser discreta, ser *descoberta* aos poucos, nunca exposta assim. (PALMER, 1959g, p. 5, grifo da autora).

No dia 13 de novembro de 1959, por exemplo, Helen Palmer (1959c) oferece às leitoras uma tabela de medidas ideais.

Figura 16: Tabela de Medidas Ideais (13 de novembro de 1959)

CONFORME A ALTURA... AS MEDIDAS EXATAS			
A tabela abaixo mostra quais são as medidas ideais, de acordo com a sua altura:			
ALTURA	BUSTO	CINTURA	QUADRIIS
1,50	78	60	82
1,54	80	62	84
1,56	81	63	85
1,58	82	64	86
1,60	83	65	87
1,62	84	66	88
1,64	85	67	89
1,66	86	68	90
1,68	87	69	91
1,70	88	70	92
* * *			

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (2012)

A coluna de Helen Palmer era ilustrada com o desenho de uma personagem, a *Amélia*, envolvida numa cena que lembra o cotidiano. Com a assinatura APLA, *Amélia* esteve presente em todas as edições de *Correio Feminino: Feira de Utilidades* e, mais tarde, em *Feira de Utilidades*.

Figura 17: Amélia, personagem da Feira de Utilidades



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (2012)

Amélia estava sempre às voltas com receitas (*sobremesa rápida, doce de coco, crême de batata, croquetes de carne, sorvete de bôlo de amêndoas*), com algum desafio doméstico (*como passar cortinas, limpar o forno ou os espelhos, escolher descanso para a mesa, fazer embrulhos, pintar os interruptores*) ou com descobertas que facilitariam a vida da dona de casa (*como saber quando o melão está maduro, arquivar certificados dos eletrodomésticos, fazer um porta-chapéus com lata de conserva, como lidar com um hóspede inesperado*).

A personagem lembra uma aprendiz de dona de casa. *Amélia* aparenta ansiedade e desespero ante as situações corriqueiras. Saber untar uma forma de bolo ou aproveitar retalhos parecem ser grandes dilemas das mulheres do fim dos anos 1950 e início dos anos 1960. Para Góis,

Há duas hipóteses que procuram justificar o uso de *Amélia* como personagem da coluna. A primeira de que o *cartoon* já era comprado tal e qual saía na coluna, sendo apenas traduzido do inglês para o português (*Amélie* no original). A segunda hipótese é que seria uma alusão à *Amélia*, criada por Mário Lago e Ataúlfo Alves em 1942. Mesmo que a primeira hipótese seja mais convincente, nada impede que a lembrança da *Amélia*, da canção popular brasileira, tenha sido embutida. (GÓIS, 2007, p. 69).

Nos suplementos femininos, os patrocinadores procuram guiar gostos e compras. À mulher, que supostamente é feita de aparências, são “oferecidas” soluções mágicas para a conquista de um universo feliz. Para Perrot (2008, p. 49), “a mulher é, antes de tudo, uma imagem – um rosto, um corpo, vestido ou nu”. E reforça a busca do ideal de beleza:

As feias caem em desgraça, até que o século XX as resgate: todas as mulheres podem ser belas. É uma questão de maquiagem e de cosméticos, dizem as revistas femininas. De vestuário também, daí a importância da moda, que, num misto de prazer e tirania, transforma modelando as aparências. [...] Em suma, ninguém tem o direito de ser feia. A estética é uma ética. (PERROT, 2008, p. 50).

E é justamente sobre um período de grandes transformações sociais que jogamos luz nessa pesquisa. O recorte cronológico proposto abrange um momento marcado pela industrialização da imprensa brasileira, uma nova fase do mercado editorial que proporcionou o *boom* das revistas femininas. Nos jornais, as seções femininas eram dirigidas à mulher urbana ligada ao lar, que deveria se sentir atualizada, mas que não poderia ofuscar o marido. Escrevia Clarice Lispector, ou melhor, Helen Palmer:

O que os homens não gostam. Uma coisa é certa: nós, mulheres, desejamos e temos o dever de agradar aos homens. Ou, pelo menos, ao homem que amamos, não é verdade? Se um homem elogia um penteado nosso, um

vestido, um tom de esmalte, é porque esse detalhe realmente nos embelezou, pois, de uma coisa podemos ter certeza: nesse assunto, o homem é sincero, não há despeito nem “veneno” em um elogio seu. [...] Chamar a atenção não é finalidade de uma mulher elegante e inteligente. Mas sim ser atraente e agradar aos homens. Estou certa? (LISPECTOR, 2006, p. 17, grifo da autora).

Os títulos das crônicas principais da coluna de Helen Palmer trazem a ideia de que é preciso seguir uma série de prescrições para ser aprovada pelo marido. *Receita de casamento* (PALMER, 1960s), *Um homem entre mulheres* (1960h), *Felicidade conjugal* (1960f), *Adão e a beleza* (1960a), *As mulheres e os homens* (1960l), *Vida em comum* (1960u) são alguns exemplos de textos que ensinam às mulheres a arte de conquistar (e manter) o homem amado.

Sómente uma mulher e dona de casa sabe e reconhece a grande tarefa que é bem dirigir uma casa. A dona de casa tem de ser, antes de tudo, uma economista, uma “equilibrista” das finanças, principalmente com as dificuldades da vida atual. O lar é o lugar onde devemos encontrar a nossa paz de espírito num ambiente limpo, sadio e agradável e cabe à mulher providenciar isso. Muitas fazem de sua casa uma vitrine permanente, onde não há espaço para o marido fumar o seu cachimbo, para o filhinho brincar. Essas, geralmente, fazem da vida do lar um inferno e quase sempre obrigam o marido a ir procurar conforto e bem-estar noutro lugar, quando não nos braços de outra mulher. [...] A boa dona de casa é a que sabe dar ordens e acompanha de perto a sua execução. É a que mantém a limpeza, a ordem, o capricho em sua casa, sem fazer desta um eterno local de cerimônias, de deveres, onde tudo é proibido. É a que faz de sua casa o lugar de descanso de felicidade do marido e dos filhos, onde eles se sentem realmente bem, à vontade, e são bem tratados. O melhor lugar do mundo. (PALMER, 1960e, p. 5).

Aborrecer o esposo, portanto, para Helen Palmer, pode ser um estímulo para que ele a troque pela “outra” (grifo nosso). A colunista ensina, por exemplo, que “as manchas de batom das roupas tira-se com um pouco de manteiga ou gordura. Lava-se em seguida com água bem quente e sabão. As manchas ‘denunciadoras’ desaparecem por completo” (PALMER, 1959d, p. 5).

Com seções voltadas às jovens casadas (ou à procura de marido), o *Correio Feminino: Feira de Utilidades* foi publicado durante um período em que ainda eram exaltadas as qualidades da *moça de família* que se preparava para ocupar o posto de *rainha do lar*. Assim deveriam ser as “mulheres dos anos dourados”, conforme Pinsky (2012c, grifo nosso). Tempo em que *moças de família*, em contraposição às *levianas*, tinham medo de ficar *mal faladas*.

Tinham gestos contidos, respeitavam os pais, preparavam-se adequadamente para o casamento, conservavam sua inocência sexual e não se deixavam

levar por intimidades físicas com os rapazes. Eram aconselhadas a comportarem-se de acordo com os princípios morais aceitos pela sociedade, mantendo-se virgens até o matrimônio enquanto aos rapazes era permitido ter *experiências sexuais*. (PINSKY, 2012c, p. 610, grifo da autora).

Experiências sexuais e, mais tarde, aventuras extraconjugais. Aos homens era legitimada a *dupla moral sexual*. “O marido sempre volta – era o consolo das esposas traídas” (PINSKY, 2012c, p. 635). Nas páginas dirigidas à mulher, não se falava em infidelidade feminina. Elas deveriam se esforçar ao máximo para manter o casamento. Por isso, água e sabão, aprendiam, seriam suficientes para “limpar” o que não deveria ser visto, nem comentado, muito menos discutido. Eram tempos de “amor romântico, mas domesticado!” (PINSKY, 2012c, p. 618). A domesticidade deveria passar também pelo cuidado com gestos, palavras e atitudes.

Muitas de vocês leitoras hão de conhecer esse tipo feminino, infelizmente hoje não tão raro quanto seria de desejar: a mulher de gestos exagerados, palavras livres e atitudes deselegantes. Interpretando mal a independência da mulher moderna, ela fuma como um homem, em público, cruza as pernas com uma desenvoltura chocante, solta gargalhadas, bebe com exagêro, usa gíria de mau gosto, palavreado grosseiro quando não se desmoraliza repetindo palavões. [...] Nenhum homem pode considerar feminina a mulher que os iguala em tudo ou quase tudo, e seu sentimento para com ela é muito pouco lisonjeiro. [...] Os homens adoram a mulher bem feminina. É só não confundir futilidade, denguiço e falta de personalidade com feminilidade. Cabe a ela refrear o exagêro, cuidar da harmonia e da delicadeza nos gestos, nas palavras, nas atitudes. Nunca me canso de repetir que, mais importante que a beleza, que a cultura, que um guarda-roupa elegante, para a mulher ser atraente é ser MULHER. (PALMER, 1960g, p. 5).

A conselheira chama a atenção para a necessidade de deixar o homem sempre satisfeito, “com carinho e todo o calor de nosso encanto”. Afinal, diz Palmer (1960t, p. 5) “[...] o nosso marido nos proporciona um lar, nos dá apoio nas horas de depressão, nos ajuda nas doenças, nos protege com o seu nome e a sua pessoa”. Para Luca,

Permanece a preocupação de ditar à leitora um conjunto de regras que precisam ser seguidas em relação ao corpo, vestuário, comportamento, gostos e preferências que garantiriam o tão almejado sucesso junto ao sexo oposto. O importante, tanto antes como agora, é apresentar-se de uma determinada maneira, esforçar-se por corresponder ao que se espera dela, num jogo no qual a aparência vale mais do que a essência e no qual se investe muita energia e tempo. A recompensa em “fiscar” o objeto desejado, ser “reconhecida” e “notada” [...]. (LUCA, 2012, p. 462, grifos da autora).

O “objeto desejado” dependeria do esforço da esposa, sempre à sua sombra, para alcançar sucesso profissional.

As mulheres têm muita influência sobre a vida do marido, especialmente, no setor de trabalho. Por trás de todo homem casado que trabalha, está a sombra da esposa. Esta poderá ajudá-lo a subir muito além dos outros, ou fará tanto peso para baixo que ele desistirá de lutar. Uma coisa é estimular pelo elogio e camaradagem, outra coisa é queixar-se todo dia de que ele não sobe na vida e ganha menos do que se gasta em casa. Isso pode arruinar a vida de um marido. Que deve você fazer para animar seu marido? Em primeiro lugar, mostrar-lhe por pequenas coisas, que você tem confiança nêle, que espera dêle grandes coisas e que ele é seu herói. Faça a sua parte, limpando a casa, preparando pratos saborosos e educando as crianças. Ele se sentirá feliz num ambiente sossegado e poderá repousar melhor. No dia seguinte, estará apto para enfrentar novas lutas e poderá conseguir novas vitórias. (PALMER, 1960c, p. 5).

E enquanto deveriam esperar pelo casamento, as futuras “rainhas do lar” ocupavam cada vez mais espaços nas escolas. O número de mulheres já estava próximo ao dos homens no ensino elementar e no médio. O magistério era o curso mais procurado pelas moças - as normalistas vestidas de azul e branco - que deveriam se transformar em *senhoras honestas*. Consideradas educadoras naturais, elas, no entanto, poderiam não exercer a atividade quando subissem ao altar.

Se o destino primordial da mulher era a maternidade, bastaria pensar que o magistério representava, de certa forma, a “extensão da maternidade”, cada aluno ou aluna vistos como um filho ou uma filha “espiritual”. O argumento parecia perfeito: a docência não subverteria a função feminina fundamental, ao contrário, poderia ampliá-la ou sublimá-la. Para tanto seria importante que o magistério fosse também representado como uma atividade de amor, de entrega e doação. (LOURO, 2012, p. 450).

Rosemberg (2012) também enfatiza que, nesse período, a defesa do acesso das mulheres à educação formal foi justificada pela função doméstico-maternal: mulheres educadas são melhores mães. A pesquisadora lembra que a educação das mulheres só conseguiu romper as últimas barreiras legais em 1971 com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) que atribuiu equivalência entre os cursos secundários. Somente a partir da década de 1970, portanto, o curso normal secundário, intensamente frequentado por moças desde o fim do século XIX, possibilitou o acesso também ao ensino superior (ROSEMBERG, 2012, p. 334).

Correio Feminino: Feira de Utilidades nasceu num período rico em mudanças. No campo das artes, 1959 foi um ano de transformações no Brasil. A peça *Orfeu da Conceição*,

escrita por Vinícius de Moraes, em 1956, foi levada ao cinema. Dirigida pelo francês Marcel Camus, com o novo título de *Orfeu Negro*, o filme foi premiado com a Palma de Ouro no Festival de Cannes e com o Oscar de melhor filme estrangeiro do ano. Mas a novidade mesmo ocorreu na música. As vendas do LP *Chega de Saudade*, lançado no ano anterior pela *Odeon*, com o então novato João Gilberto, explodiram em janeiro e fevereiro, alcançando 35 mil cópias. Nascia, assim, o movimento Bossa Nova:

Aquele novo jeito de cantar e tocar de João Gilberto ensolarava tudo – muito mais do que “Copacabana”, com Dick Farney, tinha feito doze anos antes. [...] Os garotos podiam se ver naquela música, tão bem quanto nas águas de Ipanema, muito mais claras que as de Copacabana. [...] nenhum outro disco brasileiro iria despertar em tantos jovens a vontade de cantar, compor ou tocar um instrumento. Mais exatamente, o violão. (CASTRO, 2008, p. 185).

Bossa Nova era mais que um pensamento positivo, afirma Castro (2008). O termo também era uma referência ao então presidente da República, Juscelino Kubitschek, que governou o Brasil entre 1956 e 1961. Um presidente que conseguiu criar uma imagem de mudança. Eram tempos de modernização na economia. JK ergueu hidrelétricas, abriu estradas e construiu a capital federal, Brasília, em 1960. A coluna de Helen Palmer surgiu, portanto, em um momento em que começava a se consolidar, no País, a sociedade de consumo, fruto do desenvolvimento industrial dos anos de 1950.

Segundo Fausto (2012, p. 360), “os anos JK podem ser considerados de estabilidade política”. “Mais do que isso,” destaca Fausto, os “Cinquenta anos em cinco” da propaganda oficial “foram anos de otimismo, embalados por altos índices de crescimento econômico, pelo sonho realizado da construção de Brasília.”

A expressão nacional-desenvolvimentismo, em vez de nacionalismo, sintetiza pois uma política econômica que tratava de combinar o Estado, a empresa privada nacional e o capital estrangeiro para promover o desenvolvimento, com ênfase na industrialização. [...] De 1957 a 1961, o PIB cresceu a uma taxa anual de 7%, correspondendo a uma taxa *per capita*, ou seja, por habitante, de quase 4%. Se considerarmos toda a década de 1950, o crescimento do PIB brasileiro *per capita* foi aproximadamente três vezes maior do que o do restante da América Latina. (FAUSTO, 2012, p. 364-365).

No entanto, em virtude do crescimento econômico, desde os meados anos 1950, as seções femininas – tanto de jornais quanto de revistas – começavam a abordar temas como a insatisfação das donas de casa. Observa-se, na imprensa feminina, a promoção da mulher consumidora. Nas páginas dos jornais, surgem as imagens “de mulheres alegres, coquetes,

sorridentes, felizes com os *milagres* do conforto” (LIPOVETSKY, 2000, p. 211). Agora, a mãe-esposa moderna poderia ter como aliados os “instrumentos libertadores” do trabalho doméstico.

Donas de casa com mais recursos podiam contar também com aspirador, batedeira, enceradeira e, tempos mais tarde, máquina de lavar roupa. O país impregnava-se da ideologia desenvolvimentista e privilegiava um projeto industrial voltado para a produção de bens de consumo, permitindo que parcelas cada vez maiores da população tivessem acesso a essas novidades. (PINSKY, 2012a, p. 500).

A mulher não precisava apenas “ser”. Precisava, ao mesmo tempo, “ter”. O mercado é, então, invadido por uma pujante indústria de eletrodomésticos e, claro, de cosméticos. A publicidade foi uma das responsáveis pela modernização da imprensa no período, o que é caracterizado por Ribeiro (1999) como *surto publicitário dos anos 1950*. As agências escolhiam os jornais de acordo com sua força de venda. Ribeiro conta que os detentores das maiores fatias publicitárias vindas das agências eram o *Correio da Manhã*, o *Diário de Notícias*, *O Jornal* e *O Globo*.

Apesar de *Correio Feminino: Feira de Utilidades* não ter anúncios diretos, conforme exigência do contrato com a Pond's, eles eram frequentes na página 5, onde geralmente a coluna era publicada. *Tapetes Santa Helena*, *Vôos Super-Convair*, *Chá Tender Leaf*, *Geléia Real*, *Urodonal*, *ODD Polidor*, *Vasp-Cruzeiro do Sul Ponte Aérea*, *W.M. Reis Eletrodomésticos*, *Rollover* (para refrigeradores) e *Lev Trat* (tecidos de alta classe) foram os mais encontrados na página feminina do *Correio da Manhã*.

E consumir significava ter mais recursos e tempo para cuidar da aparência. Nas linhas e entrelinhas da coluna, o destaque maior era dado para o embelezamento. No Rio de Janeiro, um dos centros polarizadores dos movimentos culturais de então, Helen Palmer escreve:

Não existem mulheres feias. Não é uma afirmação leviana, digo-o baseada na experiência que adquiri sobre a arte de embelezar a mulher e atrair a atenção masculina. Com a variedade de cosméticos e artificialismo que os laboratórios atualmente criam para melhorar o que a natureza deu à mulher, só é feia quem quer [...]. (LISPECTOR, 2006, p. 105).

A chave para a conquista da beleza são os cosméticos. Segundo Pinsky (2012a, p. 502, grifo da autora), “a dona de casa perfeita ainda encontra maneiras de ser elegante enquanto tira o pó, ‘usa um aventalzinho’ coquete por cima do vestido alinhado, perfuma-se até para cozinhar”. Vigarello (2006) investiga que, a partir do século XX, há uma suposta democratização do acesso à beleza. Para o autor, a excelência da beleza poderia ser partilhada

e o ideal poderia ser domesticado. O modelo voluntarista ganha força. É preciso ter perseverança para dominar o corpo. Uma questão de investimento, vigilância e autoconstrução. São belezas acessíveis, afirma Vigarello:

[...] o anônimo transformado por seu mérito, o semelhante tornado admirável. É ao redor do cinema que se metamorfoseia, no século XX, uma democracia da beleza. E é ao redor do argumento voluntarista, até meritocrático, que essa democracia é antes de mais nada pensada. [...] Cava-se um espaço psicológico em que o indivíduo das sociedades democráticas sonha com inumeráveis transformações: submeter o conjunto da aparência, em especial, ao único exercício da vontade. (VIGARELLO, 2006, p. 163).

Ao analisar o papel da imprensa feminina, entre 1914 e 2000, Vigarello sustenta que as normas sobre maquiagem, penteado e roupa tentam aproximar bruscamente a jovem banal da estrela de cinema. Uma transmutação possível: “Conclusão de tudo isso? Não há mulher feia... Só há mulheres que se descuidam”. (VIGARELLO, 2006, p. 162-163). “Pode-se aquilatar a importância dessa divulgação: a beleza de ‘todos’ – dos humildes, das idades, dos gêneros – também passa por revisão. O corpo se tornou o mais belo objeto de consumo”, afirma Vigarello (2006, p. 171, grifo do autor). Segundo o historiador (VIGARELLO, 2006, p.165), “o corpo é uma argila que se molda à vontade da cultura física e aos cuidados da beleza”. Novaes (2011, p. 493) ressalta que “de dever social (se conseguir, melhor), a beleza tornou-se uma obrigação moral (se realmente quiser, eu consigo)”. Esforço, determinação e disciplina: “O fracasso não se deve a uma impossibilidade mais ampla, mas a uma incapacidade individual” (NOVAES, 2011, p. 493).

Para Lipovetsky (2000), no século XX, é a imprensa feminina que se torna o vetor principal da difusão social das técnicas estéticas. É tempo, segundo Lipovetsky, de uma nova retórica que conjuga beleza e consumo. Segundo o autor, “os conselhos, as informações e as imagens de beleza fazem parte de uma lógica de produção-consumo-comunicação de massa”. (LIPOVETSKY, 2000, p. 155).

Os novos anúncios são fabricados com o objetivo de legitimar a sedução, o gosto pela juventude, as paixões narcísicas, a procura consumidora da beleza. Embelezar-se, maquiarse, querer permanecer jovem e agradar já não parecem um luxo mais ou menos condenável, mas o dever de toda mulher preocupada em conservar a fidelidade do marido e consolidar sua união. (LIPOVETSKY, 2000, p. 159-160).

O modelo de “dona de casa ideal” não era compatível, portanto, com o trabalho no espaço público. “Em meados do século, como os valores atribuíam ao feminino

prioritariamente as atividades do lar, era comum que as moças de classe média que estudavam e trabalhavam deixassem de fazê-lo ao se casar” (PINSKY, 2012a, p. 506). No fim da década de 1950 e início dos anos de 1960, a mulher que trabalhava fora começava, lentamente, a receber a aprovação social. Como o interesse voltado aos bens de consumo começava a se tornar um valor dentro da classe média, explica Pinsky (2014), uma força passa a impulsionar as mulheres para o mercado de trabalho para que elas colaborem com o orçamento doméstico. Por outro lado, uma força a puxa de volta para casa. “São duas forças contraditórias e ela tem que andar nessa corda bamba, entre esses dois caminhos”, sustenta Pinsky (2014).

Mas nada superava o “sagrado papel de boa esposa, mãe e dona de casa”. Trabalhar fora poderia demonstrar a incapacidade do marido em “sustentar a família”. Para Pinsky (2012c, p. 625), “não era fácil encontrar esposas de classe média trabalhando fora de casa a não ser por necessidades econômicas – situação que, de certa forma, poderia chegar a envergonhar o marido”. Escrevia Helen Palmer:

Muita gente pensa que a maioria das mulheres prefere trabalhar fora a viver em casa, cuidando da comida, roupa e arrumação do lar. [...] Não é nada agradável para uma mulher levantar todo dia a mesma hora, se preparar correndo, tomar café e sair atrás de um ônibus lotado, para começar a trabalhar num escritório ou repartição até tarde, naquela rotina desagradável de todos os dias. O trabalho em casa, apesar de não ter horário e nunca ter fim, é mais agradável. [...] nêla a mulher põe amor e interesse, pois são coisas suas e ela é diretamente interessada, ao contrário do que ocorre com o trabalho fora do lar. (PALMER, 1960j, p. 5).

Para as que, apesar dos conselhos da colunista, optam por trabalhar fora de casa, Helen faz um alerta para o perigo que poderá significar a perda da feminilidade.

Se você trabalha fora, comanda ou dirige equipes, trata de assuntos comerciais com homens, interessa-se por força da profissão, pela cotação do mercado, pela contabilidade mecanizada, enfim, se você é obrigada a deixar de lado as maneiras delicadas e muito femininas, muito cuidado! O grande perigo que a ameaça é a masculinização de seus gestos, de sua palestra, de seus pensamentos. É muito freqüente ocorrer isso. Mulheres, que, em essência e nas formas, são bastante femininas, e no entanto deixam-se influenciar pela linguagem e pelos assuntos áridos do mundo dos negócios. Sentem que os homens, à sua volta, aos poucos vão perdendo o interesse inicial e retraindo-se a uma reserva fria, e elas não sabem por que. Recebem muitos convites para jantar, ainda, mas os galanteios começam a rarear. Conversa de “homem pra homem” é o que parece que os seus antigos admiradores passam a desejar. Por quê? Olham-se no espelho, não encontram falhas na beleza ou na elegância, e continuam a não compreender. Pois, minhas amigas, o que acontece é que elas esqueceram a sua condição de mulher. Se observarem a si próprias nos seus gestos, no seu tom de voz,

se ouvirem suas próprias palavras ficarão espantadas. Onde terão ficado a antiga coqueteria, a graciosidade que dantes as tornavam centro das atenções masculinas? Quando conversam, já não sorriem, as frases são objetivas, geladas, e nenhuma acolhida cordial aproxima-a do seu interlocutor [...]. (PALMER, 1960p, p. 5).

A colunista lembra às leitoras que existe uma condição feminina e, por isso, “a mulher não foi aprisionada pelo homem, mas pela sua própria natureza fisiológica” (PALMER, 1960k, p. 5).

A “amiga” de Helen Palmer

A leitura da coluna *Correio Feminino: Feira de Utilidades* e, mais tarde, de *Feira de Utilidades*, permite que seja traçado o perfil da “amiga e companheira” a quem Helen Palmer dirigia-se duas vezes por semana. As notas sobre casamento, decoração, cuidados com a casa, beleza, moda, culinária e comportamento, em sua grande maioria, eram direcionadas à mulher urbana, casada, mãe, que pertence à classe média ou alta – algumas vezes, há conselhos específicos para a mulher jovem, solteira, mas sempre à procura de marido. Mas, podemos inferir que outras mulheres também liam Helen Palmer, dada a ampla circulação do impresso.

Embora a coluna tenha como ilustração a personagem *Amélia*, o que remete à lembrança da música *Ai, que saudades de Amélia*, composta em 1942 por Ataulfo Alves e Mário Lago, não encontramos nos textos de Helen Palmer uma mulher sem vaidades, que “achava bonito não ter o que comer”, conforme a letra da canção. Pelo contrário. À *Amélia* de *Feira de Utilidades* eram oferecidas as novidades proporcionadas pela indústria de cosméticos, como os lançamentos de cremes antirrugas e de hidratantes especiais para as mãos e o corpo.

Além da importância do uso diário desses cremes, a leitora-amiga de Helen Palmer recebia lições constantes sobre o poder da “maquillage”, o uso correto de perfumes, os segredos para obter cabelos brilhantes, dicas para clarear as mãos e conservar a silhueta como as estrelas de cinema. Ela poderia aprender a fazer máscaras faciais e até descobrir o “poder” do chá de sabugueiro para destacar a beleza (*ótimo para fechar os poros dilatados*).

A condição social do público-alvo de *Feira de Utilidades* pode ser percebida também pelo número significativo de notas sobre cirurgia plástica (*para as que possuem um nariz feio, olhos empapados, bochechas caídas e rugas demais ou opera milagres nas fisionomias mais irregulares*), procedimento considerado pouco acessível naquele período, e ainda nos dias atuais. Ao “conversar” semanalmente com sua companheira, Palmer também se preocupava

em ditar regras para a perfeita combinação de vinhos (*seja doce de mesa, branco ou rosé*), sobre o momento certo de servir o “champanha” (*não deve ser pôsto a gelar no refrigerador*), coquetéis e martínis secos aos convidados.

Encontramos ainda na coluna notas sobre a necessidade de saber usar joias de acordo com a ocasião (*em ouro podem ser usadas pela manhã e as pérolas só deverão ser usadas a partir da tarde; não usar colares compridos para dirigir os trabalhos da casa*) e aprender a ter a “aparência pessoal no lar” (*ficar sempre com cabelos penteados, um vestido elegante e uma pinturinha no rosto*), manter sempre bonitos os objetos de porcelana (*lavar só com água e sabão em pó*), saber preparar ostras assadas e conservar rendas finas (*lavá-las em leite morno*). Esperava-se que a leitora de *Feira de Utilidades* tivesse empregada doméstica, pois a colunista destacava “a importância de saber dar ordens e acompanhar a execução das tarefas”.

Helen Palmer ensinava também à sua leitora a maneira correta e elegante de entrar num carro: *segure a porta e coloque o pé esquerdo dentro do carro; vire o corpo e sente-se firmando o peso do corpo sobre o pé que está dentro do carro e puxe a perna direita para dentro do carro e feche a porta*.

Os anúncios publicitários que apareciam na página onde *Feira de Utilidades* era publicada também nos dão pistas sobre o tipo de mulher a quem a coluna era dirigida. A *Super-Convair* oferecia *vôos diários para Recife* e *Vasp-Cruzeiro do Sul-Varig* tinham 60 voos diários entre Rio de Janeiro e São Paulo (*Há sempre um avião à sua espera!*). As leitoras da página feminina também eram “convidadas” a passar o fim de semana no *Hotel Florilda de Itaipava*, na região serrana do Rio de Janeiro, a fazer reservas no *Iate Clube do Rio de Janeiro* (*baile a rigôr ou fantasias de luxo*), a servir *Vinho Granja União* (*da terra generosa para mesas requintadas*) e a elas era sugerido que usassem meias *Christian Dior* (*agora também no Brasil!*).

Helen Palmer, uma personagem de Clarice

Uma mulher sofisticada, que conhece bem os segredos de receber convidados, combinar vinhos e pratos, vestir-se com elegância e dominar as regras da etiqueta social que predominavam nos anos 1950. Assim era Helen Palmer. Assim era Clarice Lispector. A primeira era a colunista, amiga e conselheira, que ditava às leitoras do *Correio da Manhã* as normas que uma mulher deveria seguir para conquistar (e manter) um marido e ser aprovada socialmente nos papéis de esposa dedicada, mãe zelosa e dona de casa exemplar. A segunda era a escritora de romances consagrados, que cumpria as exigências de um contrato com o

jornal e escondia-se sob um pseudônimo – mas que dominava os temas que abordava. Um refinamento que, em grande parte, adquiriu durante o tempo em que esteve casada com um diplomata, ou como preferia dizer, na “carreira” de ex-mulher de diplomata (LISPECTOR, 2007, p. 187).

A educação superior de Clarice, seu trabalho como jornalista, sua experiência no serviço diplomático, seu conhecimento de línguas e sua prática de viver em três continentes faziam dela, à parte sua realização artística pessoal, uma das mulheres mais refinadas de sua geração, e não apenas no Brasil. (MOSER, 2009, p. 331).

A presente pesquisa não pretende traçar um paralelo entre criadora e criatura, mas sugere trilhar algumas pistas que possam apontar que a criação da personagem Helen Palmer poderia ser confortável a Clarice. Apesar de o pseudônimo ter sido uma sugestão do Departamento de Relações Públicas da Pond's, o anonimato parecia facilitar o ofício de escrever colunas femininas. Na mesma época em que produzia *Feira de Utilidades*, Clarice assinava contos na revista *Senhor*, impresso “que marcaria época na imprensa nacional” (MOSER, 2009, p. 339).

Para pesquisadores e biógrafos da escritora (MOSER, 2009; NUNES, 2006), ela escrevia páginas femininas apenas por necessidade financeira. “Ela precisava ganhar a vida, o que a *Senhor* e seu trabalho jornalístico garantiam”, informa Moser (2009, p. 367). Recém-separada, Clarice “precisa de mais trabalho, pois a pensão que recebe do ex-marido e a remuneração dos direitos autorais de seus livros e dos contos cedidos à *Senhor* não são suficientes para sua manutenção”, diz Nunes (2006, p. 203).

Mas, a questão financeira não parece ser o único fator que motivava a escritora a preferir o anonimato. Moser conta que, em 1953, Clarice fora incentivada pelo amigo Fernando Sabino a assinar uma coluna para a *Manchete*, revista lançada no ano anterior. Ela resistiu:

A ideia, prontamente aceita, encontrou um obstáculo quando Clarice insistiu em permanecer anônima. Ela sugeriu ressuscitar Teresa Quadros, mas a equipe de *Manchete* tinha outras ideias; ela e Fernando trocaram cartas sobre o assunto ao longo de 1953, Fernando abrandando com sensibilidade a irritante decisão de Clarice. “Ela [Teresa] é muito melhor do que eu, sinceramente: a revista ganharia muito mais com ela – ela é disposta, feminina, ativa, não tem pressão baixa, às vezes até mesmo feminista, uma boa jornalista, enfim”, insistiu ela. (MOSER, 2009, p. 304-305).

Anos mais tarde, no fim da década de 1960, já contratada pela *Manchete* para fazer entrevistas na seção *Diálogos Possíveis com Clarice Lispector*, ela admitiu que ficava incomodada com a fama. Ao entrevistar o escritor e amigo Fernando Sabino, perguntou: “O

sucesso atrapalhou você? A mim quase que faz mal: encarei o sucesso como uma invasão” (LISPECTOR, 2007, p. 33). “Sua fama é enorme, Érico. Se eu fosse famosa assim, teria minha vida particular invadida, e não poderia mais escrever” – disse ao escritor Érico Veríssimo (LISPECTOR, 2007, p. 41). Pior ainda, para ela, era ser considerada um “monstro sagrado”.

Uma das coisas que mais me deixam infeliz é essa história de monstro sagrado; os outros me temem à toa, e a gente termina se temendo a si própria. A verdade é que algumas pessoas criaram um mito em torno de mim, o que me atrapalha muito: afasta as pessoas e eu fico sozinha. Mas você sabe que eu sou de trato muito simples mesmo que a alma seja complexa. (LISPECTOR, 2007, p. 188).

A recusa em assinar colunas na imprensa pode estar relacionada ao medo de se expor demais aos leitores. É o que se percebe ao ler algumas crônicas que ela escreveu para o *Jornal do Brasil*, entre agosto de 1967 e dezembro de 1973. Em *Amor Imorredouro*, publicada em 9 de setembro de 1967, ela revela:

Já trabalhei na imprensa como profissional, sem assinar. Assinando, porém, fico automaticamente mais pessoal. E sinto-me um pouco como se estivesse vendendo minha alma. Falei nisso com um amigo que me respondeu: mas escrever é um pouco vender a alma. É verdade. Mesmo quando não é por dinheiro, a gente se expõe muito. (LISPECTOR, 1984, p. 20).

Além do receio de “vender a alma” no jornalismo, pode-se concluir também que a escritora alimentava algum tipo de preconceito com relação a colunas femininas. Na crônica *Mulher Demais*, publicada no *Jornal do Brasil* em 8 de junho de 1968, ela relata que, certa vez, recusou o convite para fazer uma crônica de comentários dirigida às mulheres. E explicou a recusa:

[...] desconfio de que a coluna ia era descambar para assuntos estritamente femininos, na extensão em que *feminino* é geralmente tomado pelos homens e mesmo pelas próprias humildes mulheres: como se mulher fizesse parte de uma comunidade fechada, à parte, e de certo modo segregada. (LISPECTOR, 1984, p. 148, grifo da autora).

O anonimato pode ser uma alternativa diante do suposto preconceito com relação à temática. Segundo a jornalista Maria Cláudia de Mesquita e Bonfim, que assumiu o cargo de editora-chefe da seção feminina do *Correio da Manhã* nos anos 1960, “[...] ‘suplemento feminino’ era considerado um jornalismo menor, coisa frívola, onde gente de letras não ousava mostrar a cara” (BONFIM, 2002). No entanto, nas mesmas crônicas publicadas no

Jornal do Brasil, Clarice deixa entrever que possui um pouco da alma de Helen Palmer. Em *Amor Imorredouro*, a escritora trata de uma pergunta que fez a um amigo: “O que mais interessa às pessoas? Às mulheres, digamos.”

Antes que ele pudesse responder, ouvimos do fundo da enorme sala a minha amiga respondendo em voz alta e simples: “O homem.” Rimos, mas a resposta é séria. É com um pouco de pudor que sou obrigada a reconhecer que o que mais interessa à mulher é o homem. [...] O homem é nossa fonte de inspiração? É. O homem é o nosso desafio? É. [...] Nós não podemos passar sem o homem com quem brigamos? Não. Nós somos interessantes porque o homem gosta de mulher interessante? Somos. (LISPECTOR, 1984, p. 20-21).

Além de querer ser interessante para atrair o olhar do homem, Clarice também conta aos leitores do *Jornal do Brasil* que temas ditos femininos também podem ser pautas de um encontro entre mulheres:

[...] uma moça veio me entrevistar sobre literatura, e, juro, que não sei como, terminamos conversando sobre a melhor marca de delineador líquido para maquilagem dos olhos. E parece que a culpa foi minha. Maquilagem dos olhos também é importante, mas eu não pretendia invadir as seções especializadas, por melhor que seja conversar sobre modas e sobre a nossa preciosa beleza fugaz. (LISPECTOR, 1984, p. 148).

Segundo a amiga Olga Borelli, Clarice era “profundamente feminina, exigia e se exigia boas maneiras” (BORELLI, 1981, p. 13). O tema beleza, aliás, é recorrente nas entrevistas que realizou, entre maio de 1968 e outubro de 1969, para a revista *Manchete*, na seção *Diálogos Possíveis com Clarice Lispector*. Ela relatou, por exemplo, que com a escritora Lygia Fagundes Telles mantinha “conversas francas e variadas. Ora se fala em livros, ora se fala sobre maquilagem e moda, não temos preconceito. Às vezes se fala de homens” (LISPECTOR, 2007, p. 13). No texto de abertura de grande parte da seção de *Manchete*, a jornalista/escritora destaca a beleza como uma das características do entrevistado.

Assim, a poeta Marly de Oliveira é apresentada como “muito bonita, de bastos cabelos negros e olhos castanhos, e voz feita para amar adultos e ninar crianças” (LISPECTOR, 2007, p. 76). O compositor Tom Jobim é “bonito” (LISPECTOR, 2007, p.110). O ator Paulo Autran “é um homem moço, particularmente belo” (LISPECTOR, 2007, p. 133). A atriz Bibi Ferreira “é simplesmente linda!”. E completa: “Não que eu prefira entrevistar pessoas bonitas, mas é tão bom olhar para elas.” (LISPECTOR, 2007, p. 138). A atriz Tônia Carrero tem

“beleza perfeita e harmoniosa” (LISPECTOR, 2007, p. 142). Os atores Tarcísio Meira e Glória Menezes “são dois exemplares bonitos de seres humanos” (LISPECTOR, 2007, p. 147). Jardel Filho é um “ator muito bonito [...] trata-se de um bonito homem, com olhos azuis muito intensos, tanto na cor quanto na translucidez” (LISPECTOR, 2007, p. 152). Jece Valadão “é muito mais bonito e atraente do que aparece nas fotografias e filmes” (LISPECTOR, 2007, p. 157).

Foi também ao falar sobre beleza que Clarice surpreendeu a então jornalista Germana de Lamare, do *Correio da Manhã*, que foi entrevistá-la em 1972, para a seção *Anexo* (LAMARE, 1972), do *Segundo Caderno*. Em entrevista gravada especialmente para a presente pesquisa, no dia 25 de novembro de 2013, no Rio de Janeiro, Germana lembra que a escritora interrompeu a entrevista para fazer observações sobre suas feições.

A Clarice nunca foi afável. Ela era uma pessoa ríspida em certos momentos, dura. Em outros momentos, muito doce, quando ela disse que eu era muito bonita, de repente. No meio da entrevista, quando eu estava perguntando, “você é muito bonita, você tem as maçãs do rosto como eu, muito salientes, e isso é uma bênção pra você porque você não vai envelhecer. As maçãs vão segurar as suas feições do rosto”. Eu fiquei impressionadíssima com esse comentário, porque como eu te disse, eu tinha feito moda e maquiagem e aquela mulher tão simples e ao mesmo tempo com conhecimento tão profundo de estética. (LAMARE, 2013).

Talvez os pseudônimos tenham, sim, deixado Clarice mais à vontade para falar de “assuntos estritamente femininos” – questões que ela dominava e até admitia que gostava. Mas se era para vender a alma, que seja a alma de personagens. A alma de uma certa conselheira refinada, Helen Palmer. Afinal, como revelou no fim dos anos 1960, “há mil *clarices* em mim” (LISPECTOR, 2007, p. 18).

Saias na redação e as representações nas páginas femininas

Nelly, Helena Figueiredo, Maria Vieira e Maria Olívia são alguns nomes de colunistas encontrados no *Correio da Manhã*, entre 1959 e 1961, período em que Helen Palmer assinava *Correio Feminino: Feira de Utilidades* e, mais tarde, *Feira de Utilidades*. Nomes femininos eram destaque em seções e reportagens dirigidas às mulheres. Nelly ensinava a cozinhar. Helena tinha dicas para o cotidiano, como os segredos de uma boa noite de sono. As outras também reproduziam o cardápio servido às mulheres desde o século anterior: moda, beleza, comportamento, educação dos filhos e noções de economia doméstica. Os cargos de chefia,

como superintendente, diretor, redator-chefe e gerente, eram ocupados por homens, assim como as demais editorias - política, economia, polícia, esportes e cidades. Somente a partir dos anos 1950/1960, algumas mulheres passaram a assumir a direção de jornais. Essa ascensão, no entanto, deu-se porque, ao ficarem viúvas, herdaram o posto de comando deixado pelos maridos: Maurina Pereira Carneiro, no *Jornal do Brasil*; Ondina Ribeiro Dantas, no *Diário da Noite*, e Niomar Moniz Sodré, no *Correio da Manhã* (ABREU, 2008, p. 151).

Entre 1959 e início dos anos 1960, portanto, as mulheres escreviam para o 2º *Caderno do Correio da Manhã*, desde que mantivessem os temas tradicionais constitutivos do mundo feminino. As notas e reportagens sobre artes plásticas, música, teatro e cinema eram assinadas por homens. Na edição de 26 de agosto de 1959, por exemplo, José Condé era o titular da seção *Escritos e Livros*, e Jayme Maurício falava sobre o *Itinerário das Artes Plásticas*. A mesma distribuição de temas encontramos no 2º *Caderno* da edição de 24 de março de 1961. Enquanto as colunistas estão preocupadas em repassar novas receitas – Helen Palmer tem dicas para o preparo de pão doce e de torta de fruta fresca, e Nelly expõe os segredos de preparo de espinafre de forno e de maçãs à milanesa –, Carlos Aquino (1961) assina um texto sobre teatro, João Carlos Gomes comanda a seção *Teen-Age*, Eurico Nogueira França e Rossini Pinto tratam das últimas novidades do mundo musical e Luiz Gismondi oferece o roteiro sobre bailes e espetáculos nos principais clubes do Rio de Janeiro.

Abreu (2008) conta que, apesar de a imprensa feminina ter surgido no Brasil no século XIX, a presença de mulheres nas redações de jornais só foi expressiva a partir da década de 1970, resultado do intenso processo de urbanização que marcou o País, do aumento da escolaridade e da profissionalização do jornalismo. Mas, até chegar a esse período, elas deveriam se contentar com um determinado tipo de escrita:

Até os anos 1960, a participação das mulheres estava restrita às revistas femininas, ou às seções de moda, de receitas culinárias, de conselhos sobre educação infantil e sobre comportamento familiar. Também escreviam crônicas ou contos direcionados para o público feminino. Os assuntos “sérios” eram destinados aos homens. Essa situação era mais visível no jornalismo econômico, ao qual as mulheres não tinham acesso. (ABREU, 2008, p. 153).

O lugar reservado às mulheres nas redações é explicado por Luiz Beltrão no livro *A imprensa informativa: técnica da notícia e da reportagem no jornal diário*, lançado em 1969. Do total de 422 páginas, o jornalista e professor dedica uma página para tratar de *A mulher na*

reportagem. Ele esclarece que, “nos nossos dias, não deve haver discriminação de sexos para as tarefas jornalísticas” (BELTRÃO, 1969, p. 201). E enaltece o poder de sedução feminino como arma para conseguir boas entrevistas.

As qualidades exigidas para o trabalho de reportagem, elas a podem possuir e algumas, como a curiosidade, na verdade a mulher as possui por natureza em dose muito alta. Por outro lado, a sua própria condição de mulher lhe facilita bastante o labor, pois quando a maioria das portas se fecha ela as pode fazer abrir pondo em jogo dose ponderada de coqueteria, logrando às vezes informações que se negam ao mais atilado repórter. (BELTRÃO, 1969, p. 201).

Em entrevista gravada para nossa pesquisa (LAMARE, 2013), a jornalista Germana de Lamare, que trabalhou no *Correio da Manhã* de 1961 e 1974, relatou as dificuldades que teve, no início da profissão, para assumir uma vaga de repórter de artes e cultura no 2º *Caderno*. Germana começou a trabalhar no jornal quando ainda estudava na Inglaterra. Como correspondente, enviava reportagens para a editoria de artes: “Eu entrevistei o Alec Guinnes, eu entrevistei o Harold Pinter, que era na época um dos *angry men*, um dos autores rebeldes dos anos 60”. Mas, ao retornar para o Brasil, ainda em 1961, Germana lembra que foi informada de que trabalharia na seção feminina: “E suplemento feminino para mim era receita de bolo, era todo aquele esquema mais antigo [...] mais tradicionalista de ser uma boa esposa que predominou a filosofia dos anos 50”.

E qual era o lugar destinado às mulheres na redação do *Correio da Manhã* na virada da década de 1950 para 1960? A jornalista Fernanda Gurjan, que entrou para o jornal em 1961, para trabalhar na seção feminina *Vamos falar de mulheres?*, conta que havia a “salinha do feminino” (GURJAN, 2002). A existência desse espaço isolado da redação onde ficavam os homens também faz parte das memórias de Germana:

Então, quando eu fui pra uma salinha, porque claro que as mulheres foram trabalhar numa salinha, que era ao lado do elevador, pequenininha, e que tinha três mesas, que era a Maria Cláudia Bonfim, que era a editora-chefe, eu como repórter e a Fernanda Gurjan também como repórter. Depois passaram várias outras, como a Ana Maria Funke [...] (LAMARE, 2013).

A jornalista Maria Cláudia de Mesquita e Bonfim, que se formou em Jornalismo numa das primeiras turmas da Faculdade Nacional de Filosofia, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro, na década de 1950, relata que teve dificuldades para conseguir uma vaga no jornal.

Pouco depois de formada, movida pela paixão de sempre, procurei Paulo Bittencourt, amigo de minha família, para pedir-lhe um emprego no *Correio da Manhã*: levei o maior fora, com seu bem-educado argumento, pois ele era um *gentleman*: “Saia de mulher em redação de jornal só atrapalha”. Alguns anos depois, aos 27 anos, viúva e com três filhos, precisava trabalhar. O jornalismo era o caminho natural. O mesmo *Correio da Manhã* convidou-me para assessorar o Guima, que era editor do 5º Caderno de domingo, o feminino. Aleluia! (BONFIM, 2002).

Saia de mulher poderia até não atrapalhar, mas a jornalista assegura que foi necessário algum tempo para que os colegas de calças se acostumassem com a ideia de dividir o espaço físico e as páginas do jornal com as repórteres. “No começo, era olhada pelos colegas com certa desconfiança, por ser mulher, jovem e formada, mas depois confraternizei geral e fiz amigos queridos [...] Não havia, realmente, saias circulando na redação” (BONFIM, 2002).

Analisando as páginas do *Correio da Manhã* bem como os depoimentos das jornalistas que trabalharam no jornal compreendemos como a redação pôde ser caracterizada como uma espaço de poder masculino por excelência. O fato de uma mulher dificilmente ter acesso ao lugar que ocuparia numa redação – seja ele editorial ou mesmo físico - é uma forma de demarcar a dominação masculina nesse espaço. Uma questão de gênero, portanto, entendendo-se gênero como uma categoria de análise relacional, como o “estudo das relações sociais entre homens e mulheres, e como essas relações são organizadas em diferentes sociedades, épocas e culturas” (SILVA; SILVA, 2009, p. 166). Ou nas palavras de Scott (1990, p. 21), “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos e [...] é uma forma primeira de significar as relações de poder”.

E havia alguma orientação para que mulheres escrevessem apenas assuntos tradicionalmente ligados ao universo feminino? Para Germana de Lamare, “ficava combinado que o suplemento feminino falaria de coisas femininas. Isso era mais ou menos o óbvio” (LAMARE, 2013).

Apesar de defender a presença das mulheres no jornalismo, Beltrão chama a atenção para o fato de que elas não devem ser contratadas para determinadas editorias, como a de polícia. Para o professor, as repórteres devem evitar “contacto direto com toda sorte de tipos e toda classe de situações inadequadas à mulher”. É justamente para fugir de ambientes inapropriados que Beltrão aconselha que as mulheres sejam escaladas para fazer entrevistas e cobertura nos setores culturais e assistenciais, “em que os contactos se fazem com elementos de nível mais elevado”. Ele também faz um alerta:

Impecilho para a mulher, não sòmente na reportagem como no jornalismo em geral, notadamente no Brasil é a falta de continuidade no exercício da profissão, pois abandonam em geral as redações quando se casam. Se conseguem, entretanto, superar tais obstáculos, as mulheres se constituem em excelentes jornalistas profissionais encarregando-se com eficiência das páginas femininas, de secções especializadas em educação e assistência social, da cobertura de congressos, convenções, conferências, atividades das igrejas, centros artísticos, literários, etc. As mulheres são, também, excelentes arquivistas e bibliotecárias de jornal, assim como revisoras, desenhistas e o ‘staff’ fotográfico. (BELTRÃO, 1969, p. 202).

Ao contrário de profissões como magistério e enfermagem que, desde o fim do século XIX, eram tidas como femininas, o jornalismo só passou a ter essa característica a partir da segunda metade do século XX (ABREU, 2008). Mesmo que no Brasil do século XIX várias mulheres tenham criado jornais para fazer reivindicações, como acesso à educação (TELLES, 2012, p. 426), antes dos anos 1970, havia poucas mulheres ocupando espaços nas redações de grandes jornais. Segundo Abreu (2008, p. 147), em 1938, por exemplo, o Sindicato de Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo contabilizava apenas três mulheres associadas entre 303 sócios, ou seja, 1%.

Mesmo quando conseguiam ser contratadas pela empresa, nem sempre as mulheres tinham a rotina de ir à redação. Foi o que ocorreu com Clarice Lispector ao redigir a coluna *Correio Feminino: Feira de Utilidades*, com o pseudônimo de Helen Palmer. Fuad Atala, que trabalhou no *Correio da Manhã* entre 1953 e 1971, em entrevista gravada para esta pesquisa, conta que nunca chegou a se encontrar com a escritora no jornal: “Eu sabia da colaboração dela, mas confesso que eu nunca a vi na redação. [...] eu não me recordo de tê-la visto lá na redação” (ATALA, 2013).

E por que às jornalistas eram destinadas as páginas femininas? Para Louro, é preciso adentrar o terreno das relações de gênero estruturadas a partir de valores simbólicos compartilhados socialmente: “as representações do masculino e do feminino, os lugares sociais previstos para cada um deles são integrantes do processo histórico”.

Discursos carregados de sentido sobre os gêneros explicaram (e explicam) como as mulheres e homens constituíram (e constituem) suas subjetividades, e é também no interior e em referência a tais discursos que elas e eles constroem suas práticas sociais, assumindo, transformando ou rejeitando as representações que lhes são impostas. (LOURO, 2012, p. 478).

E, no jornal, assim como em outras instituições como a escola e a igreja, homens e mulheres produziram e reproduziram discursos, em que lidaram com representações,

doutrinas e práticas sociais compartilhadas (LOURO, 2012). Beltrão (1969) acredita no poder de sedução feminino como arma para obter boas reportagens. Segundo Buitoni (2009, p. 24), a explicação para isso está no *eterno feminino*, crença que “busca imobilizar, no tempo, as virtudes *clássicas* da mulher e corresponde bem ao senso comum de procurar qualidades quase abstratas: maternidade, beleza, suavidade, doçura e outras, num ser que é histórico”.

Buitoni sustenta que a imprensa feminina é um poderoso elemento na construção da identidade da mulher. “No reino da cultura da imagem, a aparência ajuda a produzir o que somos – ou pelo menos o modo como somos percebidos” (BUITONI, 2009, p. 15). Orientar o gosto, propor normas e valores é o que faz a colunista, conselheira e amiga Helen Palmer ao ditar um modo de viver às suas leitoras. Pelas páginas do *Correio da Manhã*, Palmer reproduzia a representação sobre o ser feminino, detinha a autoridade para dizer o que é ser mulher, colaborando para manter os arranjos sociais e a hierarquia de gêneros considerados naturais numa determinada época.

Ao afirmar, em mais de 100 colunas, que mulher deveria ocupar certo espaço, falar e agir de determinada maneira, ter os gestos e as emoções controladas, ser treinada para assumir papéis, encantar como dona de casa, mãe e esposa, e aceitar a dupla moral sexual do marido (lembremos que havia até dicas para retirar manchas de batom *denunciadoras*), Helen Palmer contribuía para a manutenção de uma representação social da mulher brasileira, urbana, branca e de classe média/alta na virada das décadas 1950/1960. Para Luca (2008, p. 139), “a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público”. Um jornal é, antes de tudo, um espaço de sociabilidades.

[...] jornais e revistas não são no mais das vezes, obras solitárias mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita. [...] As redações, tal como salões, cafés, livrarias, editoras, associações literárias e academias, podem ser encaradas como espaços que aglutinam diferentes linhagens políticas e estéticas, compondo redes que conferem estrutura ao campo intelectual e permitem refletir a respeito da formação, estruturação e dinâmica deste. (LUCA, 2008, p. 140-141).

A produção e reprodução de normas e valores sociais por meio de uma coluna feminina veiculada num dos mais influentes meios de comunicação do País em meados do século XX leva à busca da compreensão do papel social do jornal e, conseqüentemente, de sua função pedagógica. O período em que a coluna foi divulgada, entre 1959 e 1961, foi marcado também pela modernização dos jornais diários brasileiros. As reformas empresariais, gráficas

e editoriais eram resultado dos ventos do otimismo capitalista em curso, soprados pelo programa “Cinquenta anos em cinco”, do presidente Juscelino Kubitschek. Segundo Barbosa (2007, p. 165), os jornais eram os protagonistas da imprensa - a televisão só alcançaria popularidade a partir da década de 1960, constituindo-se aqueles em verdadeiras tribunas políticas. Além dos jornais tradicionais, como *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil*, entravam em cena, nos anos 1950, a *Tribuna da Imprensa*, de Carlos Lacerda, e *Última Hora*, de Samuel Weiner.

Campos (2009) destaca a força persuasiva dos jornais como formadores de representações coletivas, aspirações e crenças. Já Barbosa (2007, p. 158) afirma que “jornalistas são detentores de uma saber que possibilita – através de suas práticas profissionais – construir um discurso que reflete a realidade social [...]. Eles se transformam em atores indispensáveis para tornar visível esse mesmo mundo para um público cada vez mais vasto”. Para Dines (1986, p. 118), jornalista e leitor “são espelhos um do outro, reflexos, continuações, interações, parte, enfim, de um mesmo processo”.

O poder atribuído aos meios de comunicação não deve ser superestimado. Darnton (2010, p. 77) celebra “as novas variáveis que agora são centrais na teoria da comunicação, desde que uma nova geração abandonou o modelo predominante na época da inocência, quando a comunicação era entendida como um processo unilateral de inculcar mensagens nos receptores”. O historiador, que teve experiência como repórter do *The New York Times*, explica que jornalistas escrevem, principalmente, para obter reconhecimento do próprio grupo e seguem as linhas editoriais impostas pelos veículos que, por sua vez, possuem uma “história institucional”.

[...] a redação de notícias é fortemente influenciada por estereótipos e concepções prévias sobre o que deve ser “a matéria”. Sem categorias preestabelecidas do que constitui “a notícia”, é impossível classificar a experiência. Há uma epistemologia do *fait divers*. Converter um boletim policial num artigo requer uma percepção treinada e um domínio do manejo de imagens padronizadas, clichês, “ângulos”, “pontos de vista”, enredos, que vão despertar uma reação convencional no espírito dos editores e leitores. Um redator perspicaz impõe uma velha forma sobre um assunto novo, de uma maneira que cria uma certa tensão – o sujeito vai se adequar ao predicado? -, e a seguir dá-lhe uma solução voltando ao familiar. [...] O truque não vai funcionar se o redator se afastar muito do repertório conceitual que partilha com seu público e das técnicas de prepará-lo, que aprendeu com seus predecessores. (DARNTON, 2010, p. 103-104).

Para Barbosa (2007, p. 153), a “publicação é um ato de oficialização, por excelência, que legaliza, pois implica divulgar e desvendar algo para o público e, ao mesmo tempo, na sua homologação, através do consenso de todos para quem revelou”. Dines (1986, p. 118) acredita

na força educativa do jornal. Para ele, “sabe-se que o processo de informar é um processo formador e, portanto, o jornalista, em última análise, é um educador”.

Entender a função educativa do jornal não especificamente pedagógico requer uma análise da própria noção de educação:

[...] a educação para além das paredes escolares; a educação como normalização do indivíduo no sentido de distinção de crenças e valores que o fazem habitar o mundo de modo próprio: num tempo, num espaço, num segmento social. [...] Por isso, a educação de pessoas está longe de ser monopólio do espaço escolar, já que esse espaço é também atravessado pela cultura que circula na sociedade. (CAMPOS, 2009, p. 20).

Confiabilidade. Essa é a principal moeda de troca entre o jornal e o leitor. Esse contrato de confiança com o público constitui-se em “elo fundamental para que o processo jornalístico se concretize” (MELO, 1985, p. 58). Assim, afirma Melo, as instituições jornalísticas fazem um ordenamento de suas mensagens que procuram representar a realidade observada. Por meio da chamada linha editorial, é feita uma seleção da informação a ser divulgada. “A seleção significa, portanto, a *ótica* através da qual a empresa jornalística vê o mundo” (MELO, 1985, p. 59, grifo do autor). Especificamente no caso de gêneros opinativos, como coluna e crônica, o jornalista busca influenciar o público por meio de juízos de valor. Para Melo, as colunas formam núcleos de poder. “O colunismo funciona psicologicamente como câmara de eco dos rumores que circulam na sociedade” (MELO, 1985, p. 106).

Se para educar para um certo modo de ver o mundo, os jornais precisam estabelecer um contrato de confiança com os leitores, o mesmo não deverá ocorrer entre fonte e pesquisador.

Trabalhar com jornais antigos para a escrita da história da educação significa compreendê-los, portanto, muito mais como *fragmentos verossímeis* da cultura de um tempo e de um espaço do que pensá-los como provas fidedignas do passado. Significa levar em conta além do já mencionado repertório cultural dos envolvidos na sua leitura/escrita, também os interesses econômicos e ideológicos envolvidos na sua edição. Significa reconhecer e problematizar o espaço gráfico dado para esta ou aquela crônica, propaganda, notícia ou artigo. Significa transformá-los também num *objeto* de pesquisa. (CAMPOS, 2012, p. 66).

Segundo Campos (2012), desde o século XIX, a imprensa é tanto um veículo educativo quanto um meio de ocupação da esfera pública compartilhado por diversos grupos sociais. Para ela:

[...] as pesquisas que se utilizam de jornais não especificamente pedagógicos para falar sobre a história da educação trabalham, na verdade, com um conceito de educação mais abrangente do que o da educação escolar. Trata-se de uma concepção que remonta e se mistura à própria ideia de cultura [...] (CAMPOS, 2012, p. 14).

Conforme a autora, no jornal são perscrutadas as formas como os homens do passado *olharam o mundo, se deram a ver no mundo, buscaram ensinar o outro a olhar esse mundo de uma determinada maneira*. Essa ideia da imprensa como veículo educativo é reforçada por Luca:

As revistas ensinam, aconselham, propõem, indicam condutas (o que fazer ou vestir, como agir ou se portar, do que gostar, o que é de bom ou mal tom em situações específicas). Cumprem, dessa maneira, funções pedagógicas e podem influir no processo de constituição do indivíduo, na maneira como este se autopercebe e se relaciona com o mundo a sua volta. (LUCA, 2012, p. 463).

Se a história é conhecimento por vestígios (GINZBURG, 1989), ao historiador cabe farejar pistas que o levem a reconstruir a cultura de um tempo e de um espaço – e, sem dúvida, a educação não escolar das mulheres via imprensa é um dos elementos mais significativos da cultura urbana brasileira no século XX.

4 O PRODUTO: VIDEODOCUMENTÁRIO

A presente pesquisa serviu de sustentação para a produção de um videodocumentário clássico, jornalístico e histórico, de 27 (vinte e sete) minutos, que procura contar uma história e estimular a reflexão sobre a História da Educação das Mulheres. Segundo Ramos (2008), um documentário busca estabelecer asserções sobre o mundo. Para o autor, a diferença entre documentário e cinema de ficção é que “[...] ao contrário da ficção, o documentário estabelece asserções ou proposições sobre o mundo histórico” (RAMOS, 2008, p. 22).

O produto audiovisual foi construído por meio de entrevistas, narração em *off*, utilização de imagens de arquivos, fotografias e cartelas. Para Comparato (1995, p. 341), “um bom documentário nunca se acaba, jamais encerra um tema”. O autor afirma que “o documentário que se preza não pretenderá convencer o espectador, mas fazê-lo refletir sobre aquele tema” (COMPARATO, 1995, p. 342).

Durante o Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação, produzimos um pré-roteiro que apresentava a estrutura do videodocumentário. Mas, à medida que foram feitas as entrevistas com jornalistas e pesquisadores, o conteúdo dos depoimentos gerou uma mudança do texto em *off* e da estrutura das entrevistas.

Em muitos casos, o trabalho de roteirização, feito ainda na pré-produção do filme, vai se contentar em estabelecer uma estrutura básica que servirá como mapa de orientação para o documentarista durante as filmagens, com maleabilidade suficiente para que possa ser alterado no decorrer da produção, em razão de possíveis imprevistos (PUCCINI, 2009, p. 24).

Roteiro

A ideia foi produzir o videodocumentário histórico O espelho de Amélia: a feira de Helen Palmer no *Correio da Manhã*. O produto audiovisual procura recuperar a produção jornalística de Clarice Lispector no jornal *Correio da Manhã*, no período compreendido entre 1959 e 1961, por meio de fotografias, depoimentos e entrevistas com jornalistas e pesquisadores.

A história conta a trajetória da ficcionista e jornalista Clarice Lispector como colunista feminina no jornal *Correio da Manhã*. Com o pseudônimo de Helen Palmer, a jornalista assumiu o papel de conselheira, a “amiga de todas as horas das mulheres”, numa conversa de tom intimista que incluía dicas sobre beleza, moda, sedução, culinária, educação dos filhos e casamento.

O videodocumentário foi produzido por meio de entrevistas/depoimentos com jornalistas e pesquisadores. Utilizamos imagens de arquivo referentes ao recorte cronológico proposto na pesquisa (1959-1961) e cenas que contextualizam o período histórico. Os textos extraídos da coluna *Correio Feminino: Feira de Utilidades* são apresentados em formato de cartela. A locução em *off* referente ao conteúdo das cartelas foi feita pela atriz Maria De Maria. A locução em *off* foi feita pela mestrande. O videodocumentário conta ainda com captação de imagens de fotografias, textos, documentos e jornais.

Os personagens são:

Ruy Castro

Jornalista. Ruy Castro nasceu em 1948, começou como repórter em 1967, no *Correio da Manhã*, e passou por todos os grandes veículos da imprensa carioca e paulistana. No livro *O leitor apaixonado: prazeres à luz do abajur* publicou a crônica *A vida, a morte e o apagamento do Correio da Manhã* (CASTRO, 2009, p. 156).

Entrevista jornalística gravada no dia 17 de fevereiro de 2014 para o Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação

Rio de Janeiro

Ruy, o que representa o *Correio da Manhã*?

O *Correio da Manhã* é um jornal fundado em 1901 no Rio pelo Edmundo Bittencourt. Simplesmente dividiu a imprensa, antes e depois do *Correio da Manhã*. Desde o começo, foi o jornal mais combativo, mais corajoso, mais independente e mais ilustre, de certa maneira, do país. Você vai encontrar o *Correio da Manhã* desempenhando um papel importante em todas as atividades políticas e crises políticas do Brasil dos anos 20. Para você ter uma ideia, o Artur Bernardes, que foi o presidente do Brasil, entre 1922 e 1926, teve que fechar o *Correio da Manhã* para poder governar. Então, ele impôs uma ditadura de 3 ou 4 anos, fechou o Congresso, fechou tudo e teve que fechar o *Correio da Manhã* também. O resto da imprensa ele segurava. Mas o *Correio da Manhã* ele fechou na base das armas. Aí aconteceu uma coisa interessante. O meu avô, que era leitor fanático do *Correio da Manhã*, nunca perdoou o Artur Bernardes por ter fechado o *Correio da Manhã*. Essa aversão ao Artur Bernardes se transferiu ao meu pai, que também pegou uma birra tremenda do Artur Bernardes, que por sua vez

passou pra mim essa antipatia pelo Artur Bernardes. A tal ponto que no meu livro, *O anjo pornográfico*, a história de Nelson Rodrigues, que o Artur Bernardes aparece lá por causa do pai do Nelson Rodrigues, eu trato também o Artur Bernardes a cotoveladas, entendeu, porque ele cometeu o crime de fechar o *Correio da Manhã*, em 1923, 1924, por aí. O *Correio da Manhã* foi fundamental na redemocratização do Brasil em 45 porque, ainda com o Getúlio presidente, publicou a entrevista famosa do Carlos Lacerda com José Américo de Almeida, que foi a entrevista que detonou a censura no Estado Novo e abriu o caminho para a queda do Getúlio. E aí depois, sabe, mil crises, o *Correio da Manhã* sempre numa atitude de coerência. O *Correio da Manhã* podia até mudar de posição e continuar coerente ao mesmo tempo porque ele cobrava posição da democracia, do liberalismo, da verdade, da retidão, da honestidade etc. Em 64, por exemplo, o *Correio da Manhã*, mesmo discordando completamente do descalabro em que estava se transformando o governo do João Goulart, ficou a favor do Jango até o penúltimo momento, quando de uma hora pra outra, o descalabro se instaurou. Então, o *Correio da Manhã* fez dois famosos editoriais, *Basta!* e *Fora!*, em que detonava com o presidente. Mas daí a dois, três dias já ficava contra os militares através das colunas do Carlos Heitor Cony, quando descobriu que os militares estavam implantando uma ditadura, não iam devolver o poder aos civis, estavam fazendo tortura etc e tal. Enfim, o *Correio da Manhã* sempre na linha de frente da defesa da democracia e do grande jornalismo porque o *Correio da Manhã* sempre teve... os grandes profissionais da imprensa foram do *Correio da Manhã*. Para você ter uma ideia, o Graciliano Ramos e o Aurélio Buarque de Holanda eram revisores do *Correio da Manhã*. Isso nos final dos anos 40 e início dos anos 50. Isso é um luxo. E os articulistas, os colunistas, os críticos, os redatores, os diretores do jornal, tudo da primeira linha da imprensa. Eu aprendi a ler com quatro anos e meio de idade no colo da minha mãe lendo o jornal. Minha mãe lia a coluna do Nelson Rodrigues, *A vida como ela é*, no *Última Hora*. Ela lia em voz alta, eu sentado no colo dela, e ali um belo dia, algumas semanas depois, eu olhei para aquela página do *Última Hora* e li. Eu aprendi a ler ali. Mas na casa do meu pai tinha vários jornais, se não tinha muitos livros, tinha muitos jornais. Ele assinava o *Correio da Manhã*, assinava *O Jornal* do Chateaubriand, comprava o *Última Hora* por causa do Nelson Rodrigues, que a minha mãe lia, e comprava a *Tribuna da Imprensa* por causa do Carlos Lacerda. E não jogava jornal fora. Era impressionante como os jornais iam sendo empilhados. Então, eu com cinco anos de idade, em 1953, eu mergulhava nos jornais de 1948, ou seja, estava tudo lá. O passado não ia embora nunca. O passado continuava ali, ia sendo empilhado. E eu via que o *Correio da Manhã* era um jornal diferente. Então, eu decidi

logo ali, muito cedo, que o que eu queria ser na vida era ser jornalista e, especialmente, jornalista do *Correio da Manhã*.

E quando começou a sua trajetória no *Correio da Manhã*?

Eu tive que esperar algum tempo. Como eu tinha 5 pra 6 anos, eu tive de esperar algum tempo (*risos*). Mas dali a exatamente 13 anos eu cheguei lá. Eu, com 19 anos, eu fui convidado pra ser repórter do *Correio da Manhã*. Tinha feito uma amizade com um editorialista do jornal, editor do *Segundo Caderno*, o José Lino Grünewald. E ele em 67, me convidou para... Perguntou pra mim: “Ruy, você quer trabalhar no *Correio da Manhã*?”. Eu nunca tinha falado isso pra ele. Eu disse: “Claro que quero”. “Então, passa amanhã lá que eu vou te apresentar para o Nilton Rodrigues”, o chamado redator-chefe. Me apresentou e no dia seguinte eu já comecei a trabalhar como repórter da Geral. Foi quando eu me defrontei com esse objeto aqui, isso aqui é uma lauda do *Correio da Manhã*. Eu escrevi. Eu botei um papel como esse na máquina de escrever e comecei a bater, e trabalhar num papel exatamente como esse aqui. E esse era um jornal que... era espetacular. Você tinha Eurico Nogueira França falando de música clássica, Carlos Heitor Cony...

Ele reuniu os maiores nomes...

Moniz Viana que ensinou toda uma geração sobre cinema. Todos os grandes nomes porque os grandes nomes todos queriam ser do *Correio da Manhã*. Quem falava de literatura no *Correio da Manhã* era o Fausto Cunha. Os editorialistas, entre outros, eram Franklin de Oliveira, grande intelectual, Paulo Francis. Álvaro Lins foi crítico literário também. Otto Maria Carpeaux escrevia sobre política internacional. Moniz Viana falava de cinema. Depois o Sérgio Augusto entrou pra ajudá-lo. Ou seja, eu lia esses nomes todos e ficava maravilhado... Não é que eu fizesse planos - um dia eu vou trabalhar com eles. Eu tinha certeza que isso ia acontecer. Não sabia se seria com eles ou com outros. Mas o fato é que dali a poucos anos, de repente, eu tô lá, sentado ao lado do Moniz Viana, entendeu? Isso pra mim, com 19 anos. E o que mais me... e o Moniz Viana me dando a maior conversa como se valesse a pena conversar comigo. Então, eu tenho muito orgulho disso. Passei só dois anos no verdadeiro *Correio da Manhã*, 67 e 68, porque no dia 13 de dezembro de 68 foi a noite do Ato 5 e o *Correio da Manhã* foi o jornal mais atacado pelos militares, foi ocupado militarmente, depois censores dentro da redação, a Niomar Moniz Sodré, dona do jornal, foi presa, levada pra Bangu, onde passou meses, botaram uma bomba na loja de classificados do *Correio da Manhã*, na Avenida Rio Branco, no dia 7 de setembro. A bomba foi tão forte que abriu uma cratera no asfalto

equivalente a três andares de profundidade. O governo militar impôs às agências de propaganda restrições para o *Correio da Manhã*. O *Correio da Manhã* ficou sem anúncios... ou seja, teve que se fazer uma grande articulação: militares, polícia, censores, agências de propaganda *manaetadas* etc anunciantes que ficaram com medo pra conseguir silenciar o *Correio da Manhã*...

Daí começou a decadência do jornal...

Aí a Niomar não teve como manter o jornal. Em meados de 69, ela arrendou o jornal para um grupo de empresários que, ironicamente, se propunha a fazer a campanha do Andreazza (*Ministro Mário Andreazza*) para suceder o Costa e Silva. Quer dizer. Aí não é culpa da Niomar. Ela arrendou o jornal para aqueles empresários e eles simplesmente não conseguiram impor nem o Andreazza nem nada e deixaram o jornal morrer, o que aconteceu em 74. Eu estava até fora do Brasil nessa época, há quase dois anos, mas eu ficava sabendo que o *Correio da Manhã*, aquele jornal que se apresentava com o nome de *Correio da Manhã*, embora com visual inteiramente diferente, descaracterizado, outro projeto gráfico, horrível por sinal, a cada dia mais reduzido, mais minguado, passando de 50 páginas, pra 40, pra 30, pra 20 até que no final tinha 8 páginas, uma coisa lamentável...

Não era mais o mesmo jornal...

Não. Nem pensar. Até que em 74 ele foi fechado.

Ruy, um jornal feito no Rio de Janeiro mas que era lido em todo o Brasil. Ele tinha grande influência em todo o País? Ele ditava tendências, ditava normas?

Os grandes jornais do Brasil eram jornais do Rio, não era só o *Correio da Manhã*. O *Jornal do Chateaubriand* era um jornal muito influente. Aliás, todos os jornais do Chateaubriand, o *Diário da Noite*, os demais vespertinos cariocas, mas também circulavam no Brasil inteiro. Você tinha o *Diário de Notícias*, que era um jornal importantíssimo, tinha a *Última Hora* que era vespertino, mas circulava no País inteiro. Você tinha o *Diário Carioca*, a *Tribuna da Imprensa* do Carlos Lacerda e *O Globo*. O *Jornal do Brasil* era quase que um jornal de anúncios e classificados. Você comprava quando estava precisando contratar uma empregada ou procurando emprego. O *Jornal do Brasil* era pra isso. Até que houve a grande reforma feita pelo Jânio de Freitas no final de 59, aí alçou o *Jornal do Brasil* à posição de tão importante ou quase quanto o *Correio da Manhã*. Os jornais do Rio, que eram os jornais da Corte, eram os jornais mais importantes do País inteiro. Você lia o jornal da sua cidadezinha,

da sua capital, do seu estado, mas você não podia ficar sem ler um jornal do Rio. Mesmo porque eram jornais feitos de maneira muito cosmopolita, não eram jornais regionais, não tinham aquele ranço provinciano que tinham os jornais de São Paulo. Pra você ter uma ideia, os jornais de São Paulo chamam *Folha de São Paulo*, *Estado de S. Paulo*. Os jornais do Rio: o *Correio da Manhã*, o *Diário de Notícias*, *O Globo*. Ou seja, o *Jornal do Brasil*. Você tinha que ler os jornais do Rio. O *Correio da Manhã* era o mais importante porque já vinha com uma bagagem, com uma história desde o começo praticamente da República.

E por que tanta paixão que os jornalistas que trabalharam no *Correio da Manhã* trazem ao relatar essas lembranças? É diferente.

Tem hora que dá vontade de chorar. Como nesse momento. É um caso de amor. Eu sei disso... depoimentos de antigos colegas. Mas no meu caso, por exemplo, eu sempre pensei que um dia eu seria do *Correio da Manhã*. E o dia em que eu me vi lá realmente eu, sabe, é como se fosse, eu tinha 19 anos, é como se eu pensasse assim: “E agora? O que resta fazer se eu já realizei meu ideal?” A minha vida tá completa, entendeu? Eu não preciso de mais nada (*risos*). Era um jornal... Você tinha orgulho de trabalhar nele. Você levantava um telefone e falava “Alô, fulano, aqui é o fulano de tal do *Correio da Manhã*”. Você era atendido imediatamente. Não importava por quem fosse. Eu cobri a chegada de artistas de cinema ao Galeão, da Kim Novac, de vários artistas, daqueles festivais da canção, por um motivo ou por outro, de repente, eu estava ali; eu me sentia até sem querer na primeira fila talvez porque eu fosse um dos poucos que soubesse falar a língua daquela pessoa que estivesse chegando, que sabia os títulos originais dos filmes dela, no caso da Kim Novac. Eu acabava passando para os colegas as respostas do visitante. Ou seja, é como se o *Correio da Manhã* tivesse... só aceitasse pessoa mais gabaritada. E eu me sentia um foca porque em volta de mim tinha aqueles repórteres cascudos, aqueles caras parece que arrancavam informação de qualquer maneira, os grandes fotógrafos. Eu saía com um fotógrafo do *Correio da Manhã*, por exemplo, e eu aprendia muito com ele. Outra coisa, ao contrário do que acontece hoje. Hoje você vai a uma redação de jornal, você tem 23 anos, o seu chefe tem 25. Sabe pouco mais que você. Agora, no *Correio da Manhã*, não. O Sérgio Augusto me conta. Ele estava lá sentado, o Sérgio Augusto tinha 22 anos, e em volta dele tinha o Cony que tinha 28, o Carpeaux que tinha 40, o Moniz Viana que tinha 35. Ou seja, muito mais velhos que ele e eram os ídolos dele, de repente, ao lado dele.

Uma lição de fazer jornal

É. Eu, por exemplo. Um dia estou eu lá, sentado na redação, escrevendo minha matéria, de repente, tinha um cara parado perto de mim e dizia assim “Você é que é o Ruy Castro?”. Eu olho assim: “Sou”. “Muito bom seu artigo de hoje no *Segundo Caderno*”. “Parabéns”. “Obrigado”. Sabe quem era? Era o Paulo Francis. (*risos*) E a redação era linda. Era aquele salão, tudo aberto, só ficava... onde trabalhavam todos os redatores, repórteres eram ali, os chamados *copies*. A única sala fechada era a sala dos editorialistas, onde os repórteres não podiam botar os pés. Os editorialistas do *Correio da Manhã* eram todos os grandes nomes. Franklin de Oliveira, Edmundo Moniz, José Lino Grünewald, Paulo Francis, o Carpeaux, o redator-chefe, o Nilton Rodrigues, depois passou para o Osvaldo Peralva. Era uma gente importante, não tinha como reporterzinho ir lá e entrar. Por acaso, eu entrava porque o José Lino me chamava lá (*risos*), ficava bem na porta e vendo aquela coisa, aqueles caras se pavoneando por ali. Paulo Francis pegava, acabava de escrever, arrancava da máquina olhava assim e dizia “150 linhas e nenhum advérbio de modo”. Ou seja, como é que você não vai adorar um lugar desse? Você aprende.

Saudades, Ruy?

Eu não sou um saudosista, não, porque eu acho que o melhor dia que tem é hoje. Eu tenho muito material aí. Eu tenho muitos *Correios da Manhã* antigos. Quando eu quero olhar pra eles, eu só vou lá, pego uma página... tem montes de jornais como esse, entendeu? Tem essa lauda aqui. E tem, principalmente, a memória. Na verdade, essa saudade se reflete da seguinte maneira. Desde que o *Correio da Manhã* acabou eu me senti – eu entre outros – na responsabilidade de levar pra frente o legado do *Correio da Manhã*. Eu tenho que caprichar no que eu faço senão não vão acreditar que eu fui do *Correio da Manhã*. Essa é a coisa.

Germana de Lamare

Jornalista e médica. Germana de Lamare nasceu em 1937, no Rio de Janeiro. Sua primeira experiência jornalística foi como correspondente do *Correio da Manhã* em Londres. Voltou ao Brasil em 1961 e foi contratada pelo jornal, onde trabalhou até 1974. Em 1972, Germana entrevistou Clarice Lispector para o suplemento *Anexo*, do *Correio da Manhã*.

Entrevista jornalística gravada no dia 25 de novembro de 2013 para o Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação

Rio de Janeiro

Como começou a sua trajetória no *Correio da Manhã*?

A minha trajetória no *Correio da Manhã*? Bom, ela começa muito longe do *Correio da Manhã*, porque ela começa em Londres. Eu comecei a escrever alguns textos e meu pai que era médico de vários, inclusive do diretor financeiro do *Correio da Manhã*, achou os textos interessantes, porque eu fazia entrevistas com o pessoal de teatro. Eu entrevistei o Alec Guinness, eu entrevistei o Harold Pinter, que era na época um dos *angry men*, um dos autores rebeldes dos anos 60. Então, eu comecei a mandar os textos e o Alínio Salles, que era o diretor financeiro, levou para a redação. O chefe de redação gostou muito das minhas matérias e começou a comprá-las. Foi a minha maior emoção receber meu primeiro dinheiro por um texto escrito. Ele chegava em cheque. Meu pai transferia em dinheiro e era reforço de mesada que eu tinha em Londres.

Isso nos anos 60?

Isso nos anos 61, precisamente. 60 e 61. Foram os dois anos em que fui correspondente. Em 62, eu volto pro Brasil. Eu termino meu curso lá, eu fiz um *Drama School*, e eu fiz também um curso intensivo de inglês. E aí eu volto pro Brasil, que eu terminei o curso, e quando eu volto para o Brasil eu já tinha na minha cabeça que ia trabalhar no *Correio da Manhã*. E, claro que eu achava que eu ia trabalhar no *Segundo Caderno*. É óbvio. Porque se eu estava escrevendo entrevistas que estavam sendo publicadas no *Segundo Caderno* é claro que eu iria trabalhar no *Segundo Caderno*. Qual não foi a minha surpresa quando eu fui levada para o suplemento feminino. E eu era naquela época hippie total. Eu era totalmente influenciada pelos Beatles. Em 62, os Beatles estavam arrebatando, nós éramos todos meditativos, porque o *maharishi* era o nosso ícone, então, a gente fazia meditação hindu, a gente não sabia bem por que, mas estava na moda, então eu meditava também. Eu cheguei aqui e comecei a andar

de saias hippies, é claro. E ser bastante hippie, tinha uma cabeça bastante hippie. Ia pra praia com *sanka*, aquelas coisas bem hippies mesmo. E, suplemento feminino pra mim era receita de bolo, era todo aquele esquema mais antigo, mais tradicionalista, de ser uma boa esposa que predominou a filosofia dos anos 50. Os anos 60, desde 61, 62, já começa a se rebelar contra essa mentalidade. Então, eu fui pra uma salinha, porque claro que as mulheres foram trabalhar numa salinha, que era ao lado do elevador, pequenininha, e que tinha três mesas, que era a Maria Cláudia Bonfim, que era a editora-chefe, eu como repórter e a Fernanda Gurjan também como repórter. Depois passaram várias outras, como a Ana Maria Funke, Iucléa, enfim, algumas que provavelmente estou me esquecendo aqui. O suplemento feminino eu dou mais valor a ele agora do que eu dava na época.

Mas havia uma orientação do jornal, nessa época, para que o suplemento feminino continuasse a publicar todos aqueles manuais de normas e condutas pra essa boa esposa, boa mãe, ou a senhora percebe que já houve uma ruptura a partir de 61?

Não, não, eu acho só que a Maria Cláudia já tinha uma cabeça, ela era inteligente. E ela conseguia fazer um suplemento feminino interessante. Ela me fazia entrevistar pintoras muito interessantes. Ela fazia uma parte de Arte que ela dava muito valor a isso. Então, claro, que mulheres, de preferência. Mas eu me lembro que eu fiz algumas entrevistas com mulheres bastante interessantes, pintoras na época, escultoras, dos anos 60, que estavam começando. E ela também era muito ligada em moda. Mas a moda mais atualizada possível. Então, como a cabeça da Maria Cláudia já era uma cabeça aberta, não quer dizer que ela fosse hippie como eu era, de jeito nenhum, o nosso conflito é que, o meu e da Maria Cláudia que eu amo Maria Cláudia de paixão até hoje, ela foi uma editora muito fiel e muito amiga, eu tô falando em termos de pensamento. Eu *tava* de olho lá no *Segundo Caderno*. Eu *tava* de olho no movimento rebelde do *Segundo Caderno*. Então, aquelas receitas de bolo, aqueles figurinos, aquelas coisas todas eu, na época, eu renegava.

Mas havia ainda?

Havia, mas não havia assim uma obrigação de que a gente... Ficava combinado de que o suplemento feminino falaria de coisas femininas. Isso era mais ou menos o óbvio. Mas eu não me lembro, sinceramente, de um cerceamento, não, de chegarem lá dizendo que a gente estava saindo. Até porque a gente não *tava* saindo da linha. A gente só entrevistava pessoas muito inteligentes. E como você sabe até a Clarice Lispector com o pseudônimo escreveu no

suplemento feminino. Havia, sim, uma cabeça aberta dentro do suplemento feminino. Mas, se você notar, sempre com mulheres.

E como era o relacionamento das mulheres jornalistas com a maioria da redação que era formada por homens? Como vocês eram tratadas? Havia um preconceito...

Não, eu acho que nós éramos cantadas. Efetivamente, eu acho que nós éramos cantadas. Não havia preconceito nenhum enquanto a gente estava dentro do suplemento feminino. Eu acho que a gente era cantada e muito bem-vinda quando entrava na redação porque dava um colorido.

Apesar de a salinha ser separada.

Apesar de a salinha ser separada, mas a gente tinha direito de entrar na red... Nós éramos... Não era um harém. Então, a gente entrava na redação e falava com o redator-chefe a hora que a gente queria. Ou o que quisesse. A qualquer momento a gente poderia ir lá. De modo que, então, a gente tinha livre acesso à redação. E nós éramos até muito bem tratadas porque éramos mulheres até muito interessantes. Até pelo que fazíamos. Não estou falando em termos de beleza física. Cada uma tem a sua característica. Nós éramos interessantes pelas pessoas que nós éramos na época.

A senhora chegou a conviver com a Clarice em alguma redação, não?

Na redação, não, porque ela sempre mandou a matéria e aconteceu exatamente esse *gap*. A Clarice sai quando eu chego. Então, eu nem tive a honra de receber as matérias dela. Mais tarde, quando eu fui editora do *Segundo Caderno*, porque depois eu consigo passar para o *Segundo Caderno*, e aí eu passo por todas as etapas do *Segundo Caderno*, começo a ser repórter, depois passo a redatora, depois eu passo a editora. Com a saída do Fuad. Depois, com a saída do Paulo Francis, que eram os editores do *Segundo Caderno*. Eu sou, segundo pesquisas, nem sabia disso, Renata, eu realmente eu não sabia, porque eu vivia no meu mundo lá no *Correio da Manhã*, no mundo muito satisfeita da minha vida, que não havia competição. A não ser com o *Jornal do Brasil*. Mas o resto não havia competição. Eu depois, devido a uma pesquisa de algumas alunas de jornalismo da PUC, eu fui a primeira editora-chefe de um caderno que não era feminino. E aí qual era a graça disso? É que eu não deixava ninguém fazer a seção feminina no caderno porque aí termino ELA que era o suplemento feminino, o jornal termina com ELA, o jornal já fica mais enxuto e aí, ao invés de ter um caderno feminino, tinha uma seção feminina. E quem fazia essa seção feminina? Eu. E não deixava

ninguém fazer. Às vezes, eu dava uma colher de chá pra Fernanda. Mas eu é que escolhia modelos da roupa, eu que dava as notícias dos batons mais recentes que tinham saído, eu fiquei com um pé realmente na moda, embora eu fingisse que eu rejeitava aquele caderno. Mas como foi talvez a minha porta de entrada no *Correio da Manhã* e até porque hoje eu sou muito feminina, eu sou muito vaidosa...

E moda e beleza são temas recorrentes...

Com certeza, moda e beleza, você tem toda razão, são temas recorrentes. E vão ser eternamente temas recorrentes. E eu acho, sim, hoje, que a mulher, sabe aquilo de eu andar com rebelde... Teve uma época em que eu andava na redação, quando eu era redatora, que eu andava de camisa de homem e elástico prendendo o meu cabelo, aquele elástico que prende as resmas de papel, eu botava no meu rabo de cavalo, até porque eu tinha cabelo (*risos*), porque hoje em dia já não pode fazer essas gracinhas. Então, eu me achava assim... Eu andava sem pintura no jornal. Eu era uma pessoa que estava achando que eu estava abafando. Hoje, realmente, como você disse muito bem, a beleza é recorrente, eu tinha um pé, sim, lá. Quem fazia a seção feminina no *Segundo Caderno* era eu. A Maria Cláudia já tinha saído. A Fernanda (*Fernanda Gurjan*) também. Eu tinha ficado com um bando de homens. Mandando num bando de homens porque tinham dois ou três ótimas repórteres. Uma delas que eu me lembro era Heloi Calaj, que eu não sei onde está, Eva Spitz, que depois ficou anos na *VEJA*, mas eu já trabalhava com ela. Mas eu nunca fiz diferença em quem ia fazer essa matéria ou aquela matéria. Fazia aquela matéria quem estava disponível e quem podia e quem era competente pra fazer. Eu nunca tive essa ideia de selecionar ou dar preferência às mulheres. Não. Eu não fiz isso. Mas, hoje, eu tenho uma saudade muito grande do suplemento feminino do *Correio da Manhã*. É engraçado. Da redação, então, eu choro. Porque aí nós éramos todos, quando nós passamos pra redação, quando eu passei pra redação primeiro. Aí, sim, e depois a Fernanda veio atrás de mim, e depois o suplemento feminino acabou e nós fomos absorvidas pelo jornal, aí a redação era uma grande festa. Era todo mundo junto. Era junto e misturado mesmo. E nós nos dávamos muito bem. Curtimos juntos e choramos juntos. Outro dia mesmo eu estava me lembrando dos 50 anos da morte do Kennedy. Eu me lembro exatamente a hora, o momento que o telex, havia telex naquela época e eu ouço um grito, um uivo, porque eram nove e meia da manhã, meio-dia, era de manhã no Texas, mas já eram três horas da tarde na redação do *Correio da Manhã*. De modo que eu ouço um urro na sala do internacional e aí nós todos corremos e ficamos assim em estado de choque. Eram assim dez cabeças lendo o telex que estava saindo... E uma coisa meio estranha... Era meio suspense, porque o telex

apesar de ser rápido... Kennedy recebeu um tiro. Kennedy está sendo socorrido. Segurança pulou em cima do carro. Olha, foi uma coisa de suspense e eu comecei a passar mal. Eu digo: “Gente, ele não vai morrer, não é possível”. Finalmente, Kennedy morreu.

Em 72, a senhora faz uma entrevista de uma página com a Clarice para o *Correio da Manhã*. Como foi esse contato?

Aí nós já estamos no *Segundo Caderno*...

Já no *Segundo Caderno*.

Em 72, eu já estou no *Correio*... Eu pego a editoria. Eu não sou editora aí, não. Nesse momento, eu acho que o Paulo Francis era o editor. Em 72, eu acho que eu pego... Eu pego em 71 a editoria... Uma coisa assim. Eu fui ao encontro dela. Foi uma pauta que eu mesma pedi. Eu soube que ela ia lançar um livro. Novo. Cujo nome era ela extremamente misteriosa e discreta. Não sei se discreta e misteriosa, ou misteriosa e discreta. Clarice era uma pessoa tão enigmática e tão poderosamente genial que eu acho que é muito difícil você defini-la. Como eu sou absolutamente alucinada por ela como escritora. Como os livros de Clarice... Era aquela pessoa pra mim inalcançável, com o seu estilo, com o seu poder de escrita.

Como foi esse contato?

Aí eu fui muito nervosa. Eu cheguei muito nervosa. Porque como eu não conhecia a Clarice, porque como eu te disse, porque ela mandava os textos pro *Correio da Manhã* e depois de ter lido *A maçã no escuro*, todos esses romances dela, que são cada um mais fascinante que o outro, aqueles livrinhos fininhos e que te derrubam, absolutamente derrubam, e tendo lido e muito curiosa pra saber qual seria o próximo livro dela, que eu até acho que era um objeto meio escuro porque ela não estava dando o título pra mim, na matéria eu falo sobre isso, porque realmente ela não me dava o título do livro que ela ia publicar, se é que ela sabia, porque eu nem sei se ela sabia definitivamente. Aí eu fui muito nervosa. Senti uma origem nordestina na casa dela. Ela me recebeu muito bem, apesar de ser uma pessoa reservada. Eu não diria que ela é uma pessoa afável. A Clarice nunca foi afável. Ela era uma pessoa ríspida em certos momentos, dura. Em outros momentos, muito doce, quando ela disse que eu era muito bonita, de repente. No meio da entrevista, quando eu estava perguntando, “você é muito bonita, você tem as maçãs do rosto como eu, muito salientes, e isso é uma bênção pra você porque você não vai envelhecer. As maçãs vão segurar as suas feições do rosto”. Eu fiquei impressionadíssima com esse comentário porque, como eu te disse, eu tinha feito moda e

maquiagem, e aquela mulher tão simples e ao mesmo tempo com conhecimento tão profundo de estética. É isso que eu quero dizer. Além do elogio, de eu ter me sentido, claro, elogiada por ela, o que era uma honra, eu fiquei entusiasmada como uma mulher tem uma capacidade de conhecer estética profundamente como ela conhece a alma humana. Ninguém conhece a alma humana feminina como a Clarice. Então, eu fiquei realmente surpresa na entrevista. Depois outra coisa que ela me contou na entrevista e que me fascinou foi que ela escrevia com a máquina de escrever nos joelhos, eu não posso imaginar como é desagradável, eu que escrevo e que preciso sempre, eu na época pelo menos, até hoje, no computador, eu preciso de conforto, eu nunca vou escrever num *ipad*, porque eu não sei escrever num *ipad*, eu quero conforto pra escrever, eu escrevo com conforto no computador como eu escrevia com conforto nas minhas Olivettis antigas. Então, pra mim, foi uma surpresa saber que ela batia numa máquina velha, pequenininha, aqueles textos maravilhosos em cima do joelho. E outra coisa da entrevista que me impressionou profundamente é que ela disse que ela jamais leria um texto dela. E eu perguntei por que e ela disse: “Porque eu não gosto”. Eu digo: “Como não gosta?”. Eu fiquei de queixo caído. “Como você não gosta?”. “Não, eu não gosto. Eu não leio, eu não gosto, me dá muita ansiedade”. Eu até entendo, porque ela se expõe demais, não é, aí se vê ela ser até mais velha, mais psicanalítica, mais psiquiátrica, que eu sou com um pensamento psiquiátrico, mais psicanalítico, eu vejo que ela tinha medo do quanto ela se expunha. Mas, na hora, como eu só achava o texto dela maravilhoso eu fiquei surpresa de ela dizer que quem fazia a revisão ortográfica, enfim, a revisão técnica do livro dela, sem tocar no talento nem no estilo, nunca, mas sim na revisão, porque a gente tropeça mesmo escrevendo, eram as editoras porque...

E a senhora se lembra, nesse contato, se ela expôs um pouco da vida pessoal?

Nada.

A questão de maternidade...

Ah, sim, que ela amava os filhos. Que os filhos eram as pessoas mais importantes pra ela. Que a coisa mais importante na vida dela eram os filhos dela, com certeza. Ela... Uma das coisas que davam força a ela pra viver eram os dois filhos dela. São dois homens.

Ou seja, Dra Germana, então não é difícil concluir que, nessa seção feminina, embora ela tivesse um contrato com o jornal pra escrever um tipo de linguagem, tinha um pouco dela também.

Ah, mas não tenha dúvida. Ela tinha muito carinho por esses filhos.

Ao falar da boa mãe, de maternidade, ao falar de moda, beleza, como receber, era uma mulher culta, sofisticada...

Ela soube receber bem. É, você tem toda razão. Você abordou pontos recorrentes. Quando ela escreveu, mesmo com pseudônimo, ela estava falando a verdade. Ela é uma pessoa que foi casada com diplomata. Então, ela recebia bem. Ela recebeu dentro de todos os padrões da etiqueta legal. Da época e até hoje com muito boa educação. E ela tinha um padrão de beleza que me surpreendeu, mas que ela conhecia, que era o que você disse, ela tinha um conhecimento feminino profundo. E, enquanto mãe, ela falou muito, muito, muito dos filhos.

E da importância da maternidade.

E da importância da maternidade. Que os filhos dela é que faziam ela ir em frente. Então, o que ela escreveu é verdade.

Dra Germana, e como foi... Porque quando nós conversamos com pessoas que trabalharam no *Correio da Manhã*, eu conversei com o Ruy Catro, com o Fuad Atala, eles falaram muito de paixão, por terem trabalhado nesse jornal. O que era esse jornal? Por que ele era tão especial pra vocês?

Ele era uma paixão. Exatamente. A mesma paixão que o Ruy Castro, que o Fuad Atala, que o Sérgio Augusto, que todos nós que ainda vamos ao Brasil... Porque uma vez por ano, o Bertholdo (*Bertholdo de Castro*), ele faz uma reunião dos que estão vivos ainda e nós tomamos um chope, e comemos um bife à milanesa com batata, com salada de batata, que era a nossa refeição no Bar Brasil na época que a gente trabalhava na redação. A gente come o mesmo *menu*. A gente bebe o mesmo chope. E a gente se confraterniza. O Fuad vai. Peri Cota vai. Alguns que estão morrendo, estão deixando de ir. Mas de qualquer maneira nós temos pelo *Correio da Manhã* uma paixão. E eu acho que paixão a gente não explica. Mas era uma paixão. E eu fiquei na maior depressão no dia que ele saiu. O Fuad Atala, inclusive que eu sei que você entrevistou, está atrás de mim pra eu dizer, porque eu fui quem editou, porque eu era editora com certeza em 74, em 72 eu era redatora, estou me lembrando bem, em 74 eu era editora...

Quando o jornal acabou.

Quando o jornal acabou. Então, eu editei a última edição. Eu editei o jornal. O *Segundo Caderno*, da última edição.

E como foi fazer isso?

Bom, Renata, eu neguei. Eu, realmente, eu não acreditei que isso ia acontecer. Tudo estava evidentemente acontecendo, a casa estava caindo, se fosse um tsunami a onda já estava na porta, as pessoas já tinham abandonado o navio, tinham umas cinco ou seis pessoas na redação, não mais. Tinha um diagramador. Todos se despediram. Todos já tinham deixado a redação. Uma redação que era um tumulto, era uma redação vazia, eu sentei para editar esse jornal, eu só me lembro que a Márcia Ditzer fez um trabalho sobre isso e perguntou exatamente sobre esse dia. Eu digo a única coisa que eu me consigo me lembrar, tal o estado de choque em que estava, que era no inverno, porque eu estava com manga comprida e não estava sentindo calor. E realmente ela foi buscar, parece que foi em julho, a última edição, que eu me lembre. Agora, como eu não podia acreditar, porque eu não acreditei que no dia seguinte não ia sair. A ficha só caiu quando eu levantei no dia seguinte e eu não tinha mais que pegar o carro e ir pra Gomes Freire. Só no dia seguinte é que eu acordei desse porre psicológico em que eu entrei. Isso eu conseguia editar. Eu digo não, não vai acabar, não é verdade.

Olhando pra trás um jornal que deixou muita saudade, muitas marcas.

Marca, uma saudade e uma paixão permanente. Todos nós. Isso que o Ruy Castro falou, que eu tenho pelo jornal também, essa mesma paixão, que a Maria Cláudia tem, eu sei porque a gente se emociona, chora quando fala do jornal, Sérgio Augusto, quando a gente se reúne a gente parece irmão. É como se a gente tivesse vivido uma vida juntos dentro da casa dos pais. Então, a gente tem uma intimidade que é muito forte. Mas é uma intimidade de parente. Embora eu estou dizendo que, no princípio, a gente era cantada e tudo, porque era novidade a mulher... Não. O que a gente fez foi. Claro que a gente foi cantada, claro que volta e meia alguém namorou alguém dentro do jornal, isso faz parte. Mas o que eu quero dizer que ficou foi uma amizade profunda que hoje vira parentesco. Eu considero Fuad, Ruy, José Lino Grünewald, que já morreu, Fernando César Ferreira, que já morreu também, Ruy Castro eu já citei, Carlos Heitor Cony que eu tenho por ele um carinho enorme, Carpeaux (*Otto Maria Carpeaux*) que já morreu, mas eu considero como se fossem meus parentes. Perdi um tio no Carpeaux. Acho que perdi um irmão mais velho no José Lino Grünewald. Eu acho que o Ruy

Castro, o Sérgio Augusto, pra mim, são irmãos, são meus irmãos. Tem alguma coisa de uma irmandade profissional. E isso é ligado por essa paixão que é única e indescritível porque eu já cheguei à conclusão de que paixão é inexplicável. Mas o jornal era muito simpático. Era um jornal muito simpático. E eu não sei se esse jornal, se essa paixão passava pelo Dr Edmundo (*Edmundo Bittencourt*), que foi quem fundou o jornal, que eu não conheci, e se passava pela... pela... pela Niomar (*Niomar Moniz Sodré*) porque ela era uma mulher muito difícil. E, quando ela entrou e teve poder, eu já estava lá há muito tempo. E foi numa transição que eu passei por Dr Paulo (*Paulo Bittencourt*), conheci pouco Dr Paulo, que me chamava de Lolita, porque eu era muito jovem no jornal, mas logo depois ele morreu, aí ficou aquela dificuldade da Niomar, que era uma moça, mulher muito difícil, que estava muito interessada no Museu de Arte Moderna, então, não tinha muita ligação por ela. Então, quando eu falo dessa irmandade, a paternidade desse jornal era a instituição. Não tinha um pai e uma mãe.

E foi difícil continuar no jornalismo sem o *Correio da Manhã*?

Completamente. Pra mim, completamente. Eu fiquei realmente sem chão até então. Eu nunca mais. Eu escrevi n' *O Dia* um tempo que o Ari de Carvalho me chamou... Bom, depois eu fiz vestibular pra Medicina. Então, quando eu mergulhei na Faculdade de Medicina não tinha tempo algum. Eu fiz inclusive, somente durante uns seis anos, umas entrevistas pro Ênio Silveira, que ele fazia umas revistas, e como eu tinha muita, muita admiração pelo Ênio Silveira eu fiz algumas entrevistas com médicos pro Ênio Silveira nessa época em que eu estava fazendo Medicina. Mas fazendo Medicina e trabalhar em jornal é incompatível. Não dá. Aí muitos anos depois o Ari me convidou pra escrever n' *O Dia*, eu escrevi n' *O Dia* numa seção feminina mesmo, ele lançou um caderno feminino, aí eu já não tinha mais preconceito nenhum, eu fiz crônica pra um jornal feminino que falava sobre comportamento, porque eu aí já tinha feito Psicanálise e Psiquiatria, e eu já tinha muita admiração pelo Hélio Pellegrino, pelo Eduardo Mascarenhas, que escreviam sobre esse tema, então, eu fiz pro suplemento d' *O Dia* durante um tempo e depois escrevi no primeiro caderno também sobre política pr' *O Dia*. Mas nunca um jornal foi pra mim um *Correio da Manhã*. Eu hoje escrevo pra *sites*, né – eu escrevo pro *site* da Ana Maria Ramalho – mas que foi minha companheira, não companheira direta, mas minha contemporânea na *Última Hora*, quando eu estava n' *O Dia*. Então, eu escrevo no *site*. Mas, assim, um jornal feito o *Correio da Manhã*? Nunca mais.

Fuad Atala

Jornalista. Fuad Atala nasceu em 1933. Iniciou a vida profissional em 1953 no *Correio da Manhã*, onde foi revisor, repórter, chefe de reportagem, secretário de redação e editor.

Trabalhou no jornal até 1971.

Entrevista jornalística gravada no dia 25 de novembro de 2013 para o Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação

Rio de Janeiro

Como e quando começou a sua trajetória no *Correio da Manhã*?

Olha, a minha trajetória no *Correio da Manhã* começou em 1953, quando eu cheguei ao Rio de Janeiro com a intenção de fazer faculdade de Medicina. Eu já tinha primos que cursavam Medicina aqui, um deles Medicina também, e fui morar numa república ali na praça Cruz Vermelha, e eu diariamente passava defronte ao *Correio da Manhã* para ir a uma pensão na avenida Mendes Sá, que ficava perto do jornal, para fazer as refeições. Eu ficava namorando, olhava pra dentro e tal. Até que um dia eu criei coragem, de uma maneira que hoje seria impensável, eu entrei na portaria, não me dirigi a ninguém, fui tomando o elevador, eu já havia visto no expediente do jornal o nome do gerente. Não sei porque cargas d'água eu escolhi o gerente. E procurei o doutor Alínio de Salles, que é pai desse cineasta Murilo Salles, filho dele que fez uns filmes muito interessantes. Bom, então, eu vi pelo jornal que ele ficava no quinto andar; então, eu fui, me dirigi à secretária dele, eu me apresentei. Ela disse assim: “Quem eu devo anunciar?”. Eu disse assim: “Oh, minha senhora, ele não me conhece, eu sou estudante assim e assado e eu queria falar com ele.” Ela foi lá, levou o recado pra ele e, surpreendentemente, ele me atendeu. Eu expliquei meu problema e ele muito paternalmente falou assim: “Fuad, esse cargo, esse trabalho é procurado por muitos colegas seus que vêm estudar aqui no Rio; então, é muito disputado, eu não vou lhe prometer nada. Eu vou fazer um bilhete pro chefe lá da revisão, você se apresenta hoje à noite, a partir de 8 horas, e conversa com ele”. Bom, isso eu fiz. Aí à noite, eu fui lá e procurei o senhor José Fernandes, que era o chefe da revisão. E ele me olhou assim de alto abaixo, meio desconfiado, porque mesmo você sendo chefe, recebendo um pedido assim de um chefe superior, você tem uma certa resistência porque você se acha assim meio traído. Bom, então, ele me olhou assim e falou assim: “Você senta ali com aquele rapaz que é revisor e você vai aprender umas coisas ali”. Isso era numa quarta-feira. Ele me ensinou lá os sinais, pra tirar acento, pra botar acento, pra

cortar palavra, pra cortar letra. Uma meia dúzia de sinais convencionais que o revisor à antiga fazia pra corrigir o texto... Eu ficava com o original e ele lia a parte impressa na oficina do artigo. E eu acompanhava. Qualquer pulo, qualquer salto, qualquer coisa, eu acusava e ele, por sua vez, o revisor corrigia as palavras, eventualmente, escritas errado, ou alguma concordância errada do próprio autor, ele corrigia tudo.

E quais os outros cargos que o senhor teve no *Correio da Manhã*?

Bom, depois eu passei pra redação. O próprio Guima que fazia aquela página de *Aconteceu* e eu que fazia a revisão da página dele. E eu fiz amizade com ele. Uma pessoa maravilhosa, afável, o tipo do paizão. Eu falava dos meus projetos e ele me levou pra redação. E lá eu comecei como repórter de Polícia, depois passei pra repórter de Cidades, depois eu logo me agreguei na secretaria, comecei a ajudar, e cheguei a ser o secretário da redação.

E como era trabalhar no *Correio da Manhã*?

Olha, o *Correio da Manhã* era uma instituição, uma espécie de família da gente, sabe. Uma época em que ... hoje você não encontra mais isso, está tudo mais profissionalizado. As relações são mais profissionais mesmo, mais trabalhistas, digamos assim, então a gente parecia uma família. Era muito alegre, muito divertido, todos eram muito solidários... A gente tinha orgulho de trabalhar no jornal. A gente literalmente vestia a camisa do jornal. O *Correio da Manhã*, algumas vezes eu assistia a isso, quando ia fazer entrevista, às vezes com ministro, ele ia dar entrevista coletiva ou coisa parecida, quando aparecia pra dar entrevista ele perguntava: “Já estão todos aqui? O *Correio da Manhã* chegou?”. Só depois é que ele dava entrevista. A gente tinha esse orgulho, compreendeu? Havia muita camaradagem. O jornal tratava todos muito bem tanto profissionalmente como do ponto de vista humano: tinha enfermaria, clínica de odontologia, você podia fazer exames de vista com o convênio que eles tinham. Todo ano, o Edmundo Bittencourt, depois o Paulo, durante algum tempo apenas, eles distribuía, faziam um concurso para distribuir uma casa de presente para o funcionário mais antigo. Todo ano tinha isso. Durante um certo tempo. Cestas de Natal, cansei de ganhar várias.

Fuad, pode-se dizer que o *Correio da Manhã* foi um dos jornais mais importantes do Brasil no século XX?

Com toda a segurança. Foi e, principalmente, na Primeira República, do começo do século XX. Ele surgiu em 1901. Até essa época a imprensa do Rio de Janeiro era toda governista.

Não tinha oposição. Era tudo pendurado nas tetas do governo pra falar claramente. Campos Sales foi mestre de subvencionar a imprensa, comprar a imprensa pra poder impor aquele plano de salvação da economia, de reforma econômica. Desde a proclamação que o País desengrenou na parte da economia. Então, a economia estava escangalhada, e o Campos Sales queria implantar aquela reforma, que era uma reforma violenta: aumento de impostos, restrição de créditos, tinha que pegar empréstimo externo que era duríssimo. Pra ele implantar isso, ele teve de comprar toda a imprensa. Vários presidentes usaram e abusaram disso. E o *Correio da Manhã* surgiu para quebrar esse monopólio da imprensa governista. Foi o primeiro jornal mais sério, mais firme que realmente quebrou essa chamada imprensa de chapa branca. Não tinha crítica. O *Correio da Manhã* já começou – o Edmundo era gaúcho – já com o cavalo nos cascos pra botar pra quebrar.

Um jornal combativo?

Combativo. Combativo no sentido mais absoluto da palavra porque ele nunca se ligou a governo. Ele apoiou candidatos, fez campanha para candidatos, elogiou programas de governos, mas nunca se ligou a nenhum governo. O *Correio da Manhã* apoia o governo do Campos Sales, por exemplo? Não! Nunca teve isso. Ou do Costa e Silva, ou seja lá quem seja? Nunca houve isso. Ele apoiava, indicava candidatos, aplaudia aquilo que ele indicava que era certo de um determinado governo, mesmo que fosse oposição frontal, nunca se filiou a nenhum partido e nunca se ligou a nenhum governo. Nunca recebeu naquele período pelo menos – porque depois mudou o relacionamento da imprensa com a iniciativa privada – mas nunca teve um tostão – da República Velha a que eu me refiro – um tostão de subvenção de governo, ou dizer que o *Correio da Manhã* levou alguma grana, apesar de ser acusado de várias coisas.

Acima de tudo, um jornal de opinião...

Sim, a opinião dele era fortíssima. Era fortíssima. Eu me lembro de um episódio mais recente, já na época do JK, pra você ver a força do jornal, teve um problema com importação de whisky que o *Correio da Manhã* denunciou. Era um whisky importado a 1 dólar. Uma mutreta que havia. Não sei quem do governo que se beneficiava. O *Correio da Manhã* denunciou isso. Se não me enganou foi em 61 ou 62. E o ministro da Fazenda era o José Maria Alkmin. E o *Correio da Manhã* começou a bater em cima do Alkmin, criticá-lo, uma opinião forte em cima do Alkmin, contra o governo, até contra o Juscelino. E tinha um repórter que todo dia ia fazer a cobertura do Ministério da Fazenda. Todo dia ele vinha de lá

com uma novidade, e o *Correio da Manhã* tascava lá a reportagem e metia opinião em cima. E chegou um belo dia em que o Alkmin caiu. Eu me lembro como se fosse hoje. Eu estava lá no fundo da redação, o repórter abriu a porta da redação esbaforido e gritou bem alto: “Bahia, derrubamos o Alkmin”. Bahia era o redator-chefe, Luiz Alberto Bahia. E o João Chianca gritou: “Bahia, derrubamos o Alkmin”. E era verdade mesmo. O *Correio da Manhã* derrubou o Alkmin.

O senhor entrou no anos 50 no jornal. O senhor chegou a conviver com a jornalista Clarice Lispector na redação?

Conviver, necessariamente, não. Eu sabia da colaboração dela, mas confesso que eu nunca a vi na redação. Pode ser que nossos horários se desencontraram. Mas também parece que não foi por um período muito longo que ela colaborou no *Correio da Manhã*. Parece que era semanal a coluna dela. Mas ela também colaborou para outros jornais. Mas eu não me recordo de tê-la visto lá na redação.

O suplemento, o *Correio Feminino*, era separado da redação?

Não, ele era dentro do jornal. Houve uma época em que ele saía...

Não, mas a redação...

Era tudo junto. Era uma redação só. Não era nem como modernamente separado por gabinetes, não. Era tudo igual.

E era um ambiente bom?

Muito gostoso. A gente se divertia. Tinha um contínuo que era uma delícia de pessoa. Se chamava Cigarrinho. Na época da ditadura, com censura militar dentro da redação, o Cigarrinho trazia café, mas não servia para os militares. E ele provocava. Ele dizia assim: “Censura aqui não tem café, não”.

Um jornal com uma linha editorial combativa, um jornal de opinião, com grandes nomes, da imprensa, da literatura, grandes nomes passaram pelo *Correio da Manhã*, por que o *Correio da Manhã* não resistiu?

Eu tenho uma opinião a respeito disso. São vários fatores. O principal dos quais, evidentemente, foi o econômico, porque a ditadura, diante da resistência do *Correio da Manhã*, o *Correio da Manhã* não se dobrava, apesar de Niomar ir presa, ir presa toda hora,

redatores irem presos, jornal ser suspenso, interditado, censurado, aquela coisa toda, o jornal nunca abaixou a cabeça. Esse no meu entender foi o principal fator, fator econômico. Mas eu considero que outros também contribuíram bastante. Primeiro, o passionalismo da Dona Niomar. Ela ficou muito restrita à filosofia do *Correio da Manhã*, que era um jornal libertário, ela não cedeu nessa questão da liberdade, da democracia, da independência do jornal. Ela levou isso ao pé da letra. Ela não cedeu em momento nenhum. Ela não abaixou a guarda, queriam que ela se submetesse a eles, ela não se submeteu. Esse foi outro fator. O terceiro fator foi, evidentemente, a inexperiência dos que o arrendaram em 1969. Era um pessoal da área de construção civil, tinha aquela construtora, a Metropolitana, que entrou no arrendamento do *Correio da Manhã* com fins políticos, porque o ministro Andreazza, do governo Costa e Silva, ele foi lançado como possível sucessor do Costa e Silva. Eles vieram com essa intenção de preparar o terreno pra apoiar a candidatura do Andreazza para o governo, já visando evidentemente lucros porque estavam construindo a ponte Rio-Niterói, abrindo estradas, a Rio-Brasília, aquela coisa toda... Então, havia perspectivas comerciais muito importantes para eles. Mas eles não tinham experiência de jornal. Eles trocaram os pés pelas mãos, fizeram reformas malucas... Para você ter uma ideia de como o jornal não tinha como sobreviver, no dia em que eles assumiram o jornal apareceram com editorial totalmente oposto à linha que o *Correio da Manhã* sempre manteve desde a origem, que era de oposição, um jornal de opinião. Então, isso eles quebraram. Demonstrou ser um jornal governista, puxa-saco mesmo, chapa branquíssima que começou dizendo assim que reconhecia o grande trabalho que a revolução tinha feito para o progresso do Brasil, para o desenvolvimento, então, o leitor do *Correio da Manhã*, que estava acostumado a ver aquela opinião combativa, aquela coisa forte, foi perdendo tudo... No meu entender, foram estes três fatores. Eu não sei qual o peso seria mais importante. Acho que a conjugação dos três é que determinou a queda do *Correio da Manhã*... porque na véspera de eles assumirem, a Niomar se despediu com um longo editorial de primeira página chamado *A Retirada*. Então, ela dava a mensagem que ela estava entregando o jornal para as mãos de Maurício Alencar, que era um dos arrendatários, irmão do Marcelo Alencar, que foi governador aqui do Rio... O Marcelo cuidava mais da parte jurídica. O Maurício mais um outro é que cuidavam da Metropolitana. Então, formaram uma sociedade e assumiram o *Correio da Manhã* com o compromisso de entregá-lo em cinco anos, restabelecido, com as finanças refeitas, com a mesma linha, não sei o que e tal... aconteceu o contrário. Isso, então, matou o jornal. Passou a perder pouco a pouco os leitores. Como você vai continuar lendo um jornal que era opinativo, contra o governo, porque o carioca sempre teve essa postura anti, o carioca é contra, quanto tempo resistiram aqui com

oposição quando tinha aquela eleição fajuta no tempo da ditadura, assim mesmo nunca abaixou a cabeça.

A sua longa trajetória como jornalista. O *Correio da Manhã* foi um jornal que marcou muito a sua vida profissional? Deixou saudade?

Deixou saudade. Marcou minha vida. Tudo o que aprendi de jornalismo – eu comecei lá – foi lá com ele que eu aprendi não só do ponto de vista profissional como do ponto de vista humano, do ponto de vista do trabalho das equipes que passavam por ali, a gente sempre manteve uma integridade de camaradagem, de amizade, enfim, de ser voltado para o jornal, você tinha orgulho de trabalhar no *Correio da Manhã*, de se apresentar como repórter do *Correio da Manhã* ou redator do *Correio da Manhã*. O *Correio da Manhã*, realmente, não só... é preciso destacar o papel importante que ele exerceu na queda da República Velha, que terminou com a vinda do Getúlio em 1930. Foi o jornal decisivo na queda dessa República Velha, que era uma república toda feita de conchavos, de eleição dirigida, daqueles coronéis do interior tudo ligado ao governo, de voto de cabresto, não tinha eleição. Apenas 20% da população brasileira, dos letrados, podia votar. Não podiam votar soldado, padre, analfabeto, estrangeiro, e por aí afora. Para você ter uma ideia de como eram as votações de um país que naquela época já tinha 30, 40 milhões, os votos computavam assim 150 mil. Presidente era eleito com 150 mil, 450 mil. Hoje você conta com cento e tantos milhões. Nessa parte, o *Correio da Manhã* foi fundamental, colaborou com a sua oposição, com a sua combatividade, com a sua opinião forte, firme, decisiva, contribuindo para a queda da República Velha. Era viciada. Era uma República de atraso e também, em 64, com aquela resistência dele, foi minando pouco a pouco, apesar de ter se sacrificado e morrido, quase como uma coisa de gente na beira da estrada. O expediente do jornal foi fechado. O jornal circulou pela última vez em 74, com seis páginas, completamente desfigurado, desinteressante de tudo, um jornal feito às coxas, como se diz...

Tania Regina de Luca

Historiadora. Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP) e livre-docente em História do Brasil Republicano. Professora de graduação e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual Paulista (Unesp/Assis). Entre outros livros, é autora de *Indústria e trabalho na história do Brasil*, organizadora de *O historiador e suas fontes* e coautora de *História da imprensa no Brasil*; *História da cidadania*; *Fontes históricas*.

Entrevista jornalística gravada no dia 15 de abril de 2014 para o Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação São Paulo

Professora, qual a importância do periódico como objeto de fonte histórica, de pesquisa histórica?

Bom, o periódico é um objeto essencial para o historiador. Mas veja que interessante: nem sempre foi assim. Até mais ou menos a década de 70, os periódicos, jornais e revistas, eram considerados fontes não fidedignas. Por quê? Porque eles eram escritos no calor da hora. Claro, a graça do jornal é publicar a última novidade e sempre escrito com os dados que você tem naquele momento. Então, se dizia que o historiador não deveria usar esse tipo de fonte porque ela não seria confiável. Ela estaria contaminada pelo calor dos acontecimentos, pelos interesses políticos, porque afinal de contas o jornal é uma mercadoria. Quando você compra, ele já foi vendido. Ele já foi vendido para a publicidade. Então, a ideia era de que nós deveríamos abandonar. Ora, Renata, esse tipo de concepção de documento histórico mudou completamente. Por quê? Que documento histórico não é escrito no calor da hora? Que documento histórico não tem algum compromisso? Isso tem a ver com uma mudança epistemológica na disciplina. Que nós não acreditamos mais que chegaremos mais à verdade histórica. O que nós temos do passado são sempre representações, construções. Alguém fala, alguém escreve, alguém fotografa, alguém filma sempre a partir de um ponto de vista. Então, nós não podemos reconstruir o passado tal como ele foi. Mas nós podemos ter representações desse passado. Por exemplo, a Revolução Francesa. É muito difícil de alguém imaginar que nós precisamos de uma biblioteca para a Revolução Francesa. Porque para o senso comum o passado é o passado. Aconteceu, acabou, *tá* morto. Ora, mas se tem uma coisa muito viva, é memória e passado. Porque a respeito da Revolução Francesa, eu *tô* escolhendo um acontecimento marcante pra todo historiador, ou pra todo o ocidente. Se você pensa na

Revolução, no momento em que ela está acontecendo, os nobres vão ter uma leitura dessa Revolução. Os camponeses têm outra. O burguês tem uma leitura completamente diferente. O burguês pode ser rico, pode ser um grande burguês, pode ser um pequeno comerciante. Cada uma dessas camadas sociais terá uma observação sobre essa Revolução. Então, eu não tenho uma Revolução tal qual ela foi. Mas eu tenho tal qual ela foi apreendida ao longo do tempo seja no momento em que ela aconteceu seja no decorrer, no caso séculos, no exemplo da Revolução. Então, os documentos históricos, eles são sempre parciais, eles não nos dão acesso à verdade, eles nos dão acesso a uma determinada leitura desse passado e, com isso, os periódicos ganharam cidadania historiográfica. O problema no periódico é igual a qualquer outro documento histórico.

Mas quais os cuidados que o pesquisador deve ter ao trabalhar com o periódico como fonte histórica?

Então, Renata, outra questão interessante. Toda fonte histórica merece cuidados. Então, nós vamos falar especificamente dos periódicos, mas quero deixar claro que isso não é um problema deles. Se nós estivéssemos trabalhando, por exemplo, com Inquisição, os processos da Inquisição, ou os processos judiciais, nós também teríamos de tomar uma série de cuidados. Vamos aos periódicos. Temos que levar em conta que, de fato, o periódico, ele é feito por alguém. Alguém é dono dele. Então, a primeira coisa que você tem que pensar é: quem é o responsável por esse periódico? Ele já nasce como uma empresa ou não? Você tem periódicos, por exemplo, que não nascem como empresa. Um exemplo de uma revista que é um tipo de periódico, que é a revista *Klaxon*, que é a revista dos modernistas fundada em 1922. Ora, ela não era pra ser vendida. Aliás, o único assinante da revista devolveu a revista, porque achou uma vergonha aquilo. E eles, por chatice, continuaram a mandar gratuitamente a revista nos nove números em que ela foi publicada. Então, a primeira coisa que, quando você vai estudar um periódico, que você tem que pensar é a origem dele porque eles são muito diversificados. Você tem desde periódicos como esse que eu citei, que é um periódico que surge como uma proposta vanguardista, literária, de mudar o campo literário... Você tem um periódico, por exemplo, aqui em São Paulo, o jornal *O Estado de S. Paulo*, que é fundado em 1875 e que circula até hoje, e já nasce como uma empresa. Ninguém fundou esse jornal simplesmente pra defender belos ideais. Ele tinha que ser vendido, ele tinha que dar lucro. Então, esta é a primeira questão. Eu não posso pegar um jornal do século XIX e analisá-lo da mesma forma como um jornal do século XX ou do século XXI. Então, esse é o primeiro cuidado... Muitas vezes o aluno sai em desabalada carreira a ler o conteúdo e sem se perguntar

quem fundou, por que fundou, qual é o grupo que tem em torno desse jornal ou revista, periódico de uma maneira geral, por que ele foi feito. Em geral, uma revista ou um jornal, eles surgem como um meio de você debater num espaço público. Então, quando eu lanço uma revista ou um jornal, eu sei o que existe em volta. Eu sei com quem eu estou falando. Ou contra quem eu estou falando. Então, o índice de um periódico, as manchetes de um jornal, elas me permitem ver qual é a concepção, a leitura de passado, a leitura de presente, os desejos para o futuro que essa publicação tem. Então, ela nunca é neutra. Ela tem que sempre ser colocada dentro do contexto em que ela foi produzida. E por quem ela foi produzida.

Tania, dentro desse contexto, então, com relação agora à imprensa feminina... Quando a imprensa feminina, especificamente final dos anos 50, 59 até 61, quando ela produz e reproduz esse modelo de boa esposa, de mãe ideal, de dona de casa zelosa, o que ela pretende com isso?

Então, nós temos que analisar que as revistas e jornais são frutos da sua época. Então, não existe alguma coisa lá que não esteja em consonância com os valores sociais. Até porque quando você fala de revista feminina, nós não podemos esquecer - revistas ou jornais que tivessem, fossem dedicados a esse público - nós não podemos esquecer que eles são feitos para vendagem. Especificamente nas revistas femininas, essas que você está citando, a partir dos anos 50 e até hoje, elas são o setor mais rentável de todo o mercado editorial. Então, não é, vamos dizer assim, por bondade que esse material é produzido. E o que tem nele, e isso que é interessante de a gente pensar, Renata, ao mesmo tempo em que ele reproduz valores sociais, em que ele espelha o que a sociedade tem como correto, como hábitos e valores cultivados, ele também pode ter, mesmo sendo uma empresa, certos conteúdos que questionam. Então, eu vou dar um exemplo, que é muito conhecido, da própria revista *Claudia*. A *Claudia*, que surge dentro de um contexto muito específico, é um momento em que o Brasil está se tornando um país sobretudo urbano, e não rural, é um momento em que a mulher começa a entrar efetivamente no mercado de trabalho, e que o movimento feminista ganha muita força, e quando você pega certas seções da revista, elas são muito tradicionais. Mas, a gente tinha, por exemplo, a Carmen da Silva, que tinha uma coluna que não tinha nada de tradicional. Ela questionava valores. Então, as revistas e o jornal, eles têm tensões. Então, mesmo quando é um produto pra ser vendido, e tem que estar de acordo com os valores predominantes, isso não significa que ela não possa conter no seu interior veios de mudança, possibilidades de mudança, abertura de mudança, que foi o caso dessa coluna que ficou famosíssima, que começou a questionar outros valores que existiam na própria revista. E é

isso que o estudante que trabalha com esse tipo de fonte, ou o historiador, tem que tomar cuidado. Ela é plural, ela não é, ela tem múltiplas vozes, ela é polifônica. Você tem que saber ler nas entrelinhas. Muitas vezes, mesmo ela sendo voltada para o mercado, é possível você ver desejos de mudança. Porque a sociedade também vai mudando. Naquele momento, a sociedade também era outra. Não era possível, nos anos 60, lançar uma revista como *Nova*. *Nova* tem uma outra proposta editorial. Então, a mesma empresa que lança a *Nova* também continua mantendo a *Claudia* e vai lançar outros produtos contemporâneos. Hoje você tem revistas femininas, revistas especificamente, não jornais, desde a pré-adolescente, se a gente vai pensar numa famosa, a *Atrevidinha*, e até revista pra mulher com mais de 60 anos. Então, é um mercado extremamente segmentado. Completamente diferente de uma revista do século XIX ou de um jornal do século XIX. Então, é a isso que a gente tem que prestar atenção. A complexidade desse material. Ele não se dá a ler facilmente. Para você conseguir ler e interpretar, você tem que levar em conta todo o contexto, não só histórico no qual ele circulou, mas também os objetivos de quem era o responsável pela publicação e do grupo de colaboradores.

Voltando pro final dos anos 50, Tania, temas recorrentes nessas colunas femininas, como beleza, moda, maternidade, tudo relacionado com a questão do consumo, a venda dos produtos de beleza, e também textos que sugeriam a importância de agradar ao outro. Reforçam essa hierarquia de relações de gênero?

Ah, eu acho que reforça. E não só nos anos 50. Existem alguns estudos de revistas mais contemporâneas, inclusive sobre a *Nova*, existem estudos bastante interessantes mostrando que, como é uma pretensa liberação feminina aquelas capas bastante sensuais, mas que, no fundo, as receitas que a revista dá são receitas para agradar ao outro, agradar ao parceiro. Então, é muito complexo você conseguir deslindar todos os subterfúgios que existem nessas revistas. E eu não ficaria só nos anos 50, não. Eu acho que a gente pode ver essa criação de subjetividades inclusive no mundo contemporâneo. Pra dar um outro exemplo. Hoje, nós temos um mercado muito segmentado. Quando veio o Plano Real e que mudou a situação econômica do país, nós tivemos revistas femininas lançadas especificamente pras classes C e D, que nunca compraram revista. Porque quem compra a *Nova*, quem compra a *Claudia*, quem compraram a *Bárbara* é uma outra classe social. Mas nós tivemos revistas vendidas a partir de 1, 2 reais, pra atingir essa camada. E existem estudos muito interessantes mostrando como esses jornalistas, fossem homens ou mulheres, que produziam as revistas, eles não sabiam como falar pra esse público. Então, existem dissertações de mestrado mostrando

trabalhos, inclusive, de campo em que o pesquisador ia na redação, ficava junto e observava como é que eles construíam a imagem desse ser da classe C ou D à qual eles não pertencem e da qual eles nada sabem. Então, é bem complexo. Eu acho que a gente não... Poderemos ver isso não só nos anos 50, mas inclusive hoje, quando essa segmentação é muito maior e você tem uma classe que nunca comprou revista antes, não comprava nos anos 50, 60 e 70, e que passa a comprar e tem uma produção voltada pra ela, inclusive com um mercado muito pensado, um marketing muito pensado. Se você pegar a revista *AnaMaria*, pra dar um exemplo concreto, essa revista muita gente acha que tem a ver com a Ana Maria Braga. Porque ela surge custando 1 real. São duas revistas numa. Você compra a revista e vem uma revista com receitas. E que se chama *AnaMaria*, e é o ápice do programa da Ana Maria Braga. Muitas pessoas compravam a revista, muitas consumidoras compravam a revista achando que estavam comprando as receitas da Ana Maria Braga, e que a revista tinha alguma coisa a ver com ela. Na verdade, não tinha nada a ver.

Tania, uma pergunta fundamental pra esse trabalho. A imprensa cumpre uma função pedagógica? O jornal educa?

Eu acho que ele tem a intenção de educar. Ele tem a intenção de criar subjetividades e ele consegue fazer isso. Não só o jornal, mas de uma forma geral as revistas. Hoje em dia, quando a gente fala de imprensa feminina, é sobretudo revistas. Porque você veja, mesmo um jornal, vou dar um exemplo aqui paulista, que eu conheço mais, mas o jornal *O Estado de S. Paulo*. Durante décadas ele teve um suplemento feminino, que foi muito famoso e que foi muito estudado. Se você pegar o jornal *O Estado de S. Paulo* hoje, o espaço feminino dentro do jornal é pequeno. Ele está num caderno, que sai aos domingos e se chama *Casa*. E que tem a mesma fórmula que todas as revistas voltadas pra esse público feminino, cujo problema é, como você já falou, a casa, a beleza, o cuidado dos filhos. As receitas são mais ou menos as mesmas. Muda um pouco a maneira de falar com a leitora. Mas essa ideia de que eu falo com a leitora e que ela é próxima e que existe uma amizade entre, você vai ler a revista e alguém que vai te escutar, que vai falar pessoalmente com você, então, existem estratégias linguísticas. Então, é sempre, “cara leitora”, é como se a revista estivesse falando só com aquela que está lendo. É um refúgio, é um momento em que ela se sente entendida e compreendida. Ora, isso é uma estratégia pedagógica. Isso é uma estratégia de criar subjetividades. E essa subjetividade é pensada. Então, pra pegar um exemplo das, pra não ficar só nas mulheres, mas vamos pensar nas *teens*, que é um momento em que você está criando a sua identidade enquanto mulher, enquanto sexo, gênero feminino, não vamos falar

sexo, mas gênero feminino. Bom, existe todo um marketing: como você deve se comportar, existem todos os coraçõezinhos, as agendinhas... Tudo aquilo é pensado. Inclusive, eles têm dentro da redação pré-adolescentes que dizem quais são as gírias, se isso serve, se isso não serve. Isso é uma forma de criar subjetividades. Mesmo quando você pega essas revistas, não só de *teens*, mas em geral, que tratam do corpo. Elas são sobretudo voltadas para as mulheres. Bom, mas que corpo é esse? É um corpo teórico. Se você tem problema glandular, se você tem problema na sua coluna, não, tudo é uma mágica. Você vai fazer os exercícios, você vai seguir a dieta. Existem, inclusive, pra você botar a tua fotografia antes, o teu peso antes, a tua fotografia depois, o teu peso depois. Bom, mas eu não emagreci. Então, você é incompetente. A responsabilidade é sua. A revista te diz o que comer, quando comer, quanto comer, que exercício fazer. Você não conseguiu emagrecer? Bom, então a culpa é sua. Ninguém pensa que você tem um determinado metabolismo, que você tem glândulas, que você tem especificidades de um corpo pra outro, que você tem problema de coluna, que você não pode fazer aquele exercício. Mas a ideia é o quê? É criar uma subjetividade e que acaba, ainda, se você não se sair bem, que a culpa é sua e não da revista. Então, eu acho que elas têm um projeto pedagógico. Mas eu também acredito, como diz o Chartier, que a leitura, ela é criativa. Por mais prescritiva que seja a leitura, você se apropria da leitura a partir dos seus próprios valores, concepções e ideias. Então, eu acho que eles tentam criar coisas. Mas, como nós somos seres humanos pensantes, simbólicos e criativos, nós podemos nos apropriar do que eles dizem e ler de outra forma.

Ou seja, ela tem um poder de influir na maneira como você se autopercebe, na maneira como você se relaciona. Mas nós não somos seres passivos. Nós vamos selecionar...

Eu acho que você vai se apropriar. Quer dizer, tem um livro muito interessante, certamente você conhece, os dois volumes do Michel de Certeau, sobre o cotidiano. E o que ele mostra? Ele era um francês, ele era um jesuíta, ele nunca trabalhou na universidade francesa e aí ele é convidado a dar aula nos Estados Unidos. Bem, e aquele europeu, com uma relação com o consumo totalmente diferente que o norte-americano, quando ele vai para os Estados Unidos ele descobre aquela imensa sociedade de consumo. E aí ele começa a perceber que aquilo tem criatividade. Quer dizer, por mais que os meios de comunicação de massa nos digam o que fazer, como ler, como entender, como compreender, como se comportar, existe uma apropriação criativa. Essa eu acho que é uma grande contribuição da História Cultural, mostrando que a cultura é alguma coisa que não é reflexo da economia, não é reflexo do político. Na verdade, ela tem uma capacidade de criação. E pra dar um exemplo não

contemporâneo, é só a gente lembrar *O Queijo e os Vermes* do Carlos Ginzburg. Quer dizer, o que que o Menocchio faz? Ele lê não só o que é dito pra ele ler, ele lê o que seria uma leitura da cultura erudita e da cultura popular, por isso que esses conceitos cultura erudita e cultura popular, a gente não trabalha mais, ele lê uma quantidade enorme de material, sejam textos mais sofisticados e textos mais simples, e ele reinterpreta aquilo. E faz uma nova interpretação pra origem do universo. Que é a ideia... ele usa a imagem do queijo. O queijo e os vermes. Aquilo é um exemplo de que, mesmo quando você tem uma pequena difusão do letramento, ainda, nós estamos aí na Europa da Idade Moderna, mesmo assim, aqueles que sabiam ler liam a partir da sua perspectiva. E não exatamente reproduziam o que está escrito. Se a gente só reproduzisse, talvez a gente estivesse na Idade da Pedra (*risos*). Nós somos criativos. Então, eles tentam fazer. Mas, a gente também tem a possibilidade de ler e de interpretar a partir de outros pressupostos que não os deles. É por isso que, mesmo a televisão, por mais que seja um meio de comunicação extremamente prescritivo, hoje em dia você ainda continua passivo, ainda que cresçam as possibilidades de interação, com a internet, com o Twitter etc, ainda você é, sobretudo, passivo, a programação é feita e você assiste passivamente, mas você interpreta aquilo a que assiste. Mesmo que o programa te diga alguma coisa, você tem a liberdade de interpretá-lo de uma outra maneira. Então, eu acredito nessa liberdade criativa.

Carla Bassanezi Pinsky

Historiadora e editora. Doutora em Ciências Sociais (Família e Gênero) pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Autora de *Pássaros da liberdade e Virando a página, revendo as mulheres*. Coautora de *História das mulheres no Brasil*; *História da cidadania*, entre outros. Organizadora de *Faces do fanatismo*; *História da cidadania*; *Novos temas nas aulas de História*; *Fontes históricas*; *O historiador e suas fontes*.

Entrevista jornalística gravada no dia 14 de abril de 2014 para o Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação São Paulo

Carla, qual era o modelo ideal dessa mulher dos anos 50? Que mulher era essa?

Era um modelo bem definido, bem específico. A mulher, ela seguiria, segundo esse modelo, a sua natureza, a sua natureza feminina. Ela teria... todas as mulheres teriam de corresponder a uma essência, e essa essência destinava a mulher a ser esposa, mãe e dona de casa.

E caso essa mulher de classe média, urbana, quisesse trabalhar fora?

Ah, ela sofreria uma boa dose de preconceito. Tanto por parte da sociedade como dentro de sua própria casa, porque, dentro desse modelo, a um modelo feminino correspondia também um modelo masculino. Pros homens, era uma questão de honra conseguir sustentar sua casa sozinho. Ser o único provedor da família. Nos anos 50, quando o *american way of life* começa a conquistar corações e mentes aqui no Brasil e, quando as pessoas começam a se interessar mais por bens de consumo, isso começa a se tornar um valor dentro da classe média, existe uma força que impulsiona as mulheres para o mercado de trabalho para poder também fazer parte... dar sua participação no orçamento doméstico. Então, existe esse impulso para que a mulher trabalhe, colabore com o orçamento doméstico, ajude nos projetos familiares de ascensão social. Mas, por outro lado, tem uma força que puxa ela de volta pra dentro de casa e para suas funções de dona de casa, de mãe, dedicada exclusivamente ao marido, ao espaço doméstico. Então, são duas forças contraditórias. E ela tem que andar nessa corda bamba, entre esses dois caminhos que são oferecidos a ela. Mas, o ideal é que ela trabalhe somente pra ajudar um pouco, quando isso é necessário. Porque quem tem que manter a casa mesmo é o homem.

Apesar de haver um aumento também na escolaridade das mulheres nessa época, percebe-se, principalmente na leitura dos seus textos e de outras pesquisadoras da temática, que aguardavam o casamento. Quando casassem, paravam tudo e voltavam pra dentro de casa.

É. Existia essa expectativa. Boa parte das moças de família fazia o curso Normal, então se formavam como professoras, que era uma das profissões mais bem vistas, já que tinha que seguir, e ao mesmo tempo esse curso valorizava a moça no mercado matrimonial, porque dava um verniz cultural... E também se dizia que esse tipo de curso ajudaria ela a ser uma mãe melhor, uma mãe mais culta, uma mãe mais preparada para educar os filhos. Então, isso tudo era valorizado. Acontece que, a hora que ela casava, essa parte profissional, essa dedicação da mulher para atividades fora do espaço doméstico não poderiam atrapalhar a sua vida como dona de casa. Então, era muito complicado a mulher investir numa carreira profissional e corresponder a esse ideal de boa esposa, de companheira perfeita tal como era prescrito nas revistas femininas da época, por exemplo.

Percebemos também, ao ler essas colunas femininas do período, Carla, a questão da dupla moral sexual. Ao homem é permitido que tenha essa experiência antes do casamento, até mesmo depois que continue assim, e à mulher não.

O ideal da virgindade ainda era muito forte na sociedade brasileira. Da virgindade feminina. Claro, né? Então, realmente era incentivado aos homens terem experiências sexuais antes do casamento, durante o casamento suas aventuras extraconjugais eram consideradas coisas normais, banais, comuns. As revistas até veiculavam o ideal de que o homem era polígamo por natureza e que, então, era muito difícil ele restringir a sua libido às dimensões do casamento, aos limites do casamento. Por outro lado, da mulher se cobrava virtude. Mesmo da mulher casada, não era só uma questão da fidelidade com relação ao marido. Era também da aparência. Ela tinha que mostrar que ela era fiel, mostrar que ela era uma mulher virtuosa. Então, nas roupas que ela usava, na linguagem que ela usava, nas companhias com as quais ela estava habituada, em todos esses momentos, ela tinha que mostrar que ela era uma mulher virtuosa, fiel... Ela não podia dar margem às fofocas. E isso era muito grande, porque o olhar dos outros era uma coisa muito poderosa nessa época, e se ela saísse um pouco fora dos trilhos ela não comprometia só a sua honra, mas também a honra do seu marido e o prestígio da sua família. Então, um equilíbrio muito delicado.

Carla, imprensa feminina: beleza e moda como temas recorrentes, como se fossem temas naturais constitutivos desse universo feminino. Por quê?

Porque o ideal de ser sempre bela, de ser uma pessoa agradável, isso vem desde muito tempo. Existem pesquisas sobre século o XIX... E todo esse ideal é cobrado das mulheres. Então, as revistas femininas, elas simplesmente refletem esse ideal da sociedade. A mulher é quase vista como um adorno. Mas, o ideal de beleza dos anos 50 é um pouco diferente dos anos 60. Já existe aquela sensualidade, mas é uma sensualidade mais contida, quando as pessoas recomendam às esposas: “Olha, não fique muito relaxada dentro de casa e tudo, coloque um aventalzinho bonitinho pra quando o seu marido chegar você estar apresentável”. Então, era um ideal de beleza também vinculado a esse ideal de dona de casa, de mãe, de esposa fiel e dedicada. É um pouco diferente do que a gente vê hoje com a sensualidade mais exacerbada, com o individualismo mais destacado. Mas, era sim, um ideal de beleza, e as mulheres procuravam se enquadrar dentro dele.

Ao ler as colunas femininas, principalmente o *Correio Feminino* do *Correio da Manhã*, percebemos que há conselhos e dicas para que essa mulher esteja sempre pronta, apta, preparada para agradar ao outro, para agradar ao homem. É o olhar do homem?

Isso. É como se... claro, ela está sujeita a toda a observação social dos vizinhos, amigos, a família e tudo o mais... o seu principal juízo, o seu principal ponto de referência, no caso uma mulher casada, é o seu marido. É ele que determina se ela pode ou não sair com uma blusa decotada ou se ela deve usar um bolerinho. Ele é o principal juiz. Ele é o ponto de referência, e as revistas fazem questão de enfatizar isso.

Carla, a imprensa feminina cumpre uma função pedagógica. Ela educa?

Ela educa. E ela reforça essa ordem social. Existe uma hierarquia de gênero em que o masculino é o dominante, e a revista, ela reproduz essa hierarquia. E essa hierarquia é uma hierarquia que garante a ordem social tal como ela *tá* estabelecida. O que acontece é que as revistas, elas não... Elas são lidas e elas têm que ser... Têm que agradar as suas leitoras. Elas também são companheiras de lazer, além de guias e além de professoras de conduta, vamos dizer assim. Elas são companheiras de lazer e, então, elas têm de agradar também seu público leitor. Então, quando elas fazem todo esse trabalho de garantir a ordem social, elas não fazem isso de maneira autoritária. Elas fazem isso quase como dizendo “Olha, estou te dando esse conselho, é pro seu bem.” “Se você seguir isso, você vai ser feliz”. Então, todas as regras pra ser feliz no casamento, ser feliz na vida, pra uma mulher se realizar, as revistas apresentam

como coisas pro próprio bem da mulher, ou pro próprio bem da moça de família, “eu tô te alertando, mas é pro seu bem, pro seu futuro”, então, elas passam essa mensagem, mas elas passam uma mensagem de um jeito muito especial.

(INTERROMPE)

Carla, nós podemos afirmar que a imprensa feminina cumpre uma função pedagógica?

Ela tem essa função de educar?

Tem essa função de educar e, nessa época, eu iria um pouco mais longe. Ela tem uma função de disciplinar as mulheres; de enquadrar essas mulheres nesses padrões estabelecidos. Então, todos os ensinamentos que ela passa, mesmo que sejam ensinamentos que reforçam a hierarquia masculina...

(INTERROMPE)

Carla, nós podemos afirmar que a imprensa feminina tem uma função pedagógica?

Sim. E mais do que isso nessa época. Ela tem a função de disciplinar as mulheres. Quando ela veicula esses modelos tão rígidos de mulher, ela tá dizendo “ou você se enquadra nisso ou você vai sofrer as punições sociais estabelecidas para as moças rebeldes, para as mulheres que fogem desse modelo, vai sofrer os preconceitos, você não vai ser feliz, você nem vai ser uma moça feliz, você não vai ser uma esposa feliz, você vai ser uma mãe frustrada”... Então, vai um pouco além de educar, eu acredito. A imprensa feminina faz isso de um jeito muito especial. Ela usa um discurso um pouco diferente dos discursos de outras instituições. Porque ao mesmo tempo que, sim, ela reforça o masculino na hierarquia de gêneros na sociedade, ou seja, o masculino, ele é o dominante nessa hierarquia, ela faz isso de um jeito muito sutil. Porque todos os conselhos que ela passa pra mulher, ela apresenta como sendo uma coisa para o seu próprio bem. “Olha, se você seguir isso, você tem muita chance de ser feliz no casamento, de ser uma dona de casa realizada, de ser uma mulher que corresponde a todo o seu potencial feminino, então, nós da imprensa estamos te ajudando”. Então, é uma função educadora, é uma função disciplinadora, mas de um jeito muito sutil, como se fosse uma amiga, porque a imprensa feminina era também uma companhia... uma forma de lazer, a leitura uma forma de lazer para as mulheres, então, essa linguagem não era uma linguagem de imposição, era uma linguagem de companheira, de amiga, “estou te ajudando, estou abrindo os seus olhos”.

Havia uma proximidade nesse discurso...

Havia uma proximidade.

O jeito de falar, o jeito de se dirigir a essa mulher.

Claro, se compararmos com os dias de hoje, a gente vai achar a imprensa feminina da época bem autoritária, mas na época ela não se manifestava, ela não aparecia enquanto tal.

Luzia Margareth Rago

Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora do Departamento de História da UNICAMP. Foi professora visitante do Connecticut College (Estados Unidos) e lecionou na Universidade de Paris 7. Publicou vários artigos e livros, como *O que é taylorismo?*, com Eduardo F.P. Moreira; *Do Cabaré ao lar. A utopia da cidade disciplinar. Brasil, 1890-1930*; *Os Prazeres da Noite. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*; *Narrar o Passado, Repensar a História*, com Aloísio Gimenez; *Entre a História e a Liberdade: Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo e Feminismo e Anarquismo no Brasil. Audácia de Sonhar*.

Entrevista jornalística gravada no dia 23 de abril de 2014 para o Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação Uberlândia, Minas Gerais

Professora, de onde surgiram esses modelos de família, essa mulher que deveria se equilibrar nesse tripé de mãe/dona de casa/esposa perfeita... Qual a origem desse modelo?

Olha, a gente poderia pensar que esse modelo é muito mais antigo do que é. Mas ele emerge a partir do século XIX, entre o final do século XVIII e começo do século XIX na Europa. Então, é um momento de ascensão da burguesia, é um momento de modernização da... de surgimento das grandes cidades, do surgimento das multidões... Então, na verdade, era um momento em que as mulheres entram na esfera pública, no mercado de trabalho, você tem as operárias, trabalhadoras das fábricas, as primeiras fábricas são fábricas de tecido, então, tem muita mão de obra feminina... Nesse momento, nasce uma ideologia que é chamada, os historiadores chamam de ideologia da domesticidade. Uma ideologia que vai dizer que as nobres têm um padrão de conduta, uma forma de vida que não é adequada à mulher, que mulher mesmo, mulher que é mulher é mãe. E, pra tanto, é ela quem deve ficar no lar, cuidando dos filhos, porque a natureza dela é muito diferente da do homem, porque ela tem um crânio um pouco menor, ela tem menos neurônios... Esse é o preço que ela paga por ser mãe, pra parir uma outra pessoa... A estrutura do corpo dela não condiz com a esfera pública. Ela não é uma pessoa adequada pra ser governante, diretora, presidente, para estar em cargos de algum poder. Aliás, seria até melhor, dizem eles, que a mulher nem tivesse dinheiro, porque o dinheiro é um objeto sujo, do mundo público, e a mulher é natureza. Ora, essa ideologia da domesticidade nasce, portanto, em contraposição à vida dos nobres, à aristocracia

do Antigo Regime, em que as nobres, as mulheres, tinham uma vida muito mais livre, elas participavam dos salões literários, da vida social da corte, então, a burguesia vai defender um modelo de vida, de amor, de maternidade, de tudo, não é, em oposição à aristocracia e afirmando a sua própria classe para os seus próprios valores. Eu acho que é importante a gente saber que toda essa ideologia, ela é legitimada pela ginecologia, pelos discursos médicos, porque nesse momento também está nascendo uma ginecologia moderna que se contrapõe à medicina anterior, que dizia que a mulher era igualzinho ao homem - menos. Então, até o final do século XVIII, se acredita que a mulher é como o homem. Ela tem todos os órgãos que o homem tem, só que pra dentro. Portanto, a mulher participa da procriação, ela tem sêmen e ela tem orgasmo. O século XIX vai dizer “não, essa medicina está errada”, os médicos, são médicos com médicos, a medicina está toda errada, mulher é completamente diferente do homem, o corpo dela, as necessidades, as possibilidades, as capacidades, ela é feita para a esfera da vida privada. E o homem é feito para a esfera da vida pública. E isso vai entrando com muita força e, por incrível que pareça, vigora até a década de 50 no Brasil e no mundo. Não é só no Brasil... reforçada pelo *american way of life*, por muitos outros padrões, e só vai explodir na década de 60. Isso que na década de 60 vai explodir, vai entrar a segunda onda do feminismo, aí tudo vai, aí a crítica é muito grande.

Professora, ao analisar essas colunas femininas do jornal *Correio da Manhã*, um dos jornais mais influentes do século XX no Brasil, nós percebemos que a colunista utiliza muitos termos, astúcia, dissimulação, sedução, como armas autenticamente femininas. Por quê?

Então, eu acho que isso faz parte de um imaginário também. Esse mesmo imaginário do século XIX que vai dizer que a mulher nasceu pro lar, pra vida, pra ser mãe, pra ter filhos, não é, tudo isso que a gente sabe, nós mulheres sabemos muito bem, ao mesmo tempo eles dizem: “Porém, há aquelas que não seguem os ditames da natureza. Não querem se casar, as solteironas, preferem ser freiras, ou não querem ter filhos... Essas pessoas são contra a natureza”. Ou então, ou elas vão pra uma castidade extrema, ou elas vão pra prostituição, pra um desejo acentuado. E essas são mulheres também que tendem a uma certa monstruosidade, digamos assim. Elas são excessivas, elas são extravagantes, elas são pessoas que gostam de cheiros fortes, de comidas fortes, de sensações fortes, de muita pintura, elas são muito carregadas, a roupa é muito decotada, tudo é muito. Então, eles vão dizer que existem aquelas que transgridem. A transgressão é vista como uma espécie de monstruosidade mesmo, de comportamento ou de manifestação de uma natureza contra a natureza. Elas são vistas como

pessoas que vão contra a natureza, contra aquilo que deveria ser a regra. Ora, então, a história das mulheres oscila muito entre essas duas imagens. Uma mulher santificada, a Virgem Maria, a mãe, o lar, *peteté*, o regime da família, a rainha do lar. E uma outra imagem que é a mulher fatal, a mulher perigosa, a mulher que, a Salomé, a Salomé corta a cabeça do João Batista, a mulher que devora, devoradora. Há uma, até agora, outro dia eu li no jornal uma notícia que era sobre a viúva negra. Aquela ideia da mulher-aranha. A viúva negra, a polícia estava perseguindo os traficantes de droga e a viúva negra, que tinha matado o marido, esquartejado, não sei o quê. Então, eu acho que é assim... Você vê muito... No século XIX, essas imagens são muito reforçadas. Tanto que no século XIX, na literatura, quem faz sucesso na literatura e no teatro é a Salomé, essa figura da mulher fatal, que é acoplada à prostituta. A mulher fatal não é necessariamente uma prostituta. Ela é uma mulher independente, sexualizadíssima, poderosa, mas não necessariamente ela é uma prostituta. Ela é uma mulher que não quer compromissos, independente. Como vai aparecer no cinema nos anos 30 com a Marlene Dietrich, que faz aquele famoso filme *O anjo azul*. Então, eu acho que é assim. As mulheres estão sempre polarizadas, até a década de 60, 70, 1960, 1970 pelo menos, por essa ideologia que, de um lado, define a mulher como a mulher, a identidade da mulher como sendo a casta, a mulher em geral não deve ter prazer, não deve ter desejo sexual, não deve ter... Ela é menos, não é. E, de outro lado, uma mulher que transborda, que é excessiva e que é perigosa. Essa é ameaçadora para a cultura. Ela é um perigo pra razão. Ela leva os homens à sedução, ao delírio...

Mas a coluna também ensina essa mulher domesticada, essa dona de casa perfeita, a usar, em pequenas doses...

Em pequenas doses. Porque, entendeu, é esse jogo, essa tensão entre a mulher ser... Porque, assim, se não houvesse também um sentimento de que a mulher não é tão comportada como deveria, não haveria um discurso tão forte, não é. Eu acho que é assim: a gente se deve perguntar por que há um discurso tão forte dizendo todo santo dia que a mulher tem que ser mãe, nasceu pra ser mãe, que a maternidade como os bichinhos, não é.... Quer dizer, ninguém precisa te dizer que você deve comer. Você come (*risos*). Você tem fome, você come. Quer dizer, se fosse tão natural assim, não precisaria ter uma série de discursos vindos da medicina, do direito, das elites, dos políticos, da igreja. Todos se reforçando... Em geral, homens. Em geral, é um discurso masculino também. É um discurso de gênero dizendo pra mulher quem ela é, onde ela deve ficar, como ela deve se comportar, como ela... E dizendo, então, que os homens... Os homens sabem quem eles são. Mas a gente não. A gente tem que... Então, eu

acho que, assim, hoje, com o crescimento dos estudos de mulheres, e trabalhos como esse que você está fazendo, a gente entendeu que é um discurso construído pelos homens de uma época, obviamente nem todos os homens pensaram isso sempre, das elites masculinas de uma época que entendem que existe uma possibilidade de ser mulher, que é a mulher casta *tararará*, e que está todo o tempo atento, porque ela pode escapar. Ela pode... é tênue o fio que leva a mulher, por exemplo, a jogos de sedução, a... ela tem uma certa... ela é parente da fatal. Quer dizer, a fatal está lá no outro extremo, mas de uma certa maneira é outra mulher. Então, eu acho que é assim um discurso que fica oscilando numa tensão entre um desejo de confinamento, de contenção, com umas pequenas brechas... Um pouco eu acho no sentido de dizer nem tudo está perdido. Você não é só a escrava do lar. Você é a rainha. Você é a rainha do lar. Mas a gente sabe que na prática foi um período de muita... Eu acho um período de... Que exigiu das mulheres muito heroísmo, não é. Porque as mulheres foram cortadas da cidade, da vida, de frequentar os bares, restaurantes, lazer, circular quando quisessem. Elas foram cortadas da vida social, da vida intelectual, as mulheres não podiam ir à universidade, não podiam estudar qualquer disciplina, não é, elas não podiam fazer Engenharia... E foram cortadas dos prazeres. As mulheres não podiam ter prazer sexual. Quer dizer, mesmo num casamento, uma esposa deveria ser contida sexualmente, não é. Quer dizer, há estudos mostrando casos de muita violência doméstica, porque a mulher teve um orgasmo na relação com o marido. É um heroísmo muito grande que se exigia das mulheres. E a gente hoje olha pra trás e pensa como é que essas mulheres seguraram essa peteca, não é. Porque uma coisa é a vida dos homens com todos os espaços desse mundo. A cidade é deles, os cargos públicos são deles, os empregos são deles, não é, a ciência é masculina, a arte é masculina, e às mulheres nada. Quer dizer, acho que hoje, a gente, né, 50 anos depois, 60, a gente vê uma conquista imensa. Mas precisou muita guerra, muita luta, está precisando, não é. Os registros de violência continuam muito altos contra as mulheres.

Professora, e quando também falam que são características essencialmente femininas a questão da generosidade, da sensibilidade, da doçura... Isso também é construído?

Totalmente. A gente sabe que o século XIX, esse século então em que vive a industrialização, a modernização, que se assusta também, que se assusta com um tipo de vida que já não é mais aquela vida calma, tranquila, onde todo mundo se conhece. O século XIX é um momento em que pela primeira vez na história surgem multidões, e as pessoas não sabem quem é quem. E elas não sabem como reconhecer quem se aproxima. Se é um bandido, se é um amigo. Todo mundo em princípio pode usar a mesma roupa. Então, como é que você decifra se é um rico,

um pobre... Esse século de muita turbulência social, de muita novidade, de muita transformação, ele também tem um esforço muito grande em criar categorias que fixam, que criam identidades. Então, é assim: mulheres são uma coisa só. Toda mulher é mãe. A mulher não tem desejo sexual. A mulher gosta mesmo é de ficar no lar. A mulher... Quer dizer, uma definição para todas. E esse século, essas elites dominantes dizem que isso é natureza. Então, é um discurso das elites que dizem que nós temos uma natureza inata, uma essência, e que pode olhar pro formato do corpo. O corpo prova que é parte da natureza feminina. Ora, se você vai pra outras épocas, os séculos XVII, XVIII, o XVI, Idade Média, Grécia Antiga, eles não têm essa ideia de natureza feminina. Isso é uma criação do século XIX. Mas não eram só as mulheres que tinham natureza. Todo mundo. Em princípio, um homem com uma orelha em asa tenderia a ser anarquista. Os homens de nariz adunco tenderiam a ser bandidos. As mulheres de quadril muito grande tenderiam a ser prostitutas. Existem os estudos do famoso doutor Cesare Lombroso que, aliás, era um socialista, imagine se não fosse, como um socialista ele entendia isso que você poderia decifrar o outro, a identidade do outro, pelo corpo. A sua natureza estava contida no seu próprio corpo, e isso desde que nasceu. Esses mitos foram completamente demolidos, da década de 60.... Cinquenta já começam as críticas, pra cá. E hoje a gente tem clara consciência de que são mitos, de que são... é um discurso ideológico, construído, não é... Agora, eu acho que a gente também tem que entender, quando a gente fala que é um discurso ideológico, que foi uma construção cultural das elites, eu penso que é importante observar que não é uma questão de maldade. É uma questão de regime de verdades. As pessoas acreditavam nisso, não é. Quando eu era pequena, todo mundo acreditava que a gente não deveria ter amizade com homossexuais. Também não deveria ter amizades com comunistas. As pessoas acreditavam nisso. Hoje, é politicamente incorreto. Hoje tem toda uma crítica. A sociedade está muito mais consciente, muito mais esclarecida. Eu queria dizer isso. Não é uma questão de maldade. De enganar o pobre, mas os ricos. Não. É um discurso das elites para ela, para suas famílias, para suas esposas... O médico que diz que a mulher é inferior ao homem, ele acha isso da filha dele. Ele acha que a filha dele tem que ser conduzida, que ela não pode fazer Engenharia... É o regime de verdades de uma época. Agora, como mudar isso aí, já é bem mais complexo.

Professora, por que o feminino é o gênero destinado à beleza? Você pega a imprensa feminina: beleza e moda como temas recorrentes, isso desde o século XIX...

Mas eu acho que... A ideia da beleza... Você tem razão. Eu não sou uma especialista em Grécia. Mas há pouco tempo eu li alguma coisa que dizia que os gregos não têm a noção de

que a beleza é o corpo feminino. Eles têm a noção de que a beleza é o corpo masculino. Várias coisas, práticas, várias atividades que são femininas, hoje, eram masculinas. Por exemplo, a dança. No século XVII, XVIII, a dança era masculina. Era o rei que, o rei Luís XIV, ele devia saber dançar porque ele devia ser estilizado, ele devia ter gestos delicados, finos, porque ele era o rei. Então, é uma sociedade em que os homens usam peruca, se pintam, usam salto.. A gente vê nos filmes, como *O Casanova e a Revolução*. Não existe esse padrão monocromático do homem. Eu penso que é um pouco.... O século XIX vai servir, a mulher vai sobrar pra enfeitar (*risos*).

Para agradar ao outro, para agradar ao homem.

Não só ao homem. Mas é... Vai sobrar beleza para as mulheres. Eu não sei exatamente por quê, não é. Talvez tenham outras explicações mais complexas a esse respeito. Mas, sem dúvida sobrou para as mulheres. Porque dos homens nunca se... Quer dizer, eu acho que no século XVIII, não. Mas eu acho que do século XIX pra cá a mulher tem que ser bonita, bem comportada, como se diz, recatada, casta, não é. No Código Penal, a mulher era... até 1988, agora, existiam duas figuras. A casta e a prostituta, a da vida. Ela é a pública. Mulher pública queria dizer prostituta até há pouco tempo, não é. Quer dizer, você diz isso pra uma moça de 20 anos, ela não acredita. Ela fala “não é possível”. Mas na minha geração a gente sabe muito bem, até na sua, não é, faz pouco tempo que houve essa mudança. A natureza é bela. A natureza é harmônica. A mulher é natureza, logo, ela é bela, ela tem que ser harmônica, tem que ser recatada. Ela tem que ser... enquanto que o homem está lançado na esfera pública. E a esfera pública é caótica, é difícil, é conturbada. É suja. É negra, escura, violenta. E o homem tem que enfrentar esse mundo. Eu penso que, se para as mulheres há um peso muito grande em termos de exigências, de normatividade, de imposições morais, pros homens também. Atualmente, que a gente trabalha com gênero, a gente se dá conta de que não dá pra dizer que só as mulheres estão confinadas em identidades... Os homens também foram. Pros homens, também foi muito difícil. Pros homossexuais, então, nem se fale. E os anos 50 são o grande momento da... da importância desse modelo, do privilégio desse modelo normativo de família, de amor, de maternidade, de feminilidade, de masculinidade; e de divisão do mundo, da população do mundo, em homossexuais e heterossexuais. Uma coisa que não existe antes do século XVIII. Não existe essa percepção de que o amor entre dois homens é homossexualidade. Os gregos não têm nem essa palavra.

E a mulher que fugisse a esse modelo, nos anos 50, professora, muita pressão?

Muita pressão. Muita pressão, não é. Então, como eu te digo, hoje você vê uma moça de 20 e poucos anos, que mora sozinha, que viaja pelo mundo, que não o quê. Como você olha para ela? Como uma mulher independente. Trinta, quarenta, cinquenta anos atrás como ela era vista? Como uma solteirona, que não arrumou marido, que não conseguiu... Então, ela era estigmatizada como uma figura incapaz. De sedução, de atração, de se realizar sua natureza verdadeira como mulher. Então, isso não é pouca coisa, não é. De um lado essa, a que não se casava. De outro lado, a que ia pra prostituição. Havia poucos espaços pras mulheres. Ou estava de um lado ou do outro. O mundo era muito isso ou aquilo, não é. Hoje, o mundo é mais plural. A gente tem uma relação diferente com essas questões. Mas até algumas décadas atrás o mundo era preto ou branco, céu/inferno, era muito polarizado, se lidava com essas oposições binárias muito fortes. E a mulher era muito stig... Mulher não tinha muita chance. Mesmo as mulheres, vamos dizer que... porque assim muitas mulheres escaparam disso. Eu falei das solteironas, falei das prostitutas, mas existem também aquelas profissionais como a Bertha Lutz, por exemplo...

Mas era uma minoria, não é...

Muito minoria. Mas essas mulheres que provaram.... Ela era uma grande bióloga. Então, que provaram, que foram respeitadas, como professoras, como literatas, como escritoras, mesmo assim era uma minoria muito grande e sofriam também muito estigma.

Se era pesado para as mulheres, esse modelo de mãe, dona de casa, esposa, só o confinamento, por que elas repetiam esse discurso? Por que elas aceitavam esses jogos de poder, professora? Inclusive, na imprensa, as que tinham acesso, a colunista também repetia esse discurso...

Um motivo muito básico. A colunista, se falasse um outro discurso, seria mandada embora. Você encontra colunistas falando o oposto disso, críticas, mas não nos jornais da grande imprensa. Você encontra nos jornais anarquistas, nos jornais feministas, nos jornais socialistas. Existe essa outra imprensa. Mas, certamente, se ela escrevesse na *Folha de S. Paulo*, ela seria posta pra fora, não é. Primeiro, esse jogo de preservação do emprego. Segundo, eu acho que é um regime de verdades, em que as pessoas acreditam, como eu estou te falando... É um momento em que... É difícil de explicar por que as coisas explodem na história. Por que um dia você vai dormir e a homossexualidade é uma monstruosidade, é uma patologia, e no dia seguinte já foi despatologizada, não é nada disso, e você tem que respeitar.

Quer dizer, o que aconteceu assim em alguns anos que houve esse 180 graus. Eu acho que isso é um pouco difícil de explicar, a mudança das mentalidades, das sensibilidades. Mas eu acho que é assim: um padrão normativo é repetido por um tempo por uma pressão de todos os lados, muito forte, porque você não tem saída, e as pessoas acreditam nisso, e você se convence de que você está errada, se você pensa diferente, você, “não, eu sou louca”, ou então, “não, não tem nada a ver”, então, você tem que se adaptar. Se a coisa fosse tão tranquila, ela não explodiria com a violência que foi na década de 60, não é. E, na década de 70. E de lá pra cá, esse padrão dançou. Pode até ter pessoas que o reproduzam. Mas ele é muito mais precário, digamos assim. Ele não tem a firmeza, a solidez que tinha numa época em que todo mundo falava no mesmo tom. É difícil. Mas, que as mulheres enfrentaram momentos muito difíceis, e enfrentam, e enfrentam. Só que hoje a gente tem a possibilidade de falar, de discutir, de fazer o que você está fazendo, ou o que eu faço, ou o que outras mulheres fazem, de ir à luta, e formarem seus grupos e porem a boca no trombone. Mas, no passado, as mulheres não podiam nem sequer falar. E certos assuntos eram tabus, e como ninguém, como a violência doméstica. Ninguém devia meter... Ninguém podia meter a colher na casa do outro porque...

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ninguém deve parecer mais velha do que é. Não somente o rosto deve ser embelezado: dicas para colo e pescoço. Quer emagrecer? Cultive sua boa aparência. Limpeza e beleza. Beleza é cuidado e perseverança. As vitaminas e a beleza. Valorize seus olhos. Evite as rugas. A importância do maquilage. Rugas e bolsas sob os olhos. Para reduzir o peso. Dormir para ser bela. Estes são alguns dos títulos de crônicas e notas encontradas no *Correio Feminino: Feira de Utilidades* em 1959, ano em que a seção foi lançada no *Correio da Manhã*. Num jornal de grande circulação, as páginas femininas eram consideradas complementares, secundárias, feitas para serem arrancadas pelo homem e entregues à esposa e às filhas. Criada sob o imperativo da publicidade, como espaço de valorização social da beleza feminina por meio do estímulo do consumo de cosméticos, a coluna de Helen Palmer contribuiu para fazer da aparência um dos principais sentidos da identidade da mulher brasileira no século XX.

Ser bela para agradar ao outro. Ser bela para alcançar sucesso no espaço privado. Ser bela para garantir (e manter) um casamento. O conteúdo da imprensa feminina nesse período, como afirma Lipovetsky (2000), reforça a definição do feminino como gênero destinado à beleza. A linguagem adotada é direta e simples. Com elegância e discrição, Helen afirma que a beleza pode ser comprada. Com a democratização das informações – e, conseqüentemente, com o fim da cultura da confidência-, a imprensa feminina avisa que os cuidados corporais dependem, além dos cosméticos, de um intenso trabalho de autoconstrução. O artifício transformou em beleza “para todos” aquilo que parecia ser natureza ou exceção, diz Vigarello (2006).

A beleza, segundo Helen Palmer, pode ser importante aliada do poder-sedução, um imperativo feminino na arte da conquista. Mas, apesar de contratada para tentar aumentar as vendas dos produtos da indústria Pond’s, Helen/Clarice não se limitou a tratar desse tema. A coluna abordou também moda, culinária, cuidados com a casa e com os filhos, o velho *menu* oferecido pela imprensa às mulheres desde o século XIX. Ao seguir as *sugestões* apresentadas pela Pond’s de escrever especificamente para mulheres, era assim que Helen entendia como deveriam ser os assuntos femininos veiculados na coluna.

Ao realçar a imagem social da dona de casa, esposa, mãe e educadora, a colunista contribuiu para legitimar a ideia de que a mulher tem naturalmente uma missão utilitária, mas também de adorno, no lar, uma identidade voltada exclusivamente para papéis domésticos. Observamos que *Feira de Utilidades* reproduz, por meio de texto, desenho e fotografia

normas legadas pela história, como as diferenças entre o que é classificado como masculino e feminino. São reafirmações identitárias que legitimam o lugar e o papel social da mulher.

Se, em nome do consumo, a personagem Helen Palmer deveria dar conselhos sobre beleza e elegância, o caminho encontrado pelo *Correio da Manhã* foi contratar Clarice Lispector que, além de dominar a escrita, era considerada uma pessoa refinada. A sofisticação foi adquirida durante os quase dezesseis anos em que viveu no exterior como esposa de diplomata. Sem precisar se expor nesse tipo de imprensa, talvez considerada fútil por uma renomada escritora, ela cumpriu sua função no jornal, num momento em que precisava aumentar sua renda.

A pesquisa aponta que, na imprensa feminina do recorte cronológico proposto pelo estudo, as mulheres são imaginadas, representadas. E sutilmente educadas – ou diretamente instruídas – para assumir papéis. Uma educação voltada para o olhar masculino, elaborada para agradar, seguir uma hierarquia das relações de gênero – o que reafirma que a mulher, até então, não dispunha do governo de si. Posto esse quadro, os conselhos que apareciam nas colunas formavam um guia de conduta por meio do qual a mulher encontraria a felicidade no lar, desde que seguisse sua “vocação natural”.

Mas, os ensinamentos veiculados pela coluna não são apenas alienação (CAMPOS, 2014; LIPOVETSKY, 2000; VIGARELLO, 2006). Ao mesmo tempo em que difunde o modelo ideal de beleza (magreza e juventude), o periódico também expressa a busca por liberdade individual. A partir do século XX, a imprensa feminina confere às mulheres uma espécie de poder feminino – a beleza como prestígio social. Ser bela não é mais um dom divino ou uma dádiva da natureza.   possível obter conquistas pessoais por meio de trabalho de autoapropria  o e autocriação. A beleza-destino cedeu o lugar   beleza-responsabilidade (LIPOVETSKY, 2000, p. 162).

Assim sendo, *Feira de Utilidades* traz pequenas lições que ensinam a utilizar a astúcia e a dissimulação, armas consideradas autenticamente femininas. A mulher é apresentada como um ser ambíguo e contraditório, misterioso e imprevisível (ENGEL, 2012, p. 332). Qualificada como naturalmente frágil e sensível, ela também poderia ser socialmente perigosa. Portanto, deveria ser submetida a um conjunto de rigorosas normas. As armas femininas devem, sim, ser usadas. Mas, em pequenas doses, dizia Helen, para que não se ultrapasse a fronteira entre o bem e o mal, a virtude e a degradação.

Helen Palmer afirma que sua *amiga* precisa dominar a arte de receber o marido, sempre com a casa limpa e refeições gostosas; deve manter-se atraente e elegante, mas na justa medida. Juventude e emagrecimento são palavras de ordem nesse contexto. A coluna,

dessa forma, parece ter um poder de normalização de gostos, de conformação estética. São textos que cumprem um papel pedagógico, pois são produzidos para educar para um modo de ser e de estar no mundo. Está, no entanto, em consonância com os valores em circulação no meio social.

Para entender por que a colunista reproduzia modelos tradicionais de feminilidade e repetia dicas e conselhos que procuravam controlar a vida da mulher – seus gestos, suas condutas e suas crenças – é preciso estar atento para o que Rago (2014) chama de regime de verdades. A historiadora explica que as pessoas, de uma determinada época, realmente acreditavam nos valores e códigos morais que exaltavam a educação para a virgindade, para o casamento indissolúvel, para a maternidade, para os cuidados com a casa e os filhos, para a passividade e para o silêncio. Além disso, ressalta Rago, a colunista estava sujeita ao jogo de preservação do emprego. Se não seguisse a lógica do mercado, seria demitida do jornal. O regime de verdades sobre o universo feminino, tal qual era propalado desde o século XIX, só começou a ser questionado no fim dos anos 1960 e início dos anos 1970, quando iniciou o movimento em direção à ruptura dos padrões tradicionais impostos às mulheres.

Consideramos, sim, que a imprensa feminina tem poder de influência sobre o comportamento do público, mas descartamos seu caráter “todo-poderoso”. Concordamos com Lipovetsky (2000) quando afirma que a imprensa não cria a demanda feminina de beleza. “A mídia menos produz o desejo feminino de beleza do que o exprime e o intensifica” (LIPOVETSKY, 2000, p. 167). As leitoras, portanto, não devem ser vistas como seres passivos. Ao folhear páginas femininas, elas escolhem o que vestir, que maquiagem usar, que tipo de penteado gostariam de testar. Como Luca (2014), acreditamos na liberdade criativa. Para ela, “por mais que os meios de comunicação de massa nos digam o que fazer, como ler, como entender, como compreender, como nos comportar, existe uma apropriação criativa”. Segundo a historiadora, “se a gente só reproduzisse, talvez a gente estivesse na Idade da Pedra [...]”. Ela enfatiza que “temos a possibilidade de ler e de interpretar a partir de outros pressupostos que não os deles (*meios de comunicação*)”.

É possível observar, no entanto, que *Feira de Utilidades*, além de reforçar permanências, provoca algumas rupturas em relação a antigas representações observáveis na imprensa feminina. Ao mesmo tempo em que enfatiza valores, padrões e comportamentos socialmente aceitos – que consagram o papel da “rainha do lar” –, a coluna não ignora as mudanças em curso, como o começo do deslocamento, embora lento, da mulher urbana de classe média para o trabalho fora de casa. Mesmo que, num primeiro momento, pareça haver uma rejeição social do trabalho feminino e haja uma exaltação do culto da mulher no lar,

surtem algumas publicações de dicas e conselhos para ajudar a nova trabalhadora a enfrentar os desafios fora dos limites da casa, desde que haja controle dos gestos.

Por meio de algumas respostas às cartas de leitoras enviadas ao *Correio da Manhã*, talvez, seja possível analisar quais eram as demandas desse determinado grupo de mulheres naquele período. As brechas que nos deixam ver algumas rupturas e a análise de cartas de leitoras são problematizações que podem lançar luz sobre novos caminhos que podem ser trilhados em investigações futuras. O caminho da investigação, da observação, da análise crítica. Desvendar o passado é uma das senhas para que se compreenda o presente, suas angústias, seus valores e seus dilemas.

O produto da reconstrução de *Feira de Utilidades* é o videodocumentário *O espelho de Amélia: a feira de Helen Palmer no Correio da Manhã* que, ao percorrer os terrenos e romper as fronteiras da História e da Comunicação, procura interpretar o passado e ajuda a entender a sociedade em que vivemos. Esse contato do pesquisador com a fonte histórica, como mostrou Darnton (2010, p. 12), altera o sentido do que pode ser conhecido, mostra como o passado opera subterraneamente no presente: “a história não se deixa confinar no passado e vem até o presente, empurrando e impelindo coisas que parecem imobilizadas num estrito quadro temporal”. Falamos por Helen. Falamos por Clarice. “É a insondável estranheza da vida entre os mortos”.

REFERÊNCIAS

Fontes utilizadas

AQUINO, Carlos. Focalizando Margarida Rey. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 24 mar. 1961. 2º Caderno, p. 1.

ASSUMPTOS femininos. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 6 dez. 1925. Suplemento, p. 5.

_____. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 5 jan. 1930. Suplemento, p. 3.

_____. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 25 abr. 1937. Suplemento, p. 3.

ATALA, Fuad. **Fuad Atala**: depoimento. Entrevistadora: Renata Maria de Oliveira Neiva. Rio de Janeiro, nov. 2013. Vídeos digitais. Entrevista concedida ao Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

BASTA! **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 1, 31 mar. 1964.

BELA. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 7, 11 jan. 1970.

BELINHA. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 10 jan. 1970. Caderno Anexo, p. 2.

BITTENCOURT, Edmundo. Correio da Manhã. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 1, 15 jun. 1901.

CADERNO Feminino. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 6 maio 1962. 5º Caderno, p. 1-10.

CALDEIRA, Alvaro. Consultorio da Creança. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 30 out. 1932. Suplemento Assumptos Femininos, p. 3.

CASTRO, Ruy. **Ruy Castro**: depoimento. Entrevistadora: Renata Maria de Oliveira Neiva. Rio de Janeiro, fev. 2014. Vídeos digitais. Entrevista concedida ao Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

COISAS femininas. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 13 set. 1925. Suplemento, p. 4.

CONDÉ, José. Escritos e livros. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 26 ago. 1959. 2º Caderno, p. 2.

CONSELHOS de beleza. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 6 out. 1940. Suplemento, p. 4.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro: [s.n.], p. 1-6, 15 jun. 1901.

CORREIO DAS MODAS, JORNAL CRITICO E LITTERARIO. Rio de Janeiro: [s.n.], 1839.

CORREIO Feminino. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 2-4, 26 ago. 1956.

_____. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 16 abr. 1963. 2º Caderno, p. 4.

CURIOSIDADES Femininas. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 1 nov. 1925. Suplemento, p. 7.

O ESPELHO DIAMANTINO. Rio de Janeiro: [s.n.], 20 set. 1827.

FÁBRICA de luvas de pellica (chapeos para senhoras, meninas e creanças). **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 4, 15 jun. 1901.

FORA! **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 1, 1 abr. 1964.

FRANÇA, Eurico Nogueira. Música: evolução musical. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 24 mar. 1961. 2º Caderno, p. 3.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Hemeroteca Digital Brasileira**. [Rio de Janeiro, jul. 2012].

GISMONDI, Luiz. Ronda dos clubes. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 24 mar. 1961. 2º Caderno, p. 4.

GOMES, João Carlos. *Teen-Age*. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 24 mar. 1961. 2º Caderno, p. 2.

O HOMEM e os caprichos feministas. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 28 set. 1930. Suplemento Correio Feminino, p. 4.

ITINERÁRIO de romancista: conversa com Clarice Lispector: direito penal e vida. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, 25 jun. 1950. Suplemento Artes, p. 5.

KEHL, Renato. As mulheres e o *sport*. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 14 ago. 1930. Suplemento Assumptos Femininos, p. 2.

LAMARE, Germana de. **Germana de Lamare**: depoimento. Entrevistadora: Renata Maria de Oliveira Neiva. Rio de Janeiro, nov. 2013. Vídeos digitais. Entrevista concedida ao Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

O LAR domestico. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 7, 22 mar. 1903.

LISPECTOR, Clarice. **Panorama com Clarice Lispector**. Entrevistador: Júlio Lerner. São Paulo: TV Cultura, 1977. 1 vídeo (28 min 31 s), son., color. Disponível no Youtube.

A L'OPERA Modes de Paris (especialidade em leques e perfumarias finas). **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 4, 15 jun. 1901.

LUCA, Tania Regina. **Tania Regina de Luca**: depoimento. Entrevistadora: Renata Maria de Oliveira Neiva. São Paulo, abr. 2014. Vídeos digitais. Entrevista concedida ao Programa de

Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

LUGOLINA. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 7, 22 mar. 1903.

MAURÍCIO, Jayme. Itinerário das artes plásticas. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 26 ago. 1959. 2º Caderno, p. 2.

A MODA de hoje e de amanhã. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 6 out. 1940. Suplemento, p. 4.

MODAS, modelos e curiosidades femininas. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 27 set. 1925. Suplemento, p. 4.

MONTENEGRO, Ribas. O homem e os caprichos feministas. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 28 set. 1930. Suplemento: Correio Feminino, p. 4.

NELLY. Quitutes... de forno e fogão. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 24 mar. 1961. 2º Caderno, p. 4.

O NOVO suplemento dominical e seu novo formato. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 1, 16 maio 1937.

PALESTRA Feminina. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 11 jul. 1926. Suplemento, p. 11.

PALMER, Helen. Adão e a beleza. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 11 maio 1960a. 2º Caderno, p. 5.

_____. Apresentação. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 20 maio 1960b. 2º Caderno, p. 5.

_____. Beleza é cuidado e perseverança. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 25 nov. 1959a. 2º Caderno, p. 5.

_____. Cirurgia plástica. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 2 set. 1959b. 2º Caderno, p. 5.

_____. A colaboração no lar. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 15 jan. 1960c. 2º Caderno, p. 5.

_____. Conforme a altura... as medidas exatas. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 13 nov. 1959c. 2º Caderno, p. 5.

_____. Conselho para as espôsas e... para os maridos piratas. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 23 set. 1959d. 2º Caderno, p. 5.

_____. Correio Feminino: feira de utilidades. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, fev.1959/jun.1960. 2º Caderno.

_____. Cuide de seus nervos. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 1 jan. 1960d. 2º Caderno, p. 5.

_____. Cultive sua boa aparência. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 27 nov. 1959e. 2º Caderno, p. 5.

_____. O dever da faceirice. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 23 dez. 1959f. 2º Caderno, p. 5.

_____. Dirigir um lar. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 24 fev. 1960e. 2º Caderno, p. 5.

_____. Elegância e beleza... depois dos 40. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 26 ago. 1959g. 2º Caderno, p. 5.

_____. Entrar num carro. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 11 mar. 2013. 2º Caderno, p. 5.

_____. Feira de utilidades. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, jun.1960/maio de 1961. 2º Caderno.

_____. Felicidade conjugal. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 22 abr. 1960f. 2º Caderno, p. 5.

_____. Gestos, palavras, atitudes. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 19 fev. 1960g. 2º Caderno, p. 5.

_____. Um homem entre mulheres. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 11 mar. 1960h. 2º Caderno, p. 5.

_____. As jóias. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 22 abr. 1960i. 2º Caderno, p. 5.

_____. O lar e o trabalho. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 14 out. 1960j. 2º Caderno, p. 5.

_____. A mulher e o preconceito. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 16 mar. 1960k. 2º Caderno, p. 5.

_____. Uma mulher esclarecida. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 21 ago. 1959h. 2º Caderno, p. 5.

_____. As mulheres e os homens. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 20 maio 1960l. 2º Caderno, p. 5.

_____. Nervos... e gordura. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 8 jan. 1960m. 2º Caderno, p. 5.

_____. Nervos, nervos, nervos. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 18 maio 1960n. 2º Caderno, p. 5.

_____. Objetos de porcelana. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 20 maio 1960o. 2º Caderno, p. 5.

_____. Para a conservação das rendas finas. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 25 dez.

1959i. 2º Caderno, p. 2.

_____. Para a sua beleza. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 30 set. 1959j. 2º Caderno, p. 5.

_____. Para as que trabalham fora. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 25 mar. 1960p. 2º Caderno, p. 5.

_____. Para servir champanha. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 6 fev. 1960q. 2º Caderno, p. 5.

_____. Pratos... e vinhos. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 8 jan. 1960r. 2º Caderno, p. 5.

_____. Receita de casamento. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 9 mar. 1960s. 2º Caderno, p. 5.

_____. Se você é nervosa. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 20 nov. 1959k. 2º Caderno, p. 5.

_____. Sedução e feminilidade. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 30 dez. 1959l. 2º Caderno, p. 5.

_____. Sem título. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 6 fev. 1960t. 2º Caderno, p. 5.

_____. Ser mãe... **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 9 set. 1959m. 2º Caderno, p. 5.

_____. Vida em comum. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 22 jul. 1960u. 2º Caderno, p. 5.

_____. As vitaminas e a beleza. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 2 dez. 1959n. 2º Caderno p. 5.

PINSKY, Carla. **Carla Pinsky**: depoimento. Entrevistadora: Renata Maria de Oliveira Neiva. São Paulo, abr. 2014. Vídeos digitais. Entrevista concedida ao Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

PINTO, Manoel de Sousa.. A moda nova. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 7 maio 1911. A hora do Correio, p. 1.

PINTO, Rossini. Esquina sonora. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 24 mar. 1961. 2º Caderno, p. 4.

RAGO, Margareth. **Margareth Rago**: depoimento. Entrevistadora: Renata Maria de Oliveira Neiva. Uberlândia, abr. 2014. Vídeos digitais. Entrevista concedida ao Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

ROUPA esporte de inverno, clássica, sempre em moda. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 26 ago. 1959. 2º Caderno, p. 5. Croqui APLA.

SUPLEMENTO Feminino. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 1, 9 maio 1937.

_____. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 1, 18 fev. 1940.

VAMOS falar de mulheres? **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 5, 26 ago. 1956.

Bibliografia geral

ABREU, Alzira Alves de. Mulheres e imprensa: passado e presente. In: RIBEIRO, Ana Paula Goular; HERSCHMANN, Micael (Org.). **Comunicação e história**: interfaces novas abordagens. Rio de Janeiro: Mauad, 2008. p. 147-158.

AGONIA de um bravo. In: BRAGA, Regina Stela (Ed.). **Correio da Manhã**: compromisso com a verdade. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade Rio, 2002. p. 35-36. (Cadernos de Comunicação. Série Memória, v. 1). Disponível em:
<http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/cadernos_comunicacao/memoria/memorial.pdf>. Acesso em: 23 maio 2014.

ANDRADE, Jéferson Ribeiro de. **Um jornal assassinado**: a última batalha do Correio da Manhã. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1991.

ATALA, Fuad. Evocação sem nostalgia. In: BRAGA, Regina Stela (Ed.). **Correio da Manhã**: compromisso com a verdade. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade Rio, 2002. p. 39-41. (Cadernos de Comunicação. Série Memória). Disponível em:
<<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204434/4101412/memorial.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2013.

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla B. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 23-80.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil - 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

BELTRÃO, Luiz. **A imprensa informativa**: técnica da notícia e da reportagem no jornal diário. São Paulo: Folco Massucci, 1969.

BONFIM, Maria Cláudia de Mesquita. Mulheres, quase sempre (ou) Uma história de amor. In: RIO DE JANEIRO. Prefeitura do Rio de Janeiro. Secretaria Especial de Comunicação Social. **Mulheres em Revista**: o jornalismo feminino no Brasil. Rio de Janeiro, jun. 2002. (Cadernos de Comunicação. Série Memória). Disponível em:
<<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204434/4101415/memoria4.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2014.

BORELLI, Olga. **Clarice Lispector, esboço para um possível retrato**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

BITTONI, Dulcília Schroeder. **Mulher de papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Summus Editorial, 2009.

CAMPOS, Raquel Discini de. A educação do corpo feminino no Correio da Manhã (1901-1974): magreza e envelhecimento. 2014. In: CONGRESO IBEROAMERICANO DE HISTORIA DE LA EDUCACIÓN LATINOAMERICANA, 11., 2014, Toluca. **Livro de resúmenes**. Toluca: Universidad Pedagógica Nacional, 2014. Disponível em: <<http://www2.cmq.edu.mx/gescon/index.php/cihela/cihela2014>>. Acesso em: 28 maio 2014.

_____. Floriano Lemos no Correio da Manhã, 1906-1965. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 20, supl., p. 1333-1352, nov. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v20s1/0104-5970-hcsm-20-s-1333.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2013.

_____. Um intelectual viajante: Floriano de Lemos no sertão paulista (1926-1930). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 30, n. 60, p. 157-173, 2010.

_____. **Mulheres e crianças na imprensa paulista**: educação e história. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

_____. No rastro de velhos jornais: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da história da educação. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, SP, v. 11, n. 1, p. 45-70, 2012. Disponível em: <<http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/view/320>>. Acesso em: 13 jun. 2013.

CASTRO, Bertholdo. O Correio ainda vive. In: BRAGA, Regina Stela (Ed.). **Correio da Manhã**: compromisso com a verdade. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade Rio, 2002. p. 45-47. (Cadernos de Comunicação. Série Memória). Disponível em: <http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/cadernos_comunicacao/memoria/memorial.pdf>. Acesso em: 26 out. 2013.

CASTRO, Ruy. **Chega de saudade**: a história e as histórias da Bossa Nova. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **O leitor apaixonado, prazeres à luz do abajur**. Organização de Heloísa Seixas. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CERTEAU, Michel de. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques (Comp.). **História**: novos problemas. 3. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988. p. 17-48.

CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica). **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 4, p. 37-47, 1995.

_____. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990.

_____. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 11, n. 5, p. 173-191, 1991.

CHARTIER, Roger (Org.) **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro**. O mais completo guia da arte e da técnica de escrever para televisão e cinema. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

CORREIA, Luiz Antonio Villas-Boas. **Villas-Boas Correia (depoimento, 1997)**. Rio de Janeiro: FGV, CPDOC: ALERJ, 1998. Disponível em:
<<http://www.fgv.br/cpdoc/historal/arq/Entrevista588.pdf>> Acesso em: 23 set. 2013.

COURBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Org.). **História do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2009. v. 1-3.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Tenha Modos! Manuais de Civilidade e Etiqueta na Escola Normal (1920-1960). In: **Comunicação Coordenada: De cor e salteado para ver e viver: lições em manuais do século XIX e XX**. VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Uberlândia-MG. 17-20 de abril de 2006.

CUNHA, Maria Teresa. Diários Pessoais: Territórios abertos para a História. In: PINSKY, Carla Bassanezi, LUCA, Tania Regina (orgs.) **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 251-279.

DARNTON, Robert. Jornalismo: toda notícia que couber, a gente publica. In: _____. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 76-109.

DEL PRIORE, Mary; PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

DINES, Alberto. **O papel do jornal: uma releitura**. São Paulo: Summus, 1986.

ENGEL, Magali. Psiquiatria e feminilidade. In: DEL PRIORE, Mary; PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 322-361.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. Edição atualizada e ampliada. São Paulo: Edusp, 2012.

FREYRE, Gilberto. **Modos de homem & modas de mulher**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GADINI, Sérgio Luiz. Grandes estruturas editoriais dos cadernos culturais : Principais características do jornalismo cultural nos diários brasileiros. **Fronteiras Estudos Midiáticos**, São Leopoldo, v. 8, n. 3, p. 233-240, 22 set. 2006. Trimestral.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.

GODINHO JÚNIOR, Ivandel. Quadrinhos brasileiros: do Saci Pererê ao Karma de Gaargot: Pererê, Mônica e os “bichos” contra os estrangeiros, a televisão e outros bichos. **Opinião**, Rio de Janeiro, 7 jan. 1974. Tendências e Cultura, p. 15. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=123307&pagfis=1421&pesq=&esrc=s>>. Acesso em: 28 out. 2013

GÓIS, Edma Cristina Alencar de. **O dever da faceirice**: o corpo e feminidade no colonismo e na ficção de Clarice Lispector. 2007. 103 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Práticas Sociais) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2007.

GOTLIB, Nádya Battela. **Clarice fotobiografia**. São Paulo: Edusp, 2009.

_____. **Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2013. Disponível em: <<http://claricelispectorims.com.br/Facts>>. Acesso em: 25 ago. 2013.

_____. **Clarice, uma vida que se conta**. São Paulo: Edusp, 2011.

GURJAN, Fernanda. Vamos falar de mulheres? In: BRAGA, Regina Stela (Ed.). **Correio da Manhã**: compromisso com a verdade. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade Rio, 2002. p. 55-57. (Cadernos de Comunicação. Série Memória, v. 1). Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204434/4101412/memoria1.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2014.

LAMARE, Germana de. Clarisse [sic] Lispector esconde um objeto gritante. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 1, 5 mar. 1972.

LAZARSFELD, Paul F.; MERTON, Robert K. Comunicação de massa, gosto popular e organização da ação social. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de massa**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

LANVIN (França). **125 Lanvin 1889 Paris 2014**: L'Histoire Lanvin, 125 ans de création. 2014. Disponível em: <<http://125ans.lanvin.com/#biographieJL>>. Acesso em: 20 fev. 2014.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**. A moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

_____. **A terceira mulher**. Permanência e revolução do feminino. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

LISPECTOR, Clarice. **Correio feminino**. Organização de Aparecida Maria Nunes. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

_____. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. **Entrevistas**. Organizado por Claire Williams. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

_____. **Só para mulheres**: conselhos, receitas e segredos. Organização de Aparecida Maria Nunes. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. 5. ed. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary; PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 443-481.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 9-34.

LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos: trajetórias e perspectivas analíticas. In: PINSKY, Carla B. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111-154.

_____. Imprensa feminina: Mulher em revista. In: PINSKY, Carla; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 447-468.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MEMÓRIA GLOBO (Rio de Janeiro) (Ed.). **Ilka Soares**. 2001. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/ilka-soares/trajetoria.htm>>. Acesso em: 9 maio 2001.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 2001.

MOSER, Benjamin. **Clarice**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Exposição Clarice Lispector: a hora da estrela**. São Paulo, 2007. Catálogo de exposição.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

NOVAES, Joana de Vilhena. Beleza e feiúra. Corpo feminino e regulação social. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **A história do corpo no Brasil**. Ed. UNESP, 2011. p. 477-506.

NUNES, Aparecida Maria. **Clarice Lispector: Clarice na cabeceira**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

_____. **Clarice Lispector Jornalista: páginas femininas & outras páginas**. São Paulo: Senac, 2006.

PERROT, Michele. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. O silêncio do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel (Org.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Ed. UNESP, 2003. p. 13-27.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

PINSKY, Carla. Imagens e representações 1: a era dos modelos rígidos. In: PINSKY, Carla; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012a. p. 469-512.

_____. Imagens e representações 2: a era dos modelos flexíveis. In: PINSKY, Carla; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012b. p. 513-543.

_____. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary; PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012c. p. 607-639.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. Fronteiras e espaços do privado. In: PROST, Antoine; VINCENT, Gerard (Org.). **História da vida privada: da primeira guerra aos nossos dias**. São Paulo: Cia das Letras, 1992. v. 5.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário: da pré-produção à pós-produção**. Campinas, SP: Papyrus, 2009. (Coleção Campo Imagético).

RAGO, Margareth. A colonização da mulher. In: _____. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 61-116.

_____. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary; PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 578-606.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** São Paulo: Senac, 2008.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Clientelismo, corrupção e publicidade: como sobreviviam as empresas jornalísticas no Rio de Janeiro dos anos 50. **Contracampo: Revista do PPGCOM-UFF**, Niterói, n. 4, 1999. Disponível em:

<<http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/336/217>>. Acesso em: 21 dez. 2013.

ROSEMBERG, Fúlvia. Mulheres educadas e educação das mulheres. In: PINSKY, Carla; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 333-359.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Corpo e beleza: "Sempre bela". In: PINSKY, Carla; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 105-125.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi (Org.). **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2009.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A história da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary; PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 401-442.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VIGARELLO, Georges. **História da beleza**: o corpo e a arte de se embelezar, do Renascimento aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.